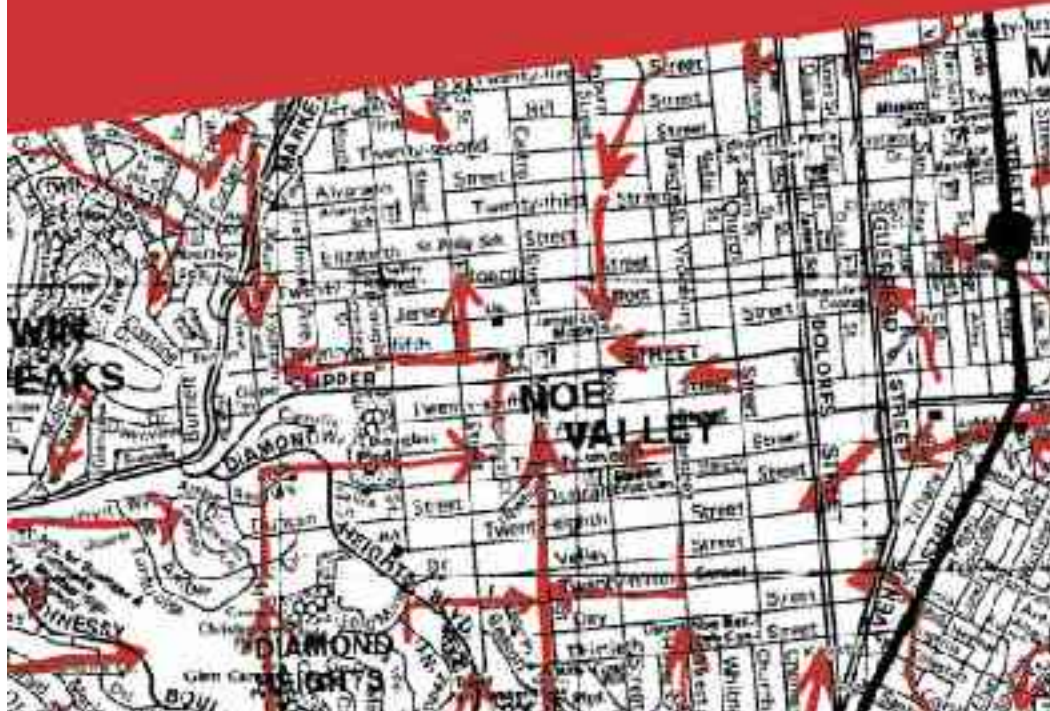


BADERNA

URGÊNCIA DAS RUAS

BLACK BLOCK, RECLAIM THE STREETS
E OS DIAS DE AÇÃO GLOBAL

NED LUDD (org.)



SABOTAGEM



Para outras obras livres acesse:

www.sabotagem.cjb.net

Organizador: Ned Ludd (Coletivo Baderna)

Título: Urgência das ruas: Black Block, Reclaim The Streets e os Dias de Ação Global

Capa: Giseli Vasconcelos & Marcelo Ramos

Tradução: Leo Vinícius

Data Publicação Original: 2002

Data da Digitalização: 2005



Esta obra foi reformatada, revisada pelo *Coletivo Sabotagem*. Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição.

SUMÁRIO

Antes de tudo...	05
AGP e o início dos Dias de Ação Global	13
O J18 em Londres (OMC) - Janeiro de 1999	18
Texto do panfleto internacional, 18 de junho de 1999	19
O que foi o dia 18 de Junho?	22
Abandone o ativismo	24
A ideologia da "globalização"	38
OMC - Por que totemizar a opressão?	42
A Batalha de Seattle (OMC) - Novembro de 1999	46
O que foi o dia 30 de novembro (1999)?	47
Comunicado do N30 Black Block pelo coletivo ACME	50
Entrevista com participante do Black Block do N30	58
Sobre desorganização	64
Washington (Banco Mundial e FMI) - Abril de 2000	66
Dossiê antiglobalização/EUA - Black Block...	68
Black Block de Los Angeles...	79
Reação Global (Mayday) - Maio de 2000	82

A política das ruas: uma resposta à cobertura da mídia do MayDay	84
Um S.O.S. ao MayDay: Terceira Onda versus Terceira Via	87
A Batalha de Praga (FMI) - Setembro de 2000	97
A polícia se prepara para Praga	98
Praga: um relato recebido...	100
Situação nas prisões	111
Entrevista com participante da Ação Global dos Povos	113
Cercando a ALCA	119
Usar uma camiseta toma você um terrorista	120
Por integrantes do Black Block – Canadá	122
Radicalize! Construindo a resistência à ALCA...	140
Comitê de Boas-Vindas ao Encontro das Américas (CASA)	144
O Black Block em Quebec: uma análise	147
O Cerco de Gênova (G8 e FMI) - Julho de 2001	150
Contra a criminalização do Black Block	154
Gênova, Itália: um relato	156
Gênova, 21 de julho... impressões após os distúrbios	182
De um irlandês no Black Block	184
Depois de Gênova	186
Não nos salvemos à custa do Black Block	187
Carta de dentro do Black Block	189
Uma entrevista com usuários do Black Block	191
Explicação da motivação do bloco negro/anarquista	192
Gênova: indo além do debate sobre a violência...	197
Um trabalho Italiano	207
Nova chamada à ação da convergência anticapitalista	208
Era assim antes...	219

ANTES DE TUDO...

Este livro não é sobre o "movimento antiglobalização". Tal movimento foi criado na tela da TV e nas colunas dos jornais burgueses. Infelizmente, cada vez mais pessoas que têm protestado nas ruas do mundo estão assumindo essa identidade forjada pela mídia, delegando assim explicitamente esse poder a ela. A definição dos próprios termos da discussão, impondo assim limites a uma suposta dissidência, é o próprio diagnóstico da saúde de qualquer relação de poder.

Ele também não pretende ser um retrato totalizante dos grupos e pessoas - seus pensamentos e formas de ação - que têm ocupado as ruas de Seattle, Washington d.C., Londres, Praga, Quebec, Gênova... Aprender tamanha diversidade exigiria uma enciclopédia e não apenas um volume, se é que tal empreendimento é possível. Reduzir a complexidade da vida transformando-a em produto para o consumo de espectadores é a especialidade da mídia. Deixemos esse trabalho sujo a ela.

O fenômeno das manifestações-bloqueio em encontros dos gestores do capitalismo internacional, ou mais genericamente os Dias de Ação Global, que têm impedido e perturbado as reuniões de instituições reguladoras do capitalismo global - como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Banco Mundial (BM), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) - nos países da Europa e da América do Norte, gerando verdadeiras batalhas nas ruas, tem sido um fator importante de deslegitimação, senão das instituições capitalistas como 'um todo, ao menos do pensamento econômico neoclássico que tem pautado de forma absolutista as políticas ditadas pelo BM, FMI, OMC, BID.

A partir desse processo de deslegitimação da vertente neoliberal do capitalismo, a contestação praticada nas ruas, organizada basicamente por grupos de afinidade de forma autogestionária, isto é, não-hierárquica, não-burocrática e autônoma, naturalmente tenta ser capitalizada na forma de dividendos políticos pela esquerda capitalista: representada por ONGs (Organizações Não Governamentais) e partidos que buscam maior espaço na gestão do capitalismo. Afinal, transformar os impulsos de revolta contra a sociedade instituída em simples reivindicações compatíveis com o imaginário instituinte da sociedade capitalista sempre foi a prática da esquerda institucionalizada.

De qualquer forma, o fato é que uma resistência anticapitalista e antiautoritária tomou com força nessa virada de milênio os palcos das ruas da Europa e da América do Norte. Esse tom anticapitalista e libertário que anima os Dias de Ação Global e as manifestações-bloqueio - nascido das selvas de Chiapas (México), da música verdadeiramente underground (não de *Rage Against The Machine* como gostam de citar os jornais burgueses), de *raves*, de *squats*¹ e *infoshops* anarquistas - ao mesmo tempo que é por demais evidente e enormemente significativo, tende a ser desprezado e preterido cada vez mais pela mídia e pelos capitalistas de esquerda, o que não poderia deixar de ser diferente. Qual será o espaço reservado para esses anticapitalistas e antiestatistas na história oficial? Serão eles engolidos nessa massa uniforme que chamam “movimento antiglobalização”, “povos de Seattle” ou “povo de Porto

¹ Casas ou prédios abandonados, que são transformados em locais de moradia e centros culturais e sociais. (N.T.)

Alegre?” E suas energias serão lembradas como se tivessem sido postas a serviço do cancelamento da dívida do terceiro mundo, da taxaço do capital financeiro ou do orçamento participativo municipal? Servirão os "radicais" libertários de bucha de canhão e tropa de choque para o ganho político dos capitalistas de esquerda? A resposta será dada também pela capacidade de articulação e estruturação dessa resistência anticapitalista e libertária.

Os textos apresentados aqui formam uma coletânea de relatos, comunicados, artigos e entrevistas de participantes de "grupos" anticapitalistas e antiautoritários com presença ativa, importante, destacada, e muitas vezes polêmica, nas manifestações-bloqueio e nos Dias de Ação Global. Além de apresentar, documentar e difundir as idéias e as práticas destes grupos anticapitalistas, os textos coletados buscam contar um pouco da participação e das idéias de dois deles em especial: o carnavalesco *Reclaim The Streets* inglês, e os "malditos" *Black Blocks*.

Surgido na Inglaterra no início dos anos 90 a partir da luta antiestradas, uma das características do *Reclaim The Streets* (RTS) tem sido uma auto crítica severa, algo realmente inspirado e não muito comum, seja em indivíduos ou coletividades, o que dá ao RTS a propriedade de estar sempre *em movimento*, procurando cobrir suas insuficiências e encontrar as práticas adequadas para suplantar o capitalismo em prol de sua visão de sociedade ecológica, comunista e libertária. Grande parte dos textos produzidos e publicados pelo RTS são auto críticos, sendo que o leitor encontrará aqui uma amostra deles. Essa reflexividade e autocrítica talvez tenham sido o motivo que levou o RTS a reduzir sua iniciativa na organização e divulgação de Dias de Ação Global Contra o Capitalismo ao longo do tempo. O RTS inglês foi inicialmente o principal impulsionador na Europa, e talvez no mundo, do mecanismo de coordenação de movimentos sociais chamado Ação Global dos Povos (AGP). Foi também ele um dos grandes impulsionadores dos primeiros Dias de Ação Global. Sua auto crítica logo o levou a compreender a limitação da prática do Dia de Ação Global, e provavelmente já o fez dividir mais sua energia, caminhando por outros rumos. A diminuição do protagonismo exibido pelo RTS inglês pode ser percebido ao longo dessa coletânea, através da diminuição da própria produção de artigos pelo RTS concernentes aos Dias

de Ação Global no decorrer do tempo.

Enquanto o RTS, os *Black Blocks* e os imensos e organizados distúrbios que acompanham as tentativas de encontro dos gestores do capitalismo mundial têm sido um fenômeno essencialmente do Norte (EUA, Canadá e Europa), algumas questões e polêmicas levantadas em tomo dessas ações, e do *Black Block* em especial, não são novas e concernem também ao Sul.

Muito provavelmente os manifestantes que formam os Black Blocks estão 'entre os que menos nutrem ilusões em relação à natureza do capitalismo e do Estado, mesmo em sua feição democrática. Seus métodos e práticas exprimem de alguma forma essa percepção, e, coincidentemente ou não, recebem por isso a pecha de "violentos" tanto pela mídia quanto por ONGs, partidos políticos, capitalistas de esquerda e de direita, liberais, sejam eles também manifestantes ou não.

Certamente categorias tão carregadas de peso moral como *violência* e *não-violência* têm tudo para se tomarem artifício retórico reacionário no contexto de levantes populares. Todas as "greves selvagens" e insurreições populares, dos *communards* aos zapatistas, sempre foram pelo menos em algum momento - até quando os defensores da ordem estabelecida puderam sustentar seus discursos - descritas como irrupções de violência, na tentativa de isolá-las, criminalizá-las e desqualificá-las moralmente. Se levarmos em conta que as ações dos *Black Blocks* nessas manifestações-bloqueio feriram sem gravidade no máximo apenas alguns poucos policiais, enquanto milhares de manifestantes saíram feridos pelas investidas policiais, tachá-los de "violentos" deveria ser algo RTSível, que só demonstra o quanto àqueles que assim os rotulam ainda se encontram imersos e devedores da moral e da ordem burguesa.

Com certeza não se deve deixar de criticar ou discordar das ações dos *Black Blocks* com base em aspectos táticos ou de efetividade, caso a caso, mas o simples apelo à categoria moral *violência*, quando se está a enfrentar a força repressiva do Estado, faz tanto sentido quanto atirar balas de borracha neles ou prendê-los. Ou seja, só faz sentido, só é racional, para aqueles que consciente ou inconscientemente defendem a ordem instituída e a vida miserável naturalizada no capitalismo.

Dessa forma, os *Black Blocks* têm levantado e explicitado certos conflitos que aparecem também no Sul, onde muito freqüentemente os burocratas de esquerda são os primeiros a isolar, criminalizar e condenar indiscriminadamente as "minorias violentas", os "provocadores", aqueles que "não têm nada a dizer". E nem sequer são capazes de reconhecer um fato que deveria ser lugar-comum, expressado nas palavras de um manifestante durante a reunião do G-8 em Gênova (Itália):

"Nenhum político e nenhum grande banqueiro ficará impressionado com 500 mil manifestantes pacíficos, uma vez que não haja dúvida de que eles irão permanecer não-violentos todo o tempo. Somente a possibilidade de radicalização toma um movimento ameaçador e por consequência forte".

Embora o manifestante tenha utilizado a categoria *não-violência* (o que implicou a atribuição implícita da categoria *violência* aos "radicais") - que como o leitor notará é muitas vezes utilizada infelizmente também por indivíduos que formam os *Black Blocks* -, a afirmação acima expõe sublinearmente dois conceitos que, além de não carregarem o peso moral da categoria *violência*, são muito mais explicativos dos reais pontos de conflito que opõem de um lado "radicais" (adeptos ou não das práticas do *Black Block*) e do outro aqueles que os condenam e criminalizam com base em preceitos morais. São eles *controle e disciplina*.

É notório que os avanços sociais, mesmo as reformas, são sempre conseguidos devido à ação das massas, pela pressão da revolta, ao contrário do que os "socialistas" parlamentares induzem a pensar. A própria reforma agrária impulsionada pela ação direta dos sem-terra no Brasil demonstra isso.

A questão que se coloca é por que sempre foi preciso a "agitação das massas" para que os donos do poder cedam, para que sintam alguma ameaça? Em outras palavras: o que na "agitação das massas" traz um medo ao *status quo* causando-lhe uma pressão que a expressão verbal, entre outras, não causa?

A resposta a esta pergunta pode nos ajudar a responder por que 5 mil indivíduos de grupos de afinidade tomando determinada forma de ação causaram maior impacto e provavelmente maior pressão ao *status quo* do que 60 mil sindicalistas e ONGs em

marchas, palestras e discursos em Seattle (EUA).

Foucault salientava que a disciplina que mantém e define um determinado ordenamento social é uma técnica de operação sobre os corpos de modo a obter um resultado concreto. A disciplina dos corpos exprime a estabilidade de um sistema. Uma sala de aula só "funciona" porque os corpos dos alunos, isto é, os alunos, estão disciplinados a se disporem de uma determinada maneira. E assim é em todos os espaço-tempos na sociedade, de um teatro, passando por um exército, um show de rock ou a locomoção pelas ruas.

A indisciplina do corpo em um determinado espaço-tempo, ordenado sob uma disciplina específica, pode levar o sujeito muitas vezes à prisão ou ao hospício. O "delito" e a "loucura" são algumas das criações que a nossa sociedade reservou para os corpos indisciplinados.

Manifestantes que transformam seus corpos em catapultas, que atiram pedras em barreiras num espaço que exige uma outra disciplina (ou *uma* disciplina), quebrando a rotina e a tranquilidade dos que dirigem e comandam a economia e a política, demonstram (pelo menos em certo período e espaço) a ausência daquilo que mantém as coisas em ordem e o capitalismo em vigor: a disciplina. As ruas não são o local determinado no capitalismo para corpos atirarem pedras e nem serem barricadas, e não são o local para enfrentamentos econômicos e políticos: as mesas de "negociações" e o parlamento são os espaços na nossa sociedade para isso. O sinal dado aos homens no poder por esta autoorganizada indisciplina em massa, a "agitação das massas", é de que as pessoas começam a não se posicionar mais nos lugares estabelecidos e a não se comportar mais do modo necessário para a continuidade do sistema, por motivo de um desejo, aspiração ou reivindicação. O sinal dado pela indisciplina em massa, que enfrenta o delito e a loucura (a marginalidade), assusta e pressiona muito mais os que estão no poder do que outras formas de manifestação, por ser já um rompimento com a disciplina do sistema, antecipando a imagem de um rompimento total.

Cinquenta mil disciplinados manifestantes podem por isso ter menos peso em uma pressão e ameaça aos dirigentes do que 5 mil indisciplinados e desobedientes. Setecentas mil vozes gritando nas ruas pode ser pouco como instrumento de força,

amedrontamento e pressão aos que estão no poder: se estes que estão no poder continuam com a convicção de que eles não são capazes de romper com a disciplina da democracia burguesa-liberal. Quinhentos bem organizados indisciplinados já podem ser uma amostra de que a disciplina das massas começa a ser quebrada e o jogo começa a ser de fato, de alma e de corpo, questionado.

Em última instância, o controle garante a "não-radicalização" e a disciplina das massas. Mas quem exerce o controle? Seria um engano achar que são apenas os aparelhos jurídico-repressivos do Estado, quando historicamente esse controle tem sido exercido também por sindicatos verticalizados e partidos políticos de esquerda, entre outros. Controle este que é muitas vezes exercido de forma sutil e invisível, através da tentativa de isolamento e condenação dos "radicais" em nome de uma suposta imagem a ser preservada (quando na realidade o que parece estar em jogo é a preservação da ordem burguesa). Como se a "revolução" fosse ter uma bonita imagem na TV e nas publicações burguesas!

Ademais é preciso salientar que a intenção dessa coletânea não é de modo algum fazer uma apologia desses "grupos" anticapitalistas e suas práticas. As palavras e a história estão escritas para servirem de inspiração tanto quanto para serem criticadas, modificadas e superadas. As possíveis contradições, divergências e inconsistências que o leitor poderá encontrar em meio aos textos, espelham a independência, autodeterminação e iniciativa própria dos indivíduos que os escreveram, pessoas comuns, e não arautos de uma ideologia, partido ou organização totalitária qualquer.

Uma vez que os Reclaim The Streets e os *Black Blocks* são formações voltadas à ação e não à produção teórica - podendo até mesmo serem compreendidos como formas de ação nas ruas -, os artigos e declarações produzidos por seus integrantes perdem o sentido se destacados das próprias ações a que se referem. Por esse motivo este livro possui também o caráter de relato histórico e cronológico dos Dias de Ação Global desde sua gênese no início de 1998.

Para o leitor que achar poucas as citações nos textos e lastimar uma ausência de aprofundamento filosófico neles, poderá encontrar a fonte do pensamento político desses "grupos" em nomes como Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, Emma Goldman,

Alexandre Berkman, Guy Debord, Raoul Vaneigem, Murray Bookchin, Hakim Bey, Ivan Illich e muitos outros que se inserem dentro do espectro anticapitalista e antiautoritário.

Os ciberativistas e os hacktivistas estão deliberadamente ausentes dessa coletânea, embora essas ações globais tenham tido uma participação significativa deles.

A reação instrumentalizada - através dos serviços repressivos e de inteligência estatais e supra-estatais aos contestadores que têm tomado as ruas durante essas cimeiras políticas - daria com certeza um livro à parte. Assim como as violações e atrocidades cometidas pelas amigáveis polícias dos Estados democráticos do primeiro mundo.

Por fim, como eu dizia, esse livro não é sobre o movimento antiglobalização., mas sobre a revolta e o desejo que ocupam as ruas, interrompendo a circulação dos carros, dos cosméticos, da força de trabalho, dos antidepressivos, dos *delivery fast-foods* e dos gestores de tudo isso. Dedicado a todas as atitudes visíveis e invisíveis que representam um outro mundo, pautado pelo amor mútuo, solidariedade, liberdade e autogestão, e em especial àqueles que estão presos em consequência de suas ações, e a todos aqueles e aquelas, que como ChRTS Fisch², carregarão seqüelas os restos de suas vidas devido às violências a que foram submetidos pela polícia, e obviamente à memória dos que foram mortos por quererem mudar o mundo.

Ned Ludd

2001

² Para saber mais sobre ela. Veja nota 7 da página 120. (N.E.)

AGP E O INÍCIO DOS DIAS DE AÇÃO GLOBAL³

AÇÃO GLOBAL DOS POVOS

Em 1996, os zapatistas, mesmo temendo que ninguém aparecesse, lançaram um chamado para um encontro internacional de ativistas e intelectuais em Chiapas, com o intuito de se discutir estratégias comuns, problemas e soluções. Seis mil pessoas atenderam ao chamado, e passaram dias conversando e compartilhando suas histórias de luta contra o inimigo comum: o capitalismo. A este se seguiu no ano seguinte um encontro na Espanha, onde a idéia de uma campanha global mais concreta, chamada Ação Global dos Povos, foi parida por um grupo formado por dez dos maiores e mais inovadores movimentos sociais, incluindo o Movimento Sem Terra brasileiro e o Sindicato dos Agricultores do Estado de Karnataka (KRRS), dos agricultores radicais da Índia.

Quatro "pontos de partida" foram propostos por esse grupo (que veio a ser o comitê convocado e da AGP, papel que seria rotativo anualmente) na perspectiva de juntar pessoas em torno de princípios comuns. Eles eram:

“Uma rejeição explícita das instituições que as multinacionais e os especuladores construíram para tomar o poder das pessoas, como a OMC e outros acordos de liberalização do comércio (como a APEC⁴, a UE⁵, a ‘NAFTA etc.’)”;

“Uma atitude de confronto, uma vez que não achamos que tentar influenciar e

³ Trecho do artigo *Our Resistance Is As Transnational As Capital*, originalmente publicado na revista Inglesa *Do or Die!* n. 8. e posteriormente publicado no livro *Reflections on JIB* do RTS de Londres.

⁴ Associação de Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico. (N.T.)

⁵ União Européia. (N.T.)

participar possa ter um grande impacto nessas viciadas e antidemocráticas organizações, nas quais o capital transnacional é o único verdadeiro orientador das políticas”;

“Uma chamada para a desobediência civil não-violenta e a construção de alternativas locais pelas comunidades locais, como resposta para a ação dos governos e das corporações”⁸;

“Uma filosofia organizacional baseada na descentralização e autonomia”.

Em fevereiro de 1998, a Ação Global dos Povos nasceu. Pela primeira vez os movimentos populares do mundo estavam começando a conversar e trocar experiências, sem a mediação de Organizações Não-Governamentais, e a primeira conferência da AGP teve lugar em Genebra (Suíça) - lar da tão odiada OMC. Mais de 300 delegados de 71 países foram a Genebra para compartilhar sua raiva pelo domínio corporativo. Das comunidades Uwa, passando pelos Funcionários do Correio Canadense, Reclaim The Streets, militantes antinuclear, agricultores franceses, ativistas Maori e Ogoni, sindicalistas coreanos, Rede de Mulheres Indígenas da América do Norte, aos ambientalistas ucranianos, todos estavam lá para formar "um instrumento global para comunicação e coordenação de todos aqueles que lutam contra a destruição da humanidade e do planeta pelo mercado global, enquanto constroem alternativas locais e poderes populares”.

Um dos participantes falou deste evento inspirador: "É difícil descrever o calor e a profundidade dos encontros que tivemos aqui. O inimigo global é relativamente bem conhecido, mas a resistência global que ele enfrenta raramente passa através do filtro

⁶ Acordo de Livre Comércio da América do Norte. (N.T.)

⁷ “Na Conferencia Internacional da AGP, realizada em setembro de 2001 em Cochabamba, alguns princípios da AGP, assim como o manifesto, foram modificados, dando-lhes um caráter explicitamente anticapitalista. O princípio citado passou a ser desde então: “Uma rejeição explícita do feudalismo, do capitalismo e do Imperialismo; de todos os acordos, instituições e governos que promovem a globalização destrutiva”(N.T.)

⁸ Após a III Conferencia da AGP, este princípio foi modificado e passou a ser: "Uma chamada à ação direta e desobediência civil, ao apoio às lutas dos movimentos sociais. propondo formas de resistência que maximizem o respeito pela vida e pelos direitos dos povos oprimidos, assim como pela construção de alternativas locais ao capitalismo global". Foi retirado o termo "nao-violenta", uma vez que dizia respeito muito mais a uma cultura de ativismo influenciada por Gandhi e quase exclusivamente presente no Norte. também devido às diferentes concepções de "não-violência" existentes em diferentes regiões, e para evitar uma divisão no movimento e criminalização de uma parte dele com base na dicotomia violência / não-violência. (N.T.)

da mídia. E aqui encontramos pessoas que paralisaram cidades inteiras no Canadá com greves gerais, que arriscaram suas vidas para obter a posse de terra na América Latina, que destruíram a sede da Cargill na Índia ou o milho transgênico da Norvatis na França. As discussões, os planos concretos de ação, as histórias de batalhas, as personalidades, a entusiástica hospitalidade dos squatters⁹ de Genebra, o tom apaixonado das mulheres e homens encarando a policia do lado de fora do prédio da OMC, todos selaram uma aliança entre nós. Espalhados no mundo novamente, não esqueceremos. Permanecemos juntos. Esta é nossa luta comum".

Um dos objetivos concretos da conferência era coordenar ações contra dois eventos de importância global que aconteceriam em maio daquele ano, a reunião do G-8 (um evento anual), dos líderes das oito nações mais industrializadas, que teria lugar em Birmingham (Grã-Bretanha), e a segunda reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio que ocorreria um dia depois em Genebra.

Por quatro dias consecutivos em maio de 1998, atos de resistência ecoaram em volta do planeta. Em Hyderabad, Índia, 200 mil agricultores clamaram pela morte da OMC, em Brasília agricultores sem-terra e trabalhadores desempregados juntaram forças e 50 mil deles foram às ruas, mais de 30 festas Reclaim The Streets¹⁰ ocorreram em diversos locais, indo da Finlândia, passando por São Francisco, Toronto, Lion e Berlim. Em Praga, ocorreu a maior mobilização desde a Revolução de Veludo em 1989, trazendo milhares de pessoas às ruas para uma festa móvel que terminou com vários Mc Donald's recebendo um "novo design" e com batalhas com a policia, Enquanto isso, no Reino Unido 5 mil pessoas paralisavam o centro de Birmingham enquanto os líderes do G-8 escapavam da cidade para um *resort* local, a fim de continuarem sua reunião em um lugar mais tranquilo, No dia seguinte as ruas de Genebra explodiram. O G-8 e muitos outros líderes mundiais convergiram lá para a reunião ministerial da OMC, e para celebrar o quinquagésimo aniversário do Acordo Geral de Comércio de Tarifas (GATT), o precursor da OMC. Mais de 15 mil pessoas de toda a Europa e muitos de outros continentes se manifestaram contra a tirania da

⁹ Pessoas que ocupam os squats. (N.T.)

¹⁰ O termo aqui se refere a uma mistura de carnaval e raves politizadas que ocupam as ruas. (N.T.)

OMC. Bancos tiveram suas janelas quebradas, o Mercedes do diretor-geral da OMC foi virado, e três dias com os maiores distúrbios já vistos em Genebra se seguiram. A poeira baixou, os líderes mundiais presos em sua casamata de vidro, ao lado do lago Genebra, produziram uma declaração dizendo que queriam que a OMC se tornasse "mais transparente" Como se isso fizesse a menor diferença.

O 18 DE JUNHO: CONTINUANDO A CONSTRUIR

Era óbvio que as coisas realmente estavam caminhando, e tínhamos que aproveitar o momento e construir algo em cima do sucesso das ações de maio. Mas como? Então veio a idéia, por que não atacar a jugular desta vez? Por que não visar o coração da besta, o núcleo pulsante da economia global, os distritos financeiros e bancários, a casa das máquinas de toda devastação ecológica e social? Dessa vez poderíamos fazer a coisa ser maior, melhor e até mesmo mais diversa... o desejo de fazer alguma coisa nessa pequena milha quadrada de propriedade, na porta de nossas casas, em Londres, o principal centro financeiro da Europa, e uma das mais antigas capitais e das mais poderosas regiões, provou ser forte. Tendo a tendência em acreditar na realidade de nossos desejos, não tínhamos como resistir à tentação.

Assim, durante um dia quente de verão em junho de 1998, ocorreu uma troca de idéias entre um ativista do Reclaim The Streets e alguém do London Greenpeace (LGP - um coletivo anarquista que não é vinculado ao *Greenpeace* Internacional) que havia se engajado nas manifestações *Stop the City* durante os anos 80. Ficou claro que eles tinham idéias parecidas para um evento na City¹¹: juntar todas as campanhas sobre temas específicos em torno do inimigo comum chamado capital. Uma data já havia sido marcada para uma reunião pública. O LGP sentia que era o momento certo para se lançar a esse audacioso alvo. O *Stop the City* foi resultado do vigor do movimento pacifista. Nos últimos anos o movimento ecológico de ação direta tem se fortificado, e parece haver uma irrupção da ação dos trabalhadores - as greves selvagens da linha de metrô *Jubilee*, e os trabalhadores da área da saúde de *Tameside* sendo dois exemplos.

¹¹ Centro financeiro de Londres. (N.T.)

Festas de rua floresceram em todo país com milhares de pessoas adotando a ação



direta, e havia a sensação de que existia vigor suficiente para levar a cabo uma ação

tão ambiciosa e insolente.

A idéia foi levada à reunião semanal do RTS e ao LGP. Pelo meio de agosto, a primeira de muitas reuniões públicas sobre o 18 de Junho teve lugar em um centro comunitário no centro de Londres. Assim como o RTS e o LGP, vários grupos estavam presentes, indo desde o *Mexico Support Group*, *London Animal Action* ao Mc Libel e ao *Class War*. Uma data foi definida, 18 de junho, que coincidiria com o encontro deste ano do G-8, sexta-feira portanto um dia de trabalho na City.

(...)

Judy

Reclaim The Streets

TEXTO DO PANFLETO INTERNACIONAL 18 DE JUNHO DE 1999

Um dia internacional de protesto, ação e carnaval dirigido ao coração da economia global: os centros bancários e financeiros em volta do globo.

Ativistas de diversos grupos e movimentos em todo o mundo estão discutindo,

formando redes e se organizando para um dia internacional de ação direcionada ao coração da economia global: os centros financeiros, distritos bancários e sedes de corporações multinacionais.

Ambientalistas, trabalhadores, desempregados, povos indígenas, sindicalistas, camponeses, redes de mulheres, sem-terras, estudantes, pacifistas e muitos outros estão trabalhando lado a lado a partir do reconhecimento de que o sistema capitalista global, baseado na exploração das pessoas e do planeta para o lucro de poucos, é a raiz de nossos problemas sociais e ecológicos. A ocupação e alteração no 18 de Junho (J18) dos distritos financeiros, simultaneamente em todo o mundo, será uma contribuição para o - e um exemplo prático do - processo de construção de conexões e alternativas à ordem social atual.

A ação está programada para coincidir com o primeiro dia do encontro do Grupos dos Sete (G-7) dos líderes dos Estados-nação mais ricos - em Colônia na Alemanha -, quando novamente será dito pelas elites econômicas e políticas que a promoção da globalização econômica, o "livre" comércio e o domínio das corporações é o único caminho a seguir.

Esta proposta é feita com o espírito de fortalecer nossas redes internacionais a partir do sucesso da ação global coordenada entre os dias 16 e 20 de maio de 1998.

Nesses dias ocorreram ações, protestos e manifestações em todos os continentes, por exemplo mais de trinta festas Reclaim The Streets em mais de vinte países - uma combinação de carnaval ilegal, protesto e ação direta, catalisado pelo RECLAIM THE STREETS em Londres. Em Brasília 50 mil desempregados e agricultores sem-terras foram às ruas, enquanto em Hyderabad 200 mil pessoas protestavam. Esses eventos coincidiram com o encontro do G-8 em Birmingham e a terceira reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio em Genebra. O ano de 1999 assistirá essas coordenações aumentarem. Paralelamente à ação global do 18 de Junho, estará ocorrendo também um tour de ativistas/agricultores indianos pela Europa com o objetivo de fazer campanha' contra a Organização Mundial do Comércio, bancos e corporações multinacionais.

Com o espírito de fortalecer as redes internacionais pela igualdade, liberdade e

sustentabilidade ecológica, encorajamos todos os movimentos e grupos simpatizantes a organizarem seus próprios protestos ou ações autônomas no mesmo dia - 18 de junho - nos mesmos locais - distritos financeiros - por todo o mundo. Cada evento seria organizado autonomamente, podendo ser coordenado em cada cidade por uma variedade de grupos e movimentos, ao mesmo tempo ligados globalmente por correio, telefone, fax, e-mail e encontros internacionais.

Greves, protestos, piquetes, ações, ocupações, festas de rua, manifestações, bloqueios, paralisações - uma unidade de diversos eventos estão sendo planejados por uma rede crescente de indivíduos, grupos, movimentos e alianças. Sua participação - não importa o quão pequena - é crucial: reuniões precisam ser organizadas, eventos planejados, panfletos impressos e distribuídos, fundos levantados, risadas e idéias compartilhadas. Se cooperarmos e nos coordenarmos podemos concretizar um mundo diferente: ele por acaso já foi tão necessário e tão possível?

"Através da ação direta, as pessoas fazem conexões, conversam e se comunicam entre si, quebram o isolamento e a fragmentação desta sociedade alienada. Essas conexões estão agora se espalhando em volta do globo na medida que as pessoas percebem que suas lutas locais específicas são parte de um problema mais amplo: a economia global."

Se seu grupo está organizando um EVENTO OU AÇÃO para o 18 de Junho, POR FAVOR envie os detalhes para contato com seu grupo OU MOVIMENTO para JI8contacts@hotmail.com. Isto possibilitará que se faça uma lista global dos grupos que estão participando. Será uma fonte inestimável para todos os participantes de modo a mostrar a quantidade e diversidade de grupos em ação no 18 de Junho. Esta informação será posta na página da internet e na lista j18discussion.

"O colapso do mercado global seria um evento traumático com inimagináveis conseqüências. Contudo eu acho mais fácil IMAGINÁ-LO, do que a continuidade do atual regime." (George Soros, especulador financeiro, predador e explorador.)

IMAGINE os distritos financeiros em todo o mundo cheios não de lucros e ganhos, mas de sons e ritmos de festa e de prazer. IMAGINE substituir a ordem social

existente por uma sociedade ecológica e livre baseada no apoio mútuo e na cooperação voluntária. IMAGINE assumir seus desejos como realidade.

"Se você diz que a organização da sociedade e sua dominação por incontáveis tiranias, que é aquilo que ela é, é inadequada e injusta... você deve considerar quais são as alternativas e como seguir na direção delas... E estes não são problemas triviais, eles requerem movimentos populares organizados que pensem as coisas de forma total, que debatam, que ajam, que experimentem, que tentem alternativas, que desenvolvam as sementes do futuro na sociedade atual".

O QUE FOI O DIA 18 DE JUNHO?

(...) A resistência no 18 de Junho de 1999 mostrou-se, como era a proposta, tão (ou quase tão) transnacional quanto o capital. Ocorreram manifestações em mais de 40 países e 120 cidades. A data coincidiu ainda com a Caravana Intercontinental Contra a Organização Mundial do Comércio que saiu da Índia. Na Nigéria mais de 10 mil pessoas protestaram. Em Colônia mais de 70 mil pessoas foram "recepcionar" o G-8 (incluindo organizações eclesiais e outras ONGs). Em Florianópolis o relógio da Rede Globo, que comemora os quinhentos anos de invasão e genocídio nessas terras, amanheceu o dia 18 de junho com uma mancha vermelha em um dos seus lados, fazendo com que a figura do planeta lá pintada parecesse estar sangrando. Foi pouco para o Brasil. Dos outros países, destaco agora o que ocorreu em Londres, pela dimensão alcançada.

Em Londres, mais de 20 mil pessoas participaram. Desde 1990 não havia na Inglaterra uma manifestação dessa proporção. Mais de quarenta grupos participaram organizando atividades e formando uma rede onde a autonomia e a liberdade de cada grupo foram sempre mantidas (inclusive não haveria motivo para que fosse de outra forma), dando um caráter libertário desde a forma de organização, passando pela consciência política (radical) dos grupos, até o desenrolar dos eventos em si. Entre os

grupos participantes podemos citar, além do *Reclaim The Streets*, o *London Greenpeace* (que não tem nada a ver com o conhecido *Greenpeace*), o *Class War*, o Comitê de Solidariedade aos Trabalhadores da Rússia, a Associação dos Astronautas Autônomos, entre outros.

Sem superstars ou dirigentes, os eventos em Londres aconteceram durante todo o dia em diversos pontos da cidade. O dia começou com um *Critical Mass* de manhã cedo - as bicicletas tomando as ruas -, e se estendeu com música, dança nas ruas, performances, marchas, numa espécie de carnaval politizado. Pelo meio e fim da tarde um *Mc Donald's* foi destruído, alguns carros de luxo foram danificados, além de um *showroom* da Mercedes Benz também ter sido destruído por ativistas. A City foi coberta por pichações anarquistas. Carros de polícia também foram pichados e danificados, além de servirem de palco e dança. Uma mulher foi para o hospital após ser atropelada por um carro da polícia que tentava escapar da multidão. Início de incêndio em um banco foi registrado. Portas de instituições financeiras e de bancos foram sabotadas com cola nas fechaduras, além de vidraças quebradas. Os "trabalhadores" da City já haviam sido instruídos para deixarem o terno e a gravata em casa no dia 18 de junho, de modo a não serem alvo fácil dos manifestantes (todos os yuppies de calça jeans e camisa pólo nesse dia).

Segundo manifestantes, a forma descentralizada que se deu os eventos desarticulou a polícia, sempre acostumada a passeatas e concentrações num único local, onde ela apenas acompanhava e cercava a manifestação. Durante a fase de organização dos eventos a polícia londrina filmou os encontros dos grupos, os simpatizantes e até mesmo os shows para arrecadar fundos. Embora a polícia estivesse preocupada com os protestos, a forma de organização e articulação "fora dos padrões bolchevistas" (segundo palavras de uma participante) fez com que as tentativas de infiltração de policiais nos grupos fossem frustradas. Como resultado, a polícia não fazia idéia da dimensão que tomariam os eventos. O que obviamente não impediu os confrontos com a polícia e a violência dos defensores do capital.

As ocupações de bancos e instituições financeiras foram várias, além dos danos materiais e da perda de um dia de especulação financeira. O prédio da LIFFE (London

International Future, Financial Exchanges) teve de ser evacuado pelos que lá "trabalham" e os prejuízos materiais no LIFFE somaram 250 mil libras. Dezesesseis manifestantes foram presos.

Agora começa também a fase de solidariedade e arrecadação de fundos para aqueles que foram presos nas manifestações em todo o mundo.

Já surgem idéias para as próximas ações de resistência globais, como na virada para o ano 2000, quando feriados nos dias 3 e 4 de janeiro em vários países ajudarão numa chamada à greve, além do momento simbólico: as pessoas esperam uma mudança em suas vidas na virada do milênio e nada melhor para florescer a idéia de começar um mundo novo do que essa época. O encontro que acontecerá em Praga no ano que vem com o Banco Mundial e FMI também está sendo cogitado.

A articulação, comunicação e ação global dos grupos e indivíduos afins não é algo apenas para ser lembrado do internacionalismo dos trabalhadores e anarquistas do passado. É uma realidade que podemos construir em qualquer instante. E agora parece ser imprescindível. Além de maior força e coesão, a organização conjunta e global implica também em um aumento de inspiração e motivação, colocando os ideais de um mundo novo (já) na prática da solidariedade internacionalista e da organização autônoma, horizontal e criativa. Assim como assentar e aprofundar raízes em movimentos populares, a ação conjunta, a aproximação e o interconhecimento dos grupos quebrando fronteiras são de fundamental importância com vistas à luta por uma sociedade libertária. Agora que os anarquistas começam a revitalizar esses laços e se mobilizar nesse sentido, a hora é de manter e ampliar a Idéia.

ABANDONE O ATIVISMO¹²

¹² Este artigo, no original em inglês "Give up Activism", foi publicado no livro *Reflections on J18* lançado pelo próprio Reclaim The Streets de Londres em 2000. (N.T.)

Um problema visível no dia de ação 18 de Junho foi a adoção de uma mentalidade ativista. Problema que se tomou particularmente óbvio com o 18 de junho precisamente porque as pessoas envolvidas na sua organização e as pessoas envolvidas no dia se esforçaram para superar essas limitações. Este artigo não pretende criticar ninguém envolvido em particular - mas é sim uma tentativa de estimular o pensamento sobre os desafios que nos confrontam se levarmos realmente a sério a nossa intenção de acabar com o modo de produção capitalista.

EXPERTS

Por "mentalidade ativista" eu pretendo me referir àquelas pessoas que vêm a si mesmas primeiramente como ativistas e como pertencentes a uma comunidade maior de ativistas. O ativista se identifica com o que ele faz, e encara essa atividade como sendo sua função ou papel na vida, como um emprego ou carreira. Da mesma forma que algumas pessoas se identificam com seu trabalho de médico ou professor e, em vez desse trabalho ser encarado apenas como uma coisa que ocasionalmente elas estão fazendo, ele acaba se tornando uma parte essencial da sua auto-imagem.

O ativista é um especialista ou expert em mudança social. Conceber a si próprio como um ativista significa conceber a si mesmo como sendo alguma espécie de privilegiado, ou estando mais avançado do que outros na sua apreciação do que é necessário para a transformação social, no conhecimento de como alcançá-la, e como líder ou pessoa na linha de frente da luta concreta para criar essa transformação.

O ativismo, como todas as atividades de experts, baseia-se na divisão do trabalho - ele é uma tarefa especializada e separada. A divisão do trabalho é a base da sociedade de classe, sendo a divisão fundamental aquela entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. A divisão do trabalho opera, por exemplo, na medicina e na educação - ao invés da cura e desenvolvimento das crianças serem de conhecimento comum e tarefas que todos participem, este conhecimento torna-se a propriedade especializada de médicos e professores -, formando experts nos quais devemos confiar para que façam as coisas para nós. *Experts*, de um modo ciumento, guardam e

mistificam as habilidades que possuem. Mantém assim as pessoas separadas e sem poder, e reforçam a sociedade de classe hierárquica.

A divisão do trabalho implica que uma pessoa exerça uma função em benefício de muitas outras, que desta forma renunciam essa sua responsabilidade.. A separação de tarefas significa que outras pessoas plantarão sua comida, farão suas roupas e suprirão sua eletricidade, na medida que você concordar em realizar uma troca social. O ativista, sendo um expert em transformação social, assume que as outras pessoas não estão fazendo nada para mudar suas vidas, o que o faz se sentir no dever ou na responsabilidade de fazê-lo em favor delas. Ativistas imaginam que estão compensando a falta de atividade dos outros. Definir a nós mesmos como ativistas significa definir *nossas* ações como aquelas que trarão a transformação social, desprezando conseqüentemente a atividade de milhares e milhares de não-ativistas.

O ativismo é baseado nessa concepção errada de que são somente ativistas que fazem a transformação social - já que é evidente que a luta de classes acontece todo o tempo.

FORMA E CONTEÚDO

A tensão entre a forma de "ativismo" na qual nossa atividade política aparece e a ampliação da radicalidade de seu conteúdo tem crescido há apenas alguns anos. A experiência que possuíam muitas pessoas envolvidas no 18 de Junho era a de "ativistas" de "campanhas" sobre um "tema". O progresso político que tem ocorrido a partir dos últimos anos está ocasionando a saída de muitas pessoas de campanhas sobre temas singulares contra companhias ou desenvolvimentos específicos para uma melhor e promissora perspectiva anticapitalista, mesmo que imperfeitamente definida até o momento. Ainda que o conteúdo da atividade de campanha tenha alterado, a forma de ativismo não mudou. Assim, ao invés de visar a Monsanto e ir até sua sede, ocupando-a, temos agora enxergado além da simples faceta do capital representado pela Monsanto e desenvolvido uma "campanha" contra o capitalismo. E qual lugar melhor para se ir e ocupar do que aquele que é percebido como sendo a sede do

capitalismo: a City?

Nossos métodos operacionais são ainda os mesmos utilizados para visar uma corporação ou um desenvolvimento específico, apesar do fato de o capitalismo não ser no todo da mesma natureza, e os meios através dos quais pode-se acabar com uma empresa em particular não serem completamente os mesmos para acabar com o capitalismo. Por exemplo, fortes campanhas de ativistas de direitos dos animais têm obtido sucesso em destruir os criadores de cães Consort e a criadora de gatos Hillgrove Farm. Os negócios foram arruinados e entraram em concordata. Da mesma forma, a campanha levada contra os vivisseccionistas *mor*, Huntingdon Life Sciences, obteve sucesso reduzindo o preço de suas ações em 33%¹³, mas a empresa conseguiu sobreviver dirigindo uma desesperada campanha de publicidade na cidade para elevar os preços¹³. O ativismo pode muito bem acabar com um negócio, porém acabar com o capitalismo requisitará muito mais do que simplesmente estender este tipo de atividade a todos os negócios de todos os setores. Similarmente à destruição de açougues por ativistas de direitos animais, o resultado em cadeia é provavelmente e tão-somente ajudar os supermercados a fechar todos os pequenos açougues, portanto participar do processo de competição e "seleção natural" do mercado. Com isso ativistas freqüentemente obtêm sucesso na destruição de um pequeno negócio enquanto, contraditoriamente, fortalecem o capital como um todo.

Algo similar ocorre com o ativismo antiestradas. Protestos antiestradas em larga escala têm criado oportunidades para um novo setor inteiro do capitalismo - segurança, vigilância, construtores de túneis, teleféricos, especialistas e consultores. Somos agora um "risco de mercado", entre outros, a ser levado em conta quando se propõem contratos para construção de estradas. Podemos inclusive ter ajudado às leis das forças do mercado, forçando a falência de companhias mais fracas e menos capazes de competir. A consultora antiprotesto Amanda Webster afirmou: "O advento dos movimentos de protesto trarão vantagens no mercado para aquelas empreiteiras que

¹³ Squaring up to the Square Mile: A Rough Guide to the City of London. Grã-Bretanha: J18 Publications, 1999, p. 8.

podem lidar com eles efetivamente"¹⁴. Novamente, o ativismo pode destruir um negócio ou parar uma estrada, mas o capitalismo segue muito bem adiante, se não mais forte do que antes.

Estes fatos são certamente uma indicação, se alguma fosse necessária, de que ferir o capitalismo requer não somente uma mudança quantitativa (mais ações, mais ativistas) mas uma mudança qualitativa (precisamos descobrir alguma forma mais eficaz de agir). Parece que não temos noção do que realmente pode ser necessário para destruir o capitalismo. Como se tudo o que precisássemos alcançar fosse algum tipo de mobilização em massa de ativistas ocupando escritórios, e então teríamos uma revolução...

A forma de ativismo tem se preservado apesar do conteúdo desta atividade ter ido além da forma que a contém. Ainda pensamos nos termos de sermos "ativistas" fazendo uma "campanha" sobre um "assunto", e porque somos ativistas de "ação direta" iremos e "faremos uma ação" contra um alvo. O método de campanha contra processos específicos ou companhias específicas tem sido mantido sobre esta nova perspectiva de atingir o capitalismo. Estamos tentando atingir o capitalismo, concebendo o que estamos fazendo em termos completamente inapropriados e utilizando um método de operação apropriado ao reformismo liberal. Temos então o bizarro espetáculo de "fazer uma ação" contra o capitalismo - uma prática absolutamente inadequada.

PAPEIS

O papel de "ativista" é um papel que adotamos como aquele do policial, pai ou padre - uma estranha função psicológica que usamos para definir a nós mesmos em relação aos outros. O "ativista" é um especialista ou um *expert* em transformação social - apesar de sabermos que quanto mais forte nos apegamos e somos fiéis a este papel e à noção do que somos, mais estaremos impedindo a transformação que

¹⁴ Veja o artigo "Direct Action: Six Years Down the Road", publicado na revista inglesa "Do or Die" n. 7, p. 3.

desejamos. Uma verdadeira revolução envolverá a quebra de todos os papéis e funções preconcebidos e a destruição de todo especialismo - a recuperação de nossas vidas. Este ato de controle sobre nossos próprios destinos, o qual é o ato da revolução, envolverá a criação de novos seres e novas formas de interação e comunidade. *Experts* de qualquer tipo podem apenas obstruir isto.

A Internacional Situacionista desenvolveu uma rigorosa crítica dos papéis sociais, e particularmente do papel do "militante". Suas críticas eram principalmente dirigidas contra ideologias de esquerda e da social-democracia, com as quais a Internacional Situacionista principalmente rivalizava. Embora essas formas de alienação ainda existam e sejam facilmente vistas, em nosso meio específico nos confrontamos mais frequentemente com o ativista liberal do que com os militantes da esquerda¹⁵. No entanto, eles compartilham muitas características em comum (o que, é claro, não é surpresa).

O situacionista Raoul Vaneigem definiu o papel como segue: "Estereótipos são imagens dominantes de um período... O estereótipo é um modelo de um papel: o papel é uma forma de modelo de comportamento. A repetição de uma atitude cria um papel~ Desempenhar um papel é cultivar uma aparência para a negligência de tudo que é autêntico: "sucumbimos à sedução das atitudes emprestadas", Como desempenhadores de papéis nós vivemos em inautenticidade - reduzindo nossas vidas a uma gama de clichês -, "fragmentando [nosso] dia em uma série de posturas escolhidas mais ou menos inconscientemente dentro de uma gama de estereótipos dominantes"¹⁶, Este processo está em ação desde os primeiros dias do movimento anti-estradas.

No Twyford Down¹⁷ após a Quarta Amarela¹⁸ em dezembro de 1992, a cobertura

¹⁵ O autor se encontra na Inglaterra. Creio que para o Brasil e a América Latina, o "esquerdismo" partidário, e semelhantes, e a social democracia estão bem mais presentes. o que faz com que os militantes destas ideologias sejam encontrados muito mais frequentemente. (N.T.)

¹⁶ Raoul Vaneigem, *The Revolution of Everyday Life*, Left Bank Books/Rebel Press. 1994, pp. 131-3. A primeira edição foi publicada em 1967.

¹⁷ Região em Hampshire, Inglaterra, conhecida por sua beleza natural e por guardar resquícios de épocas pré-históricas e civilizações antigas, como as trilhas antigas conhecidas como Dongas. O projeto de construção de uma estrada que destruiria TwyFord Down marcou o início do movimento anti-estradas na Inglaterra. em 1992. (N.T)

da imprensa e da mídia enfocou a Tribo de Dongas¹⁹ e o aspecto contracultural dos *dreadlocks* dos manifestantes. Inicialmente este não era de modo algum o elemento predominante havia um grande grupo de *ramblers*²⁰ no despejo, por exemplo²¹, Mas as pessoas atraídas para Twyford pela cobertura da mídia acharam que todas as pessoas lá usavam *dreadlocks*. A cobertura da mídia teve o efeito de fazer com que pessoas "comuns" ficassem longe e mais tipos contraculturais de *dreadlock* aparecessem - diminuindo a diversidade dos manifestantes. Mais recentemente algo parecido aconteceu: as pessoas trazidas para os locais de protesto pela imagem da "Swampy" na TV; começaram a reproduzir nas suas próprias vidas as atitudes apresentadas pela mídia como características do papel do "eco-guerreiro".

"Assim como a passividade do consumidor é uma passividade ativa, a passividade do espectador reside na habilidade de assimilar papéis e desempenhá-los de acordo com as normas oficiais. A repetição de imagens e estereótipos oferece um conjunto de modelos do qual se supõe que qualquer um possa escolher um papel." O papel do militante ou ativista é apenas um desses papéis, e nesse sentido, apesar de toda a retórica revolucionária que existe nesse papel, ele reside em última instância no conservadorismo.

A atividade supostamente revolucionária do ativista é uma rotina cega e estéril - uma constante repetição de poucas ações sem potencial para a mudança. Ativistas provavelmente resistiriam à mudança caso ela viesse, uma vez que ela destruiria as fáceis certezas de seu papel e o agradável pequeno nicho que eles cavaram para si mesmos. Da mesma forma que chefes de sindicatos, ativistas são eternos representantes e mediadores. Da mesma forma que líderes sindicais seriam contra o

¹⁸ Quarta Amarela foi como ficou conhecido o dia 9 de dezembro de 1992. devido à violenta expulsão da Tribo de Dongas, que ocupava o Twyford Down em protesto contra a construção da estrada. A expulsão foi feita por seguranças privados que usavam jaquetas amarelas. (N.T.)

¹⁹ Nome pelo qual ficou conhecido um grupo de pessoas que faziam uso da ação direta para defender o Twyford Down contra a construção da estrada. O nome foi retirado das trilhas antigas existentes em Twyford Down formadas ao longo de milhares de anos. (N.T.)

²⁰ Movimento existente na Europa normalmente caracterizado como ecológico, que visa promover o respeito pela vida, a preservação da natureza e encorajar caminhadas, sendo este último item o que dá a característica específica do movimento e de onde vem o seu nome. (N.T.)

²¹ Veja o artigo "*The Day they Drove Twyford Down*" na revista inglesa *Do or Die*. I, p.11.

sucesso de seus trabalhadores na sua luta, porque isto provavelmente acabaria com seu emprego, o papel do ativista também é ameaçado pela mudança. De fato a revolução, ou mesmo algumas mudanças reais nessa direção, desagradariam profundamente ativistas por destitui-los de seus papéis. Se *todos* resolvem tomar-se revolucionários, então você não é mais tão especial, não é?

Então, por que nos comportamos como ativistas? Simplesmente porque é a opção fácil dos covardes? É fácil cair no papel de ativista uma vez que ele se adapta a essa sociedade e não a desafia - ativismo é uma forma aceita de dissidência -, mesmo se como ativistas fazemos coisas que não são aceitas e são ilegais. A forma de ativismo em si é da mesma espécie de um emprego significa que ela se adapta em nossa psicologia e em nossa formação. Ela causa uma certa atração precisamente porque não é revolucionária.

NÃO PRECISAMOS MAIS DE MARTÍRES

A chave para entender o papel do militante e do ativista é o sacrifício próprio - o sacrifício de si mesmo para "a causa", que é vista como algo separado de si próprio. Isto, é claro, não tem nada a ver com a verdadeira atividade revolucionária que é encontrar a si próprio. O martírio revolucionário caminha junto com a identificação de alguma causa separada de sua própria vida - uma ação contra o capitalismo que identifica o capitalismo como "lá fora" na City é fundamentalmente um engano. O poder real do capital está aqui mesmo na nossa vida cotidiana - nós recriamos o seu poder todos os dias, porque o capital não é uma coisa, mas uma relação social entre pessoas (e também entre classes) mediada por coisas. É claro que não estou sugerindo que todas as pessoas envolvidas no 18 de Junho compartilham a adoção deste papel e o sacrifício próprio que caminha com ele, em uma igual proporção. Como eu disse antes, o problema do ativismo ficou particularmente aparente no 18 de Junho precisamente porque o 18 de Junho foi uma tentativa de quebrar esses papéis e nossos modos normais de operar. Muito do que está escrito aqui é um "cenário do pior caso" a que pode levar o-desempenho do papel de ativista. A proporção do quanto podemos

reconhecer nosso movimento dentro deste quadro nos dará uma indicação de quanto trabalho ainda está por ser feito.

O ativista toma a política cega e estéril e leva as pessoas a se afastarem dela, mas desempenhando esse papel, também ele próprio acaba se destruindo. O papel do ativista cria uma separação entre fins e meios: sacrifício próprio significa criar uma divisão entre a revolução como amor e alegria no futuro, mas dever e rotina agora. A visão de mundo do ativista é dominada pela culpa e obrigação, porque o ativista não está lutando por ele mesmo mas por uma causa separada: "Todas as *causas* são igualmente inumanas"²².

Como ativista você tem de negar seus próprios desejos, uma vez que sua atividade política é definida de tal modo que estas coisas não contam como "políticas". Coloca-se "política" em uma caixa separada do resto da vida.. é como um emprego... se faz "política" das nove às cinco e então se vai para casa e se faz alguma outra coisa. Por ela se encontrar em uma caixa separada, a "política" figura sem obstáculos relativos a quaisquer considerações práticas de efetividade do mundo real. O ativista se sente obrigado a manter em funcionamento a mesma velha rotina sem pensar, incapaz de parar ou reconsiderar: o importante é que o ativista é mantido ocupado e alivia sua culpa batendo sua cabeça em um muro se necessário.

Ser revolucionário pode consistir, em parte, em saber a hora de parar e esperar. Pode ser importante saber como e quando atacar para se ter uma máxima eficácia, e também como e quando NÃO atacar. Ativistas têm a atitude "Precisamos fazer algo AGORA!" que parece ser movida por culpa. Tal atitude é completamente antiestratégica.

O sacrifício próprio do militante ou do ativista é refletido no seu poder sobre os outros como um *expert* - da mesma forma como numa religião existe um tipo de hierarquia do sofrimento e da honradez. O ativista assume poder sobre os outros pela virtude de seu alto grau de sofrimento (grupos "não-hierárquicos" de ativistas de fato formam a "ditadura do mais empenhado"). O ativista utiliza a coerção moral e a culpa para ganhar poder sobre outros menos experientes na teogonia do sofrimento. A sua

²² *Op. cit.* n8, p.107.

subordinação de si mesmo anda de mãos dadas com a sua subordinação de outros.. todos escravizados pela "causa". Políticos que se auto-sacrificam impedem o crescimento de suas próprias vidas e de seu próprio desejo de viver - isso gera uma amargura e antipatia para a vida que é então voltada ao exterior para secar tudo mais. Eles são "grandes desprezadores da vida... os partidários do auto-sacrifício absoluto... suas vidas distorcidas pelo seu monstruoso ascetismo. Podemos observar isso no nosso próprio movimento, por exemplo no local, no antagonismo entre o desejo de sentar ao redor e ter um bom momento versus a culpa de pecador que constrói/fortalece as barricadas do trabalho ético, e no excessivo vigor que são às vezes denunciadas escapadas” O mártir que se auto-sacrifica é ofendido e ultrajado quando percebe que outros não estão se auto-sacrificando. Da mesma forma quando o trabalhador honesto ataca o batedor de carteira ou distribui socos com tal causticidade, sabemos que é porque ele odeia o seu trabalho e o martírio que ele fez de sua vida e portanto odeia ver qualquer um que escapa a esta luta, odeia ver alguém se divertindo enquanto ele está sofrendo: ele deve trazer todos para a merda em que ele vive, numa espécie de igualdade de auto-sacrifício.

Na antiga cosmologia da religião, o mártir bem-sucedido ia para o céu. Na visão de mundo moderna, mártires bem-sucedidos procuraram entrar para a história. Quanto maior o auto-sacrifício, quanto maior o sucesso em criar um papel (ou ainda melhor, em deixar um papel completamente novo para as pessoas seguirem: isto é, o eco-guerreiro), mais se merece uma recompensa na história: o céu burguês.

A velha esquerda era muito clara na sua chamada pelo sacrifício heróico: “Auto-sacrifiquem-se com prazer, irmãos e irmãs pela causa, pela Ordem Estabelecida, pelo Partido, pela Unidade, pelo Feijão com Arroz”. Mas nos dias de hoje é muito mais velado: Vaneigem acusa jovens radicais de esquerda. de entrar[em] para o serviço da Causa - a 'melhor' de todas as Causas. O tempo que têm para a atividade criativa eles destroem entregando panfletos, colando cartazes, participando em manifestações públicas ou falando mal de políticos. Eles se tomam militantes, fetichizando a ação uma vez que outros pensam por eles.”.

Isso ecoa entre nós - especialmente sobre a fetichização da ação. Em grupos de

esquerda, os militantes são deixados livres para se engajar em intermináveis trabalhos, uma vez que o líder do grupo ou guru possui a "teoria" certa, que é simplesmente aceita e tratada como a "linha do partido". Com ativistas de ação direta é irrelevantemente diferente - a ação é fetichizada, porém mais distante de uma aversão a qualquer teoria.

Embora estivesse presente, o elemento do papel de ativista que recai no auto-sacrifício e na obrigação não foi tão significativa no 18 de Junho. Mais um assunto a ser tratado por nós é o sentimento de separação das "pessoas comuns" que implica o ativismo. As pessoas identificam alguma estranha subcultura ou panelinha sendo "nós", como oposto a "eles", que é todo o resto do mundo.

ISOLAMENTO

O papel de ativista é um isolamento auto-imposto de todas as pessoas nas quais deveríamos estar ligados. Incorporando o papel de ativista, você será separado do resto da raça humana como alguém especial e diferente. As pessoas tendem a pensar nelas mesmas na primeira pessoa do plural (a quem você está se referindo quando diz "nós"?), como se estivessem se referindo a alguma comunidade de ativistas, ao invés de uma classe. Por exemplo, há algum tempo no meio ativista tem sido comum defender "que não haja mais temas isolados" e a importância de "fazer contatos". Porém, para essas pessoas, muitas vezes o significado disso se limitava a "fazer contatos" com *outros ativistas* e outros grupos de campanhas. O 18 de Junho demonstrou isso muito bem, a idéia toda era ter todas as representações de todas as variadas e diferentes causas e temas em um mesmo lugar no mesmo momento, voluntariamente relegando nós mesmos ao gueto das boas causas.

Semelhantemente, os vários fóruns de redes que recentemente surgiram em todo o país - Rebel Alliance em Brighton, NASA em Nottingham, Rioutous Assembly em Manchester, London Underground etc. - possuem um objetivo similar: conseguir que todos os grupos de ativistas na região entrem em contato uns com os *outros*. Não estou rejeitando isso - é um pré-requisito essencial para qualquer ação futura, mas deveria

ser reconhecida a forma extremamente limitada de "fazer contatos" que isso representa. É também interessante notar que os grupos que participam desses encontros possuem em comum o fato de serem grupos ativistas - parecem ser de ordem secundária as atividades nas quais eles verdadeiramente estão engajados.

Não é suficiente apenas procurar manter contato com todos os ativistas do mundo, nem é suficiente procurar transformar mais pessoas em ativistas. Contrariamente ao que algumas pessoas possam achar, não estaremos mais próximos de uma revolução se cada vez mais pessoas se tornarem ativistas. Algumas pessoas parecem ter a estranha idéia de que é preciso que todos sejam de alguma forma persuadidos a se tornarem ativistas como nós, e conseqüentemente teremos a revolução. Vaneigem diz: "A Revolução é feita todo dia, apesar de e em oposição aos especialistas da revolução"²³.

O militante ou ativista é um especialista em transformação social ou revolução. O especialista recruta outros para a sua pequena área de especialidade de maneira a aumentar seu próprio poder, deste modo dissipando a percepção de sua própria impotência. "O especialista... alista a si próprio de maneira a alistar os outros"²⁴. Como num jogo de pirâmide, a hierarquia é auto-replicante - você é recrutado de maneira a ficar na base da pirâmide, e tem que recrutar mais pessoas para estarem abaixo de você, que farão então exatamente o mesmo. A reprodução da sociedade alienada de papéis e funções é efetuada através de especialistas.

Jacques Camatte, em seu ensaio "*On Organization*" (1969)²⁵, aponta muito bem que grupos políticos muitas vezes acabam se tornando "gangues", definindo-se por exclusão - a primeira lealdade dos membros do grupo passa a ser o próprio grupo ao invés de ser a luta. Sua crítica se aplica especialmente para a miríade dos setores de esquerda e pequenos grupos aos quais ela foi direcionada, mas se aplica em menor proporção para a mentalidade ativista.

O grupo político ou partido se auto-substitui ao proletariado, e sua própria

²³ *Op. cit.* n8, p.111.

²⁴ *Op. cit.* n8, p.143.

²⁵ Jacques Camatte, "*On Organization*" (1969) em *This World We Must Leave and Other Essays*. Nova York: Autonomedia. 1995.

sobrevivência e reprodução torna-se o soberano supremo - a atividade revolucionária se toma sinônimo de "construir o partido" e recrutar membros. O grupo considera a si próprio como sendo o único possuidor da verdade, e todos fora do grupo são tratados como idiotas que precisam ser educados por esta vanguarda. Ao invés de um debate igual entre camaradas, temos no lugar a separação da teoria e propaganda: o grupo possui sua própria teoria, que é quase sempre mantida em segredo, na crença de que os jogadores menos capazes mentalmente devem ser ludibriados pela organização através de alguma estratégia de populismo, antes que a política seja lançada a eles de surpresa. Este método desonesto de lidar com aqueles de fora do grupo é semelhante a um culto religioso - eles nunca lhe dirão claramente seus objetivos e pensamentos.

Podemos ver algumas semelhanças com o ativismo, na maneira como o meio ativista age igual a esquerda. O ativismo como um todo possui algumas características de uma gangue. Gangues de ativistas muitas vezes acabam se tomando alianças entre classes, incluindo todo tipo de reformistas liberais, porque eles também são "ativistas". As pessoas se vêem primeiramente como ativistas, e sua primeira lealdade volta-se para a comunidade de ativistas e não para a luta em si. A "gangue" é uma comunidade ilusória, que nos desvia da formação de uma comunidade maior de resistência. A essência da crítica de Camatte é um ataque à criação de uma divisão interior/exterior entre um grupo ou classe. Nós nos vemos como ativistas, e portanto estando separados e tendo interesses diferentes da massa da classe trabalhadora.

Nossa atividade deve ser a expressão imediata de uma luta real, não da afirmação da separação e distinção de um grupo particular. Em grupos marxistas a posse da "teoria" é o elemento que determina o poder - é diferente no meio ativista, mas não tão diferente -, a posse do "capital social" relevante - conhecimento, experiência, contatos, equipamento etc. são os elementos primários que determinam o poder.

O ativismo reproduz a estrutura desta sociedade e como ela opera: "Quando o rebelde começa a acreditar que ele está lutando por um bem maior, o princípio autoritário nasce"²⁶. Este não é um problema trivial, mas sim a base das relações sociais capitalistas. O capital é uma relação social entre pessoas mediada por coisas o

²⁶ *Op. cit.* n. 2. p. 110.

princípio básico da alienação é de que vivemos nossas vidas ao serviço de alguma *coisa* que nós mesmos criamos. Se reproduzimos esta estrutura em nome da política que se declara anticapitalista, já perdemos antes mesmo de termos começado. Não se pode lutar contra a alienação por meios alienados.

UMA PROPOSTA MODESTA

Esta é uma modesta proposta de que deveríamos desenvolver maneiras de operar adequadas às nossas idéias radicais. Essa tarefa não será fácil e o autor deste pequeno ensaio não possui uma idéia mais clara de como deveríamos agir em relação a este tema do que qualquer outra pessoa. Não quero dizer que o 18 de Junho deveria ter sido abandonado ou atacado: de fato ele foi uma válida tentativa de ir além de nossas limitações e de criar algo melhor do que aquilo que temos no presente. Porém, na sua tentativa de quebrar com antiquadas e doutrinárias maneiras de fazer as coisas, ele tomou claro as amarras que ainda nos prendem ao passado. As críticas do ativismo que eu expressei antes não se aplicam todas ao 18 de Junho. Porém, existe um certo paradigma de ativismo o qual na sua pior forma inclui todas as críticas que eu expus, e o 18 de Junho compartilha deste paradigma em certa proporção. Até qual exata proporção, fica a seu critério.

O ativismo é um modelo em parte imposto sobre nós pela fraqueza. Assim como a ação conjunta levada pelo *Reclaim The Streets* e os portuários de Liverpool - nos encontramos em tempos em que a política radical é muitas vezes produto de fraqueza mútua e isolamento. Se este for o caso, pode ser que não esteja sequer dentro do nosso poder romper com o papel de ativistas. Pode ser que em tempos de diminuição da luta, aqueles que continuam a trabalhar pela revolução social fiquem marginalizados e passem a ser vistos (e vejam a si próprios) como um grupo especial separado das pessoas. Talvez isto só possa ser corrigido por um generalizado ressurgir da luta, quando não seremos mais pessoas esquisitas e loucas, mas simplesmente pessoas levando o que se encontra na cabeça de todos. Porém, para ampliar a luta, será necessário quebrar com o papel de ativista até a proporção que for possível para

constantemente empurrar as fronteiras de nossas limitações e constrangimentos.

Historicamente, aqueles movimentos que chegaram mais perto de desestabilizar, remover, ou ir além do capitalismo não tiveram como um todo a forma de ativismo. O ativismo é essencialmente uma forma política e um método de operar apropriado ao reformismo liberal, que tem sido empurrado além de seus próprios limites e usado para propósitos revolucionários. O próprio papel de ativista deve se constituir num problema para aqueles que desejam a revolução social.

Andrew X

Reclaim the Streets

A IDEOLOGIA DA GLOBALIZAÇÃO

Com o intuito de resistir mais eficazmente, seria útil ter uma imagem tão clara quanto possível dos caminhos de desenvolvimento tomados pelo capitalismo, e reciprocamente seus pontos fracos. Muitos termos frequentemente utilizados para descrever a condição atual não atingem tal objetivo, e possivelmente até mesmo chegam a obscurecer de modo efetivo os aspectos principais da sociedade capitalista, tomando assim mais difícil entender como ela vive e morre. A "globalização" - e a percebida necessidade dual de se opor a ela e de fornecer alternativas - está rapidamente se tomando um dos temas mais dominantes em toda uma grande gama de agrupamentos e meios de oposição (assim como no interior de partidos e grupos políticos institucionalizados). Virtualmente todos os grupos envolvidos com política de esquerda/verde ou de ação direta têm no mínimo declarado sua oposição à "globalização", ou ido um passo adiante e declarado ser ela o problema mais sério que enfrentamos hoje em dia - "O ato final de enclausuramento" (RIS agitadores de "festa de rua global"). Porém, apesar desta onda de "entusiasmo", qualquer análise do conteúdo dessa mudança supostamente devastadora parece ter sido amplamente

condenada à repetição de uma gama limitada de posições ideológicas, que são na melhor das hipóteses superficiais e na pior, reacionárias. O simples fato de termos como "globalização" e "neoliberalismo" serem aplicados acriticamente para descrever toda e qualquer mudança que ocorre dentro da economia global sugere uma falta de reflexão e análise.

Durante os últimos vinte anos, globalização deixou de ser um termo utilizado apenas pela academia²⁷ e tomou-se de uso cotidiano - tomou-se corrente entre políticos, comentaristas e teóricos em todo o espectro político. As palavras não são abstrações neutras, elas representam um conteúdo material real ou potencial. As noções fundamentalmente mais antagonísticas e corrosivas (como "liberdade" ou "comunidade") são distorcidas e viradas de cabeça para baixo, esvaziadas de seu conteúdo e postas a trabalhar incansavelmente pela ordem dominante de modo a manter nossa miséria atual. Globalização, por outro lado, é universalmente aceita sobre uma mesma base, virtualmente pela totalidade do espectro político. O problema nesse caso não é se ela é considerada um fenômeno positivo ou negativo, mas sim a aceitação de uma visão de mundo na qual ela é baseada. Tanto os seus defensores quanto a maioria dos seus críticos utilizam as categorias ideológicas dominantes e pressupostos da sociedade capitalista, o que significa que estão restritos a repetir as banalidades da sabedoria convencional, do modo como é propagado de diversas formas por acadêmicos, dirigentes e autodenominados *experts*. Pelo menos entre os ativistas ocidentais, obras de autores de esquerda/liberais como David Korten (*When Corporations Rule the World*) e Geny Mander (*The Case Against the Global Economy*) fornecem a (quase sempre não admitida) base teórica para boa parte da propaganda e menos diretamente para as formas e foco da atividade e das campanhas de ação direta. O entendimento teórico e a crítica não são "apenas uma questão de palavras", ou neste caso a produção de idéias que não estão ligadas a uma situação ou

²⁷ Desde o início da "crise de acumulação capitalista" no fim dos anos 60, uma quantidade de termos como pós-modernismo, pós-Industrialismo, sociedade de risco, pósfordismo e é claro globalização têm sido introduzidos ostensivamente na tentativa de fornecer uma compreensão adequada das mudanças contemporâneas na economia global (Bonfeld, 1997). Enquanto alguns destes termos permanecem preponderantemente confinados na academia, outros como globalização e pós-modernismo tomaram-se de uso comum.

movimento específico. A discussão e a tentativa de compreender mutuamente novos caminhos de ataque tomados pelo capitalismo são importantes e úteis, uma vez que a resistência global e talvez a solidariedade estejam crescendo após anos de relativa estagnação e recuo. Toda forma de atividade precisa encontrar sua teoria e vice-versa, teoria e prática precisam ser interdependentes. Insuficiências em quaisquer das duas áreas levam à fragilidade do projeto todo - as fendas através das quais a ideologia e a recuperação são capazes de imediatamente penetrar.

Globalização e neoliberalismo não são termos simplesmente descritivos que possuem significados objetivos. Como todas ideologias, em um plano eles se referem às mudanças atuais, mas obscurecem muito mais do que de fato revelam: tanto a forma quanto o conteúdo do sistema capitalista. Esses termos não existem como coisas em si, mas sim como teorias, estratégias e tendências dentro do contexto integral do capitalismo. Para situarmos a atividade e a teoria em oposição a eles, implica que deveríamos forçar aqueles que estão no poder a simplesmente adotarem formas diferentes, e quiçá mais gentis, de nos explorar - por exemplo um "neokeynesianismo" global ou talvez um fim do "domínio das corporações" e um retomo a algum totalmente idealizado Estado-nação democrático pré-globalização. É improvável que isso aconteça embora, mesmo se ocorresse, "vitória" dificilmente seria a palavra que imediatamente viria à cabeça nesse caso.

Quando se focaliza a oposição nas manifestações mais recentes do capitalismo (por exemplo, a reestruturação, o mercado global, as organizações de livre comércio, o poder controlado pelas corporações multinacionais, isso significa que um ataque ao verdadeiro coração do sistema capitalista está sendo esquecido ou ignorado. O capitalismo não é um lugar ("centros financeiros" ou uma coisa ("corporações multinacionais")), ele é uma relação social baseada no trabalho assalariado e na troca de mercadoria, de onde o lucro é derivado do roubo do trabalho não pago efetuado pelo capital. Ser "contra a globalização" sugere que estaríamos melhor sob alguma forma de capitalismo nacional. Tal perspectiva é um convite aberto a ativistas locais em todos os países para se juntarem a elementos nacionalistas e protecionistas em meio às classes média e (em alguns casos) dominantes que também se opõem ao "livre

comércio" e à penetração do "capital internacional". Isto é evidenciado na Inglaterra pelas repetidas referências em publicações ativistas que, por sua falta de qualidade crítica, parecem lamentar a "perda de soberania nacional" ou de "democracia" e a "incapacidade do governo restringir o investimento estrangeiro sob os termos do AMI"²⁸.

Em outros países esse processo parece ter ido muito mais longe. Dois dos mais vigorosos oponentes da globalização na França e nos EUA são respectivamente Le Pen e Pat Buchanan. Le Pen é o líder da Frente Nacional na França e Pat Buchanan é da direita do Partido Republicano. Pode ser somente uma questão de tempo para a globalização fazer emergir sentimentos nacionalistas no seio da direita inglesa. Isso não quer dizer que todos aqueles que se opõem à globalização sejam de direita ou ultranacionalistas, ou mesmo estejam a ponto de se tornarem tais. A questão é que a defesa do Estado-nação e do capital nacional ou local, mesmo em termos da perda do "controle democrático" ou da "cultura local", é provavelmente mais traiçoeira do que o nacionalismo sincero. Ela também admite pontos em comum com aqueles que normalmente estariam aquém do politicamente aceitável. Por exemplo, o recentemente falecido, e na maioria das vezes não lastimado, James Goldsmith - antigo financista, fundador do *Referendum Party*²⁹ e "louco, escroque fascista" - possui um artigo no livro *The Case Against The Global Economy*.

Limitando-nos a ser "contra a globalização/neoliberalismo", os exploradores locais - sejam eles proprietários rurais, industriais, diretores de empresas estatais ou, no que diz respeito ao assunto, qualquer "negócio local" - poderão ser considerados como estando do nosso lado. Só pode ser uma prova da atual força do capitalismo o fato de que até mesmo falar dele seja visto como fora de moda e ultrapassado. Globalização/neoliberalismo não são menos problemáticos do que a forma como é percebido o capitalismo por alguns. Os zapatistas, por exemplo parecem que cuidadosamente evitam usar a palavra capitalismo, preferindo "neoliberalismo".

²⁸ Acordo Multilateral de Investimentos. (N.T.)

²⁹ Partido inglês de características nacionalistas, fundado em meados dos anos 90 com o único objetivo de defender um referendo para que a população escolhesse se queria ou não que a Inglaterra fizesse parte da União Européia. (N.T.)

Enquanto alguns interpretam isso como uma recusa estratégica e astuta para evitar o peso do passado, o resultado final é simplesmente a incerteza se a luta - ou nas palavras de Marcos³⁰ a "Quarta Guerra Mundial" - é entre o rico e o pobre ou entre o neoliberalismo globalizante e a "soberania nacional".

S

Reclaim the Streets

OMC – POR QUE TOTEMIZAR A OPRESSÃO?³¹

Após identificar o capitalismo ou o "sistema capitalista global" como "a raiz de nossos problemas sociais e ecológicos comuns", muitos daqueles que fizeram ações no 18 de Junho estão agora correndo apressadamente ao próximo "grande dia", 30 de novembro - N30 - para a ação contra a OMC e o livre comércio.

Trata-se do mesmo inimigo? Muitos afirmam que a OMC é mais uma encarnação do sistema capitalista global e portanto um alvo adequado. Porém este modo de pensar reproduz alguns dos defeitos do pensamento por trás do J 18, a fetichização das instituições que gerenciam o capital global (o J18 fetichizou o lado abstrato do capital - o capital financeiro - como se fosse oposto ao lado material - capital produtivo ou industrial).

As instituições do capital são deste modo alvejadas ao invés das relações sociais capitalistas, com o negativo acréscimo de que a maioria da oposição à OMC invoca aquele elevado ideal burguês - a democracia - reclamando da falta de controle democrático nestas instituições. O sistema de trabalho assalariado (a base das relações sociais capitalistas) não é atacado, e em vez disso dardos são atirados em fetiches.

³⁰ Subcomandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). (N.T.)

³¹ Artigo publicado em *Reflections on J18*, do RTS, com título original "*WTO - Why Totemise Opression*".

A AGP (nome completo: Ação Global dos Povos Contra o "Livre" Comércio e a Organização Mundial do Comércio) conclama pela abolição da OMC por ela ser inerentemente "antidemocrática" e incapaz de ser reformada, implicando na necessidade de algum tipo de instituição genuinamente democrática (presumivelmente algo como o Parlamento dos Povos do Mundo que alguém na lista de discussão do J 18 ficou propondo).

Pior ainda, a oposição ao livre comércio é efetivamente um apelo ao protecionismo por parte dos ("governos democraticamente eleitos" dos) Estados-nação.

Sem dúvida a estratégia do capital global tem sido tentar garantir a continuidade da acumulação impondo novos ataques ao proletariado internacional através do que tem sido descrito como "a corrida ao fundo do poço" Isto é, a competição entre frações da classe trabalhadora em diferentes Estados-nação (a ameaça da transferência etc.), o AMI e seu sucessor OMC representam assim a tentativa de remover regulações que se colocam no caminho desta competição (por permitirem que as corporações processem os governos por causa de suas leis ambientais e trabalhistas etc.). Ao mesmo tempo que a resistência a estes ataques deve ser encorajada, seria imprudente conceber o problema como uma questão de defesa do Estado-nação contra o poder das corporações transnacionais - como o artigo da *Do or Die* (n. 8) "*Globalization: Origins-History-Analysis-Resistance*" salienta. Trata-se de falsos opostos (capital e Estado não estão em oposição, ao invés, o Estado é um instrumento nas mãos do capital). Certamente o desafio para o proletariado internacional é defender seu interesse de classe comum contra o Estado-nação e o capital global...

Ter como alvo a OMC, ao invés do sistema de trabalho assalariado do qual o capital é dependente, é obscurecer a questão, e inevitavelmente leva à formação de estranhas ou até mesmo reacionárias alianças (muitos grupos de extrema-direita, como a Frente Nacional na França e a *One Nation* na Austrália, assim como frações da esquerda, têm se oposto à globalização e ao livre comércio a partir de uma perspectiva nacionalista). Alguns ativistas têm tomado partido por um dos lados na disputa na OMC sobre as bananas, defendendo os produtores caribenhos contra os interesses

norte-americanos, argumentando freqüentemente em favor das "economias locais ameaçadas pelo livre comércio" Portanto capitalistas pequenos e "locais" são bons. e corporações grandes e globais são ruins (especialmente se elas forem americanas)... Este ingênuo modo de pensar possibilita que as linhas de batalha sejam traçadas entre Estados-nação (ou até mesmo entre "Norte e Sul", como se não houvessem proletários no Norte e capitalistas no Sul) ao invés de serem traçadas entre classes (proletariado internacional contra o capital global).

Sem dúvida algumas pessoas estão se opondo à OMC em uma base anticapitalista, mas é esta a melhor estratégia para ampliar-se a consciência de luta?

*Rudolf, The Red
Reclaim the Streets*

A policia inglesa se defrontou com um adversário inesperado, tanto em tamanho, estrutura e tática, quanto em forma de organização. a *establishment* foi pego de surpresa numa manifestação de rua de tais proporções. A "caça às bruxas" não conseguiu "queimar" os lideres, uma vez que eles não existiam. Como combater dezenas de grupos de afinidades e coletivos horizontais que não possuem sede, estrutura formal etc.? Como lidar com uma manifestação multifacetada e descentralizada, com milhares de pessoas espalhadas por vários pontos da cidade?

Durante vários meses o J18 foi assunto dos jornais ingleses. As ações diretas do *Animal Liberation Front* e *Earth First!* já incomodavam demais e o J18 foi a gota d'água. A terceira via do governo Tony Blair foi logo encontrada: uma nova lei redefinindo "terrorismo" foi elaborada após o J18. De acordo com esta lei, "destruição de propriedade" passa a ser ato terrorista, assim como "pôr em risco a vida de qualquer pessoa" (algo bastante subjetivo e aplicável a diversas formas de ação direta). Em suma, a nova Carta antiterrorismo foi elaborada para combater os movimentos sociais que utilizam a ação direta, do *Animal Liberation Front* ao *Reclaim The Streets*, e para defender as empresas e o capital de suas investidas. O terrorismo passa a ser definido

não mais com o intuito de manter a estabilidade do Estado, mas também de manter a



prosperidade do capital e das empresas. Qualquer expressão de apoio a um grupo

considerado terrorista e a posse de qualquer objeto ou literatura associado a esses grupos ou a ações "terroristas" também passam a ser crime de acordo com a nova lei. E isso na Inglaterra, um dos berços do liberalismo, e sob o governo do Partido Trabalhista. Alguém já ouviu falar em guerra de classes? Quem a havia esquecido começou a relembrá-la depois do J18.

O QUE FOI O DIA 30 DE NOVEMBRO (1999)³²

A resistência e a solidariedade são tão transnacionais quanto o capital!

No último dia 30 de novembro uma reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio estava marcada para acontecer em Seattle, EUA.

Embora tenham ocorrido manifestações em mais de cem cidades ao redor do mundo (a destacar 75 mil manifestantes em oitenta cidades da França), foi em Seattle

³² Texto adaptado de uma carta informativa divulgada na época no meio libertário brasileiro. (N.T.)

que obviamente as coisas tiveram proporções gigantescas. Pessoas de várias partes dos Estados Unidos e do mundo se deslocaram para lá (embora o governo americano tenha negado visto para muitas outras). Foram dezenas de milhares de manifestantes (chegou-se a falar desde 50 mil até mais de 100 mil), formando a maior manifestação de protesto desde os anos 60 nos Estados Unidos. Os manifestantes bloquearam os cruzamentos do centro de Seattle de modo a não deixar os delegados dos governos chegarem ao local do encontro. A resposta da polícia ao sucesso dos manifestantes veio no final da tarde, com muita bala de borracha, spray de pimenta e gás lacrimogênio,

A violência da polícia não respeitou idade ou sexo (riiisso eles são verdadeiramente igualitários), e nem mesmo as pessoas que voltavam do trabalho, o que colocou a população da cidade contra a ação policial.

O toque de recolher foi decretado (coisa que não acontecia em Seattle desde a Segunda Guerra), Pessoas foram presas em frente de suas casas simplesmente por estarem na rua de noite. Se não bastasse, a Guarda Nacional foi chamada e a lei marcial foi decretada, isto é, os direitos constitucionais deixavam de vigorar. Isto nos EUA, a terra da "democracia", Vemos como a democracia é uma máscara usada pelos poderosos, que logo é tirada quando as coisas não andam do jeito que eles desejam.

Atrocidade e polícia são sinônimos, mas isso não faz com que as cenas vistas em Seattle fossem menos terríveis, ainda mais se levarmos em conta que 99% dos manifestantes eram extremamente pacíficos para os padrões da moral burguesa. Mais do que ilustrativo do espírito dos manifestantes e da polícia é o testemunho do estudante de Portland, Jim Desyllas, que estava em Seattle para fazer reportagens sobre a manifestação e viu um policial atirando uma bala de borracha no rosto de uma pessoa a um passo dela, estourando seus dentes frontais. Ao ver a cena, o estudante - esquecendo que estava ali a fazer reportagens e cansado de ver a brutalidade policial - gritou: "o que há de errado com você? você está doente?" Uma pessoa respondeu: "não grite, este é um protesto não-violento".

As "táticas" e a brutalidade policial foram muitas para se detalhar. a próprio ministro do Meio Ambiente inglês, Michael Meacher, que estava em Seattle para

participar da reunião da OMC, culpou a polícia por transformar um protesto pacífico numa batalha, a que se passou em Seattle foi uma verdadeira guerra civil, uma guerra do Estado (dos poderosos) contra o povo.

A reunião da OMC só teve início no dia seguinte, porque os manifestantes impossibilitaram sua abertura no dia 30 de novembro, e suas vozes foram ouvidas. A reunião da OMC acabou resultando em quase nenhum acordo, e pela primeira vez se viu economistas (liberais) na defensiva nos jornais. Apesar de tudo, o povo ganhou esta batalha. Os protestos em Seattle começaram dois dias antes do dia 30 e ainda duraram dias depois, transformando-se, após o encontro, em protestos para soltar os presos políticos encarcerados por estarem nas manifestações. Cogita-se inclusive uma greve geral para soltá-los. Torturas e várias outras formas de violação de direitos humanos e civis foram sofridas pelos detidos. Os tipos de brutalidade policial que estamos acostumados a ver e a ter notícia no Brasil e em governos ditatoriais foram o lugar-comum desses dias em Seattle.

Um trabalhador, que se deslocou a Seattle para os protestos e que participou da linha de frente ativamente, contou excitadamente sua experiência:

"Foi extraordinário e fortalecedor: os dias de ensaio e preparação culminaram nesta tão bem-sucedida manifestação. Foi a 'verdadeira democracia' (anarquia) em ação. Nós organizamos toda a ocupação em coisa de poucos dias, e sempre através do consenso, sem líderes sancionados (havia alguns líderes 'naturais' é claro). E por um dia inteiro alguns milhares de nós tomaram as ruas de uma grande cidade e a declararam liberada. Nós, o Povo, nos levantamos contra nossos opressores e tomamos de volta o que é naturalmente nosso"

(Derek, da linha de frente).

No Brasil ocorreu uma manifestação em Santos no dia 30 de novembro. Em Filipinas, um grupo chamado Exército Revolucionário Proletário, embora não tenha declarado ser um ato que fazia parte da programação dos protestos do 30 de novembro, quebrou os vidros frontais da sede da Shell em Manila e abriu fogo com armas automáticas e granadas de uma van em movimento. E avisou que se a Shell aumentasse o preço do petróleo novamente haveriam ações mais intensas. Em Genebra alguns ativistas curto-circuitaram um transformador, levando o prédio da sede da

OMC a ficar sem energia elétrica, na intenção de prejudicar as negociações.

Entre outras coisas interessantes que ocorreram no N30, duas delas merecem conhecimento. Uma é a declaração de um "homem de negócios" (em Londres ou Seattle, não sei ao certo) que afirmou: "Estamos realmente assustados com essas pessoas. Elas parecem não ter medo da autoridade". A outra foram as declarações de Bill Clinton: mostrando-se até simpático em relação aos manifestantes (sic)... afirmou que eles significavam "interesses que não estão sendo ouvidos", e que "o sistema deve ser aberto para eles participarem", "abrindo o encontro para essas pessoas". Sim, sim, integrar no sistema, fazê-los parte do sistema, essa é a melhor maneira de se defender contra dissidentes.

A OMC e o governo norte-americano foram pegos de surpresa. O dia 30 de novembro de 1999 ficará lembrado como o dia da "Batalha de Seattle", dia que os rebeldes ganharam.

Para o N30 foi lançado em Seattle o Independente Media Center, Centro de Mídia Independente (www.indymedia.org), uma proposta de mídia independente levada a cabo pelos próprios ativistas, e que iria se espalhar em pouco tempo por várias cidades e países do mundo, inclusive no Brasil. O impacto dos Centros de Mídia Independente ainda está para ser avaliado e ainda está em progresso, mas de fato os governos já têm se sentido incomodado com eles, seja nos EUA, no Brasil ou na Itália.

Bem, mas dessa vez o N30 virou notícia em todo mundo através da mídia burguesa. A Rodada do Milênio da OMC foi impedida por manifestantes e isso já seria um prato cheio. Um bloco com algumas centenas de jovens vestidos de preto, proclamando-se anarquistas e quebrando lojas de multinacionais como a Nike e o Mc Donald's em Seattle, atraíram ainda mais as lentes míopes da mídia. O mundo começaria a ouvir falar de um tal de "Black Block", odiado pelos políticos, jornalistas burgueses, diretores de ONGs e alguns manifestantes que estão mais imersos dentro da moral burguesa do que imaginam.

COMUNICADO DO N30 BLACK BLOCK PELO COLETIVO ACME

04 de dezembro, 1999

Um comunicado de uma fração do Black Block do N30 em Seattle.

No dia 30 de novembro vários grupos de indivíduos formando um bloco negro atacaram vários alvos de corporações no centro de Seattle. Entre eles estavam (para citar só alguns):

Fidelity Investment (maior investidor na *Occidental Petroleum*, o carrasco da tribo Uwa na Colômbia); **Bank of America**; **US Bancorp**; **Key Bank and Washington Mutual Bank** (um dos principais financiadores da repressão corporativa); **Old Navy**; **Banana Republic and the GAP** (como grupo Fisher, são estupradores da floresta do noroeste e exploram trabalho semi-escravo); **Nike Town e Levi's** (cujos caros produtos são fabricados em indústrias que utilizam trabalho semi-escravo); **Mc Donald's** (traficantes *de fastfood* que pagam salário de miséria e são responsáveis pela destruição de florestas tropicais para pasto e matança de animais); **Starbucks** (traficantes de uma substância viciante cujos produtos são ceifados a um salário abaixo da miséria por agricultores que são forçados a destruir suas próprias florestas para o cultivo); **Warner Bros.** (monopolistas da mídia); **Planet Hollywood** (por serem Planet Hollywood).

A atividade durou cerca de cinco horas, e programas de rádio e folhetos informativos incluíram a destruição de vitrines frontais e portas de lojas e a desfiguração de fachadas. Estilingues, máquinas de vender jornal, marretas, bastões, pés-de-cabra e alicates foram usados para destruir estrategicamente a propriedade de corporações e conseguir entrar (um dos três Starbucks e Niketown alvejados foi saqueado). Ovos cheios de solução de ácido nítrico, bolas com tinta e tinta em spray

também foram usados.

O Black Block era um agrupamento livremente organizado, formado por grupos de afinidade e indivíduos que perambulavam pelo centro da cidade, tomando uma determinada direção, ora por causa de uma fachada de loja significativa e vulnerável e ora por avistar um contingente policial. Diferentemente da vasta maioria de ativistas que levaram spray de pimenta na cara, gás lacrimogêneo e foram atingidos por balas de borracha em várias ocasiões, a maior parte de nossa fração do Black Block escapou de ser gravemente ferido por permanecer constantemente em movimento e evitar o contato com a polícia, Nos apoiamos, nos mantivemos compactos e demos cobertura uns aos outros. Aqueles de nós que foram atacados pelos assassinos federais foram soltos pela agilidade de pensamento e por membros organizados do Black Block. A sensação de solidariedade foi qualquer coisa de estimulante.

A POLÍCIA DA PAZ

Infelizmente, a presença e persistência da "policia da paz" foi bastante importuna. Em pelo menos seis diferentes ocasiões, os assim chamados ativistas "não-violentos" atacaram fisicamente indivíduos que visavam propriedades de corporações. Alguns foram tão longe ao ponto de ficarem de pé em frente da *superstore* da *Niketown* e de agarrarem e empurrarem o Black Block para afastá-lo da loja. Na verdade, esses autodescritos "mantenedores da paz" acabaram sendo uma ameaça muito maior aos indivíduos no Black Block do que os notoriamente violentos e uniformizados "mantenedores da paz" sancionados pelo Estado (policiais à paisana até usaram o disfarce de ativista mantenedor da paz para emboscar aqueles que se engajaram na destruição da propriedade corporativa).

RESPOSTA AO BLACK BLOCK

A resposta ao Black Block realçou algumas das contradições e despotismos intrínsecos da comunidade de "ativistas não-violentos". À parte a óbvia hipocrisia daqueles que se engajaram em atos de violência contra pessoas que usavam máscara e que estavam vestidas de preto (muitas das quais foram acoissadas apesar de não terem jamais se envolvido com a

destruição de nenhuma propriedade), há o racismo de ativistas privilegiados que têm recursos econômicos para ignorar a violência perpetrada contra a maior parte da sociedade e da natureza em nome do direito de propriedade privada. A destruição de janelas e vitrines trouxe o engajamento e inspirou muito dos membros mais oprimidos da comunidade de Seattle, mais do que qualquer boneco gigante ou fantasia de tartaruga do mar poderia conseguir (sem querer menosprezar a efetividade desses meios em outras comunidades).

DEZ MITOS SOBRE O BLACK BLOCK

Aqui vão alguns apontamentos a fim de dissipar os mitos que têm circulado sobre o Black Block do N30:

1. "Eles são um bando de anarquistas de Eugene." Embora alguns poucos possam ser anarquistas de Eugene, viemos de toda parte dos Estados Unidos, incluindo Seattle. Em todo caso, a maioria de nós tem familiaridade com temas locais de Seattle (por exemplo, a recente ocupação do centro da cidade por alguns dos mais execráveis varejistas multinacionais).

2. "Eles são todos seguidores de John Zerzan." Muitos rumores têm circulado dizendo que somos seguidores de John Zerzan, um autor anarco-primitivista de Eugene que defende a destruição de propriedade. Embora alguns de nós aprecie seus escritos e análises, ele não é de forma alguma nosso líder. diretamente, indiretamente, filosoficamente ou de qualquer outra forma.

3. "O grande *squat* público é a sede dos anarquistas que destruíram propriedades no dia 30 de novembro." Na verdade, a maioria das pessoas do *squat* "Zona Autônoma" são residentes de Seattle, que têm passado a maior parte do seu tempo nesta cidade, desde sua abertura no dia 28. Embora possam se conhecer mutuamente, os dois grupos não são coextensivos e em nenhuma hipótese o *squat* poderia ser considerado a sede das pessoas que destruíram propriedades.

4. "Eles criaram as condições que fizeram os manifestantes passivos, não-violentos, serem atacados com gás lacrimogêneo." Para responder essa afirmação precisamos apenas observar que o gás lacrimogêneo, o spray de pimenta e as balas de borracha começaram a ser usados antes dos Black Blocks (até onde sabemos) começarem a destruir propriedades. Além disso, devemos evitar a tendência de estabelecer uma relação causal entre a repressão policial e as fonnas de protesto, quer envolva a destruição de propriedade ou não. A policia é encarregada de proteger os interesses dos poucos abastados e a culpa pela violência não deve ser posta sobre aqueles que protestam contra esses interesses.

5. Ao contrário: "Eles agiram em resposta à repressão policial". Embora isto possa ser uma representação mais positiva do Black Block, ela é todavia falsa. Recusamos ser erroneamente interpretados como uma força puramente reativa. Embora a lógica do Black Block possa não fazer sentido para alguns, ela é em todos os casos uma lógica pró-ativa.

6. "Eles são um bando de garotos adolescentes cheios de raiva." Além de expressar uma idéia desvirtuada e importuna de preconceito de idade e sexismo, isso é falso. A destruição de propriedade não é meramente uma agitação de machos ou uma liberação de agressividade vinda de uma sobrecarga de testosterona. Nem é uma cólera desordenada e reacionária. Ela é estratégica e especificamente direcionada contra os interesses das corporações.

7. "Eles apenas querem brigar." Esta afirmação é bastante absurda, e ela convenientemente ignora a impetuosidade da "polícia da paz" para brigar com a gente. De todos os grupos que se engajam em ações diretas, o Black Block era talvez o menos interessado em se confrontar com as autoridades, e certamente não tínhamos nenhum interesse em lutar com outros ativistas anti-OMC (apesar de algumas profundas discordâncias táticas).

8. "Eles são uma turba caótica, desorganizada e oportunista." Embora muitos de nós poderiam com certeza passar dias discutindo sobre o que vem a ser "caótico", seguramente não somos desorganizados. A organização pode ter sido fluida e dinâmica, porém foi profunda. Quanto a acusação de oportunismo, seria difícil imaginar quem dos milhares que compareceram nas manifestações não aproveitaram a oportunidade criada em Seaulle para fazer avançar seus objetivos. A questão passa a ser, então, se ajudamos ou não a criar esta oportunidade, e a maioria de nós certamente ajudou (o que nos leva ao próximo mito).

9. "Eles não conhecem os temas em questão" ou "eles não trabalham para este evento". Embora possamos não ser ativistas profissionais, estivemos todos trabalhando para esta convergência em Seattle há meses. Alguns de nós trabalharam em suas cidades e outros vieram a Seaulle meses antes para trabalhar na organização. De fato fomos responsáveis por muitas centenas de pessoas que saíram às ruas no dia 30, das quais somente uma pequena minoria tinha alguma coisa a ver com o Black Block. A maioria de nós tem estudado os efeitos da economia global, da engenharia genética, os recursos naturais, o transporte, os processos de trabalho, a eliminação da autonomia indígena, os direitos dos animais e os direitos humanos, e temos feito ativismo sobre esses temas por muitos anos. Não somos nem mal-informados nem inexperientes.

10. "Anarquistas mascarados são antidemocráticos e secretos uma vez que escondem sua identidade." Vamos encarar a verdade (com ou sem máscara) - não vivemos numa democracia. Se esta semana não serviu para deixar isso claro o suficiente, deixe-nos recordá-la - vivemos em um Estado policial. Certas pessoas nos dizem que se realmente achamos que estamos certos, não estaríamos nos escondendo atrás de uma máscara. "A verdade prevalecerá" é a afirmação. Embora este seja um belo e nobre objetivo, ele não se encaixa na realidade atual. Aqueles que representam a maior ameaça aos interesses do Capital e do Estados serão perseguidos. Alguns pacifistas gostariam que aceitássemos essa perseguição alegremente. Outros dizem-nos

que é um valioso sacrifício. Não somos tão sombrios. Nem sentimos que possuímos o privilégio de aceitar a perseguição como um sacrifício: a perseguição para nós é uma inevitabilidade diária e estimamos nossas poucas liberdades. Aceitar o encarceramento como uma forma de glória significa abandonar uma grande quantidade de privilégios do “primeiro mundo”: Sentimos que um ataque à propriedade privada é necessário se queremos reconstruir um mundo que seja proveitoso, saudável e prazeroso para todos. E apesar dos hipertrofiados direitos de propriedade privada neste país se traduzirem legalmente em delitos graves para qualquer destruição de propriedade acima de 250 dólares.

MOTIVAÇÕES DO BLACK BLOCK

A principal intenção deste comunicado é dissipar um pouco da aura de mistério em torno do Black Block e tomar algumas das suas motivações mais transparentes, uma vez que nossas máscaras não podem ser.

SOBRE A VIOLÊNCIA DA PROPRIEDADE

Sustentamos que a destruição de propriedade não é uma atividade violenta a menos que ela destrua vidas ou cause dor no processo. Por essa definição, a propriedade privada - principalmente a propriedade privada corporativa - é em si própria muito mais violenta do que qualquer ação tomada contra ela. A propriedade privada deveria ser distinguida da propriedade pessoal. Essa última é baseada no uso, enquanto a primeira é baseada no comércio. A premissa da propriedade pessoal é que cada um de nós possui o que precisa. A premissa da propriedade privada é que cada um de nós possui alguma coisa que outra pessoa precisa ou quer. Em uma sociedade baseada no direito de propriedade privada, aqueles que são capazes de provir mais aquilo que outros necessitam ou querem, possui mais poder. Por consequência, eles exercem maior controle sobre a concepção de necessidades e desejos dos outros, normalmente com o interesse de ampliar seus próprios ganhos.

Defensores do "livre comércio" gostariam de ver este processo ir até sua consequência lógica: uma rede de algumas poucas indústrias monopolistas com máximo controle sobre a vida de todos. Defensores do "comércio justo" gostariam de ver este processo amenizado por regulações governamentais destinadas a impor superficialmente padrões humanitários. Como anarquistas, desprezamos ambas posições. A propriedade privada - e o capitalismo, por extensão - é intrinsecamente violento e repressivo e não pode ser reformado ou amenizado. Quer o poder de todos esteja concentrado nas mãos de algumas poucas corporações dominantes, ou quer seja convertido em um aparato regulatório encarregado de abrandar os desastres destas últimas, ninguém pode ser tão livre ou ter tanto poder sobre sua vida quanto poderia se estivesse em uma sociedade não-hierárquica.

Quando destruímos uma vitrine, queremos destruir o fino verniz de legitimidade que circunda o direito de propriedade privada. Ao mesmo tempo, exorcizamos o conjunto de reações violentas e destrutivas que tem se impregnado em quase tudo em nossa volta. "Destruindo" a propriedade privada, convertemos seu limitado valor de troca em um expandido valor de uso. Uma janela frontal torna-se um respiradouro que deixa entrar um pouco de ar fresco na atmosfera opressiva de um estabelecimento vanjista (pelo menos até a polícia decidir atirar gás lacrimogêneo a um bloqueio de rua próximo). Uma máquina de vender jornal torna-se um instrumento para criar esses respiradouros ou uma pequena barricada para reclamar o espaço público, ou um objeto para se enxergar mais longe subindo nela. Uma caçamba de lixo torna-se um obstáculo para uma falange de policiais de choque e

uma fonte de luz e calor. Uma fachada de prédio torna-se um mural de mensagens para se gravar idéias por um mundo melhor, que surgem num momento de inspiração.

Após o N30, muitas pessoas jamais verão uma vitrine de loja ou um martelo do mesmo modo como viam antigamente. Os potenciais usos de uma paisagem urbana inteira aumentaram mil vezes. O número de janelas quebradas perde a importância em comparação ao número de feitiços quebrados - feitiços lançados pela hegemonia corporativa para nos embalar no esquecimento de todas as violências cometidas em

nome do direito de propriedade privada e de todo potencial de uma sociedade sem ela. Janelas quebradas podem ser fechadas com tábuas (com ainda mais destruição de florestas) e finalmente substituídas, mas o estilhaçamento das visões estabelecidas quiçá persistirá por um bom tempo.

*Contra o Capital e o Estado
O Coletivo “Revolta Camponesa!”
ACME*

Observação: estes apontamentos e análises representam somente aqueles do Coletivo ACME e não devem ser interpretados como sendo representativos do resto do Black Block do N30 ou de qualquer outra pessoa que se envolveu em distúrbios ou destruição de propriedade naquele dia.

ENTREVISTA COM PARTICIPANTE DO BLACK BLOCK DO N30

A entrevista que segue foi feita com um anarquista participante da paralisação da OMC em Seattle. Acreditamos que esta entrevista expõe algumas observações importantes sobre os protestos e os muitos participantes, assim como sobre o futuro da luta revolucionária anarquista. Por razões de segurança, a pessoa que deu a entrevista não revelou seu nome.

Active Transformation: Antes de mais nada, o que lhe fez decidir ir à Seattle?

BB: Eu sentia que seria importante. Lembro de ter lido algo sobre a OMC em um jornal anarquista de Minneapolis chamado *Blast*, provavelmente quatro anos atrás... e ela ficou na minha cabeça como sendo uma instituição muito nociva. Não ouvi muita coisa sobre ela desde então, até cerca de um ano antes das

manifestações em Seattle. Os diversos eventos da Ação Global dos Povos, principalmente as manifestações do J18 contra o G-8, foram muito inspiradoras. Para mim, os protestos nos EUA sempre foram desapontadores - mas a preparação para o N30 parecia interessante. Havia a sensação, desde o começo, de que seria um evento de massa, mesmo que não fosse extremamente combativo. Apostando que viesse a ser um protesto maciço contra o capitalismo global, eu e alguns outros, decidimos ir.

AT: Para você, qual o motivo dos protestos terem sido tão bem-sucedidos?

BB: Acho que foi provavelmente o evento mais importante da esquerda americana nos últimos vinte anos. Houveram grandes eventos, como os protestos contra a Guerra do Golfo etc., mas nenhum que tenha sido tão diverso e tão direcionado a interromper a normalidade dos negócios, e além disso ter sido bem-sucedido.

Houveram três razões principais que fizeram os protestos tão bem-sucedidos. A primeira razão foi que havia centenas de diferentes organizações: trabalhistas, ambientalistas, anarquistas, estudantis, feministas, contra trabalho semi-escravo - o espectro inteiro. Mas isso sozinho não seria suficiente. A sua força veio da profunda compreensão de que não seria um tipo de manifestação passiva, do tipo com comícios nas ruas e pedidos aos senhores. Foi bem compreendido por todos que ela consistiria em impedir a conferência - e isso é um grande passo para o movimento americano.

A segunda razão foi a estratégia desenvolvida através das reuniões da Direct Action Network: durante toda a semana elas foram anarquismo na prática. O plano desenvolvido era baseado em grupos de afinidade, que são pequenos agrupamentos de pessoas que se conhecem entre si e que possuem objetivos políticos ou desejos parecidos etc. O que fizemos foi dividir a região do centro de Seattle como pedaços de torta, com o centro de convenções no centro. Assim, diferentes grupos de afinidade seriam responsáveis por diferentes pedaços. E conseqüentemente todos perceberam que o plano se adequava a causar uma obstrução que impediria o andamento da conferência. Isso fez com que a ação da

polícia fosse completamente impossível. A polícia só podia prever muito pouco do que ocorreria, uma vez que a estratégia era descentralizada entre grupos fechados e interligados.

A terceira, e mais controversa razão, foi o fato do Black Block ter elevado o protesto a um nível diferente e radical. Não estou dizendo que o Black Block era mais radical ou politicamente mais avançado, mas que a chave do sucesso do protesto foi a diversidade de táticas se inter-relacionando de diversas formas, de modo a causar uma perturbação que não era policiável.

AT: Você poderia falar um pouco sobre o Black Block anarquista?

BB: Antes disso eu gostaria de salientar que os anarquistas não estavam somente no Black Block. Havia anarquistas envolvidos de todas as formas possíveis. Havia sindicalistas anarquistas, os que utilizavam bonecos, os que fizeram bloqueios não-violentos, músicos com bandas, médicos, os que faziam a comunicação entre os grupos, na mídia etc. E também um grupo de cerca de duzentas pessoas com máscaras negras que haviam se preparado, também em grupos de afinidade, para causar o máximo de estrago físico simbólico possível ao capitalismo multinacional.

Eu vi muitas vezes a utilização de Black Blocks em protestos nos EUA, mas nunca com tanto sucesso. É importante notar que o Black Block não foi o resultado de uma conspiração. Ele também surgiu de forma bastante espontânea, com pessoas que vieram de todo o país - com desejos parecidos.

O dia começou com o pessoal do Black Block fazendo bloqueios improvisados em pequenos grupos com qualquer coisa que estivesse à mão nas ruas - caçambas de lixo, máquinas de vender jornal, fitas de advertência, jardineiras, entre outras coisas. Além disso, os anarquistas vestidos de preto somaram-se às tentativas de bloqueio humano no Hotel Sheraton, onde muitos delegados se hospedavam, e na rua em frente ao centro de convenções. Onde as fileiras dos pacifistas estivessem fracas, o Black Block preencheria e criaria uma segunda fila, mais distante da polícia. Eles também cercaram delegados na rua e os forçaram, não-violenta-

mente, a alterar o curso para longe dos hotéis ou do centro de convenções. Em certa altura um delegado sacou uma arma contra os manifestantes; nessa hora os manifestantes pularam fora, e o delegado foi escoltado através da linha policial, com a arma ainda em punho.

Uma versão inverídica que está sendo divulgada pela grande mídia, assim como por boa parte da mídia underground, é de que a resposta violenta da polícia foi de alguma forma gerada pela destruição de propriedade. Eu gostaria de afirmar que a violência policial começou às nove da manhã, em resposta aos bem-sucedidos bloqueios de rua e entradas, muito antes das vitrines começarem a ser quebradas, o que ocorreu logo após o "Reclaim The Streets" às onze horas. Eles começaram a atirar gás lacrimogêneo, balas de borracha etc. A primeira vitrine quebrada na verdade foi por conta de uma bomba de gás lacrimogêneo atirada contra a vidraça de uma loja.

Aconteceram apenas pequenas "transfonnações" de propriedade durante a manhã, e mesmo no dia anterior. Até então rolavam mais pichações - em ônibus, carros de polícia, no Sheraton etc. No dia anterior ao N30 um protesto no Mc Donald's, organizado por agricultores franceses, causou pequenas destruições em vitrines etc. Deveria ter sido um sinal do que estava por vir.

Quando a destruição de vitrines começou em larga escala, ela teve um poder de fascínio. Todas as pessoas com quem estávamos andando tiraram rapidamente todas as espécies de ferramentas: alicates, martelos, pés-de-cabra. Então começaram muito rapidamente a eliminar as vidraças de todos os bancos e lojas de roupas finas ou de multinacionais. Vi até mesmo uma mulher destruindo uma máquina da ATM com uma marreta. Eu tinha medo de que a qualquer momento uma equipe de operações táticas da polícia saísse do meio da multidão e atacasse violentamente o Black Block.

AT: Você pode falar um pouco sobre a reação policial aos eventos?

BB: Eu diria que eles fizeram cagadas a maior parte do tempo. Bom para nós. No primeiro dia eles acharam que seriam eficazes debilitando o que achavam ser

nossa estratégia: encher as cadeias. Eles planejaram não efetuar prisões, e usaram apenas gás não-letal, em grande quantidade. Os gases não-letais apenas fortaleceram a determinação das pessoas em impedir a conferência. Elas também fizeram muitas pessoas deixarem o pacifismo radical. É mais fácil permanecer um pacifista quando não se sente a força do Estado. Quando perceberam que a estratégia havia falhado, tudo que podiam fazer era tentar fofocar e manter as linhas policiais, o que lhes deu muito trabalho. No final do primeiro dia o Estado de Emergência foi decretado e choveram críticas aos ativistas mais destrutivos. A polícia e o município tinham a oportunidade de virar o jogo e partiram para isso. A polícia seguiu em alvoroço durante 24 horas, atacando indiscriminadamente pessoas em toda a cidade. Embora eles tenham prendido muitos ativistas por desobediência civil, o grosso da sua força foi direcionado contra civis não-ativistas. A polícia já estava sob fogo pelo fracasso do dia anterior. Como consequência desse dia de policiamento de choque, eles tomaram nossa luta uma luta muito mais popular, e a polícia perdeu todo o respeito.

AT: Como você vê outros grupos que estavam lá, como grupos ambientalistas e trabalhistas?

BB: Todos foram cruciais para o sucesso da manifestação. Foi o ataque por todos os lados que levou à ardente crítica que se espalhou por todo o país. Antes do N30 quase ninguém tinha ouvido falar da OMe. E agora quase todo mundo já ouviu falar e não tem uma boa impressão sobre ela. A coalizão que paralisou o encontro ministerial da OMC era extremamente diversa e foi isto que a tornou poderosa. Mesmo dentro das categorias de grupos trabalhistas e ambientais há uma enorme diversidade. Você vai do Earth First! ao Sierra Club, e da AFL-CIO (American Federation of Labor - Congress of Industrial Organizations) ao Longshoresmen. Enquanto os grupos mais liberais transformaram a manifestação num evento de massa, os grupos mais radicais fizeram deste dia uma celebração da ruptura anticapitalista. Tanto o Longshoresmen quanto os metalúrgicos romperam com os planos dos dirigentes sindicais de desviar as manifestações

para longe da ação no centro da cidade. Os metalúrgicos se colocaram contra as linhas policiais e enfrentaram o gás lacrimogêneo com o resto de nós. Outros sindicatos fizeram o mesmo no dia seguinte.

AT: Qual o significado de Seattle para o movimento mais amplo?

BB: Eu só posso começar a responder essa pergunta resumidamente. Antes de tudo fornece a prova de pelo menos duas coisas realmente importantes: de que existe um movimento e de que podemos vencer. As pichações nos muros em toda a cidade diziam explicitamente “*We are Winning*”³³. Na tarde em que o Estado de Emergência foi decretado, o centro da cidade havia sido totalmente alterado - parecia que uma revolução estava em andamento. Foi algo realmente forte. As pessoas voltaram para suas cidades totalmente cheias de energia para continuarem a luta.

Nós precisamos desses empurrões. Muitas vezes temos a impressão de que não há esperança de um futuro melhor. Isso mudou drasticamente para mim. Outra coisa foi que, conversando com as pessoas durante os dias seguintes, eu tive a impressão de que a maioria das pessoas que estavam lá eram ativistas novos e jovens. Isso para mim é entusiasmante. Estou certo de que eles se sentiram totalmente fortalecidos pela experiência e farão nosso movimento ser inteiramente mais vibrante.

Acho importante que edifiquemos sobre os alicerces de Seattle. Precisamos tirar proveito desta chance de diálogo entre diferentes grupos. A chance de comunicação entre grupos trabalhistas, anarquistas e ambientalistas está aberta para que todos nós aprendamos e desenvolvamos laços mais fortes. Devemos continuar a impulsionar estratégias que desafiem o poder dos negócios e do Estado, e não que apelem a ele.

Também precisamos enraizar nossas lutas nas comunidades em que vivemos e em torno de temas relativos à opressão e injustiça, que são temas cotidianos para as pessoas em nossa volta. Tem havido uma forte crítica entre pessoas negras de que

³³ “Estamos Ganhando!” (N.T.)

os manifestantes anti-OMC, que são majoritariamente brancos, mobilizam-se contra a injustiça no mundo - mas fracassam em ligar, priorizar, ou até mesmo tentar entender lutas importantes acontecendo aqui mesmo. Esta é uma das principais lições que precisamos levar em consideração.

AT: Então o que podemos aguardar em seguida?

BB: Além da abundância de temas locais e projetos que podemos nos engajar, existem algumas coisas potencialmente interessantes no horizonte próximo. Em abril o Fundo Monetário Internacional terá uma conferência internacional em Washington D.C. Ele é inquestionavelmente o irmão maior e mais perverso da OMC. A Ação Global dos Povos também fez a chamada para o próximo dia de ação global contra o capitalismo no dia 10 de maio. Já existem projetos em andamento de manifestações em Seattle, Detroit, Phoenix, Londres e a paralisação de *Wall Street* em Nova York, assim como em várias outras cidades em todo o mundo.

Algo importante de se lembrar é que existem várias pessoas enfrentando acusações devido aos eventos em Seattle, algumas das quais são muito sérias. É crucial para o crescimento de um movimento radical saudável que se dê o apoio legal necessário para livrar essas pessoas e trazê-las de volta às ruas conosco.

Active Transformation
PO Box 6746
East Lansing, MI 48826

SOBRE DESORGANIZAÇÃO

Em relação às reportagens passadas da imprensa, e as que deverão vir, sobre o

juízo dos "líderes" do RIS, o Reclaim The Streets³⁴ de Londres gostaria de enfatizar que é um grupo público não-hierárquico, sem líderes e abertamente organizado. Nenhum indivíduo "planeja" ou "idealiza" suas ações e eventos. As atividades do RIS são resultado de esforços voluntários, não remunerados e cooperativos de várias pessoas autogeridas tentando trabalhar juntas em igualdade.

Os eventos do 18 de Junho de 1999 em Londres, apenas um entre eventos parecidos que ocorreram em mais de quarenta países em todo o mundo, foram de fato organizados por milhares de pessoas em todo o Reino Unido, em parte previamente, em parte espontaneamente no próprio dia. O evento buscou tanto realçar quanto confrontar diretamente o atual sistema socioeconômico internacionalizado, que causa uma enorme destruição ambiental e está levando a um aumento da pobreza e desigualdade à maioria dos povos do mundo.

Que a mídia de massa e o aparato legal do Estado não tenham tido a capacidade de compreender - ou propositalmente buscaram mal interpretar tudo - não é nenhuma surpresa. Ambos estão imersos no sistema de poder centralizado e no controle que os ativistas de ação direta se opõem, um sistema que também produz um culto da personalidade - seja ela um político ou uma celebridade. Apesar disso, enviamos esta declaração talvez na ingênua esperança de que a grande mídia possa estar interessada em reportar, eventualmente, os fatos.

O RTS de Londres está orgulhoso de estar associado ao crescente movimento anticapitalista que levanta sua voz nas ruas da City de Londres, em Seattle, logo em Washington, novamente no 1º de maio e em muitas outras ocasiões. Em resposta ao onipresente "quem é responsável?", respondemos em um só voz "todos nós", e em resposta às meias-verdades, distorções e mentiras da mídia e do sistema legal, continuaremos a responder com a frase e a ação: "Reclaim The Streets!"

*Uma declaração do
Reclaim The Streets de Londres
Sexta-feira 14/04/2000*

³⁴ Reclaim The Streets é uma rede de ação direta que busca redescobrir e liberar as ruas das cidades. Para mais detalhes www.reclaimthestreets.net.



Whashington
Abril de 2000



No final de janeiro de 2000, o Fórum Econômico Mundial anualmente realizado na cidade suíça de Davos enfrentou protestos, porém marcante seria o protesto contra a reunião do Banco Mundial e do FMI em Washington D.C., a capital do Império, no dia 16 de abril de 2000.

As agências governamentais começaram a se preparar para as manifestações do A16 em Washington D.C. usando grampos telefônicos, interceptando correspondência e infiltrando agentes. As táticas da polícia incluíram a intimidação pessoal de simpatizantes e ativistas e a espionagem no movimento estudantil (na America University, George Washington University e em escolas secundárias). A polícia também realizou visitas a pessoas que se dispuseram a fornecer alojamento para manifestantes que vinham de outras cidades, ameaçando enquadrá-las por violação da legislação de zoneamento se deixassem os manifestantes acamparem, e também tentou fechar abrigos e albergues para sem-teto quando percebeu que podiam ser usados por manifestantes para dormir. Vários sites e listas de discussão foram monitorados. Em alguns casos agentes de polícia se passavam por manifestantes para descobrir detalhes. Mais de um milhão de dólares foi investido para aparelhar a polícia. Várias lojas da rede Kinkos - uma rede 24 horas especializada em reproduções gráficas - foram fechadas pela polícia, que alegava abertamente que elas

estavam sendo utilizadas por manifestantes para reproduzir panfletos e propaganda.

Prisões em massa e ilegais e violações de direitos humanos, por parte da polícia, foram correntes. A reunião não foi impedida, mas muitos funcionários do FMI e do Banco Mundial tiveram de dormir no serviço, com medo de não conseguirem chegar ao local de trabalho na manhã seguinte. Delegados de diversos países levantaram de madrugada para chegar ao local da reunião antes dos bloqueios dos manifestantes começarem, e outros chegaram atrasados ou não conseguiram chegar devido aos protestos.

Dessa vez o Black Block apresentou outra estratégia, deixando a destruição de propriedade de lado e procurando afastar a polícia nas áreas onde os bloqueios feitos pelos manifestantes ditos "não-violentos" mais necessitavam. O número de aderentes também era bem maior.

Nesse mesmo ano o Black Block nos EUA também estaria presente nas grandes manifestações durante as convenções do Partido Republicano (Filadélfia) e do Partido Democrata (Los Angeles), entre outras de menor porte.

N.L.

DOSSIÊ ANTIGLOBALIZAÇÃO / EUA BLACK BLOCK: NO SINGULAR OU NO PLURAL... MAS DO QUE SE TRATA ENTÃO?

Há alguns meses que se houve falar de *Black Block(s)*, principalmente nos meios de extrema-esquerda.

Entretanto, quer entre os militantes anticapitalistas como entre o resto das pessoas, o Black Block assusta e fascina, desencadeando muito freqüentemente um ódio bastante selvagem, ou, ao contrário, brados de aprovação, sem que grande parte

necessariamente saiba do que se trata na verdade.

A aura de mistério que envolve o fenômeno contribui para construir uma lenda e alimentar os mitos quanto a sua existência, sua razão de ser, os motivos e a natureza das suas ações.

Por este sujeito valer mais do que as aproximações duvidosas às quais ele é freqüentemente reduzido, e pelo atual momento nos fornecer cada vez mais ocasiões para conhecê-lo, falar com ele e portanto nos interessarmos por ele, este texto tem por objetivo explicar de maneira sintética questões concernentes ao Black Block, e propor uma análise positiva (não escondemos!) do valor político que ele representa, de modo a - talvez - suscitar reações e debates sobre este sujeito.

(...)

Nos dias 16 e 17 de abril de 2000, em Washington, aconteceria uma reunião do FMI e do Banco Mundial. Uma mobilização igualmente forte teve lugar, reunindo todos os integrantes da oposição à globalização e/ou ao capitalismo. Um Black Block (Bloco Revolucionário Anticapitalista, RACB) de aproximadamente mil pessoas teve presença marcante, optando entretanto por uma tática resolutamente diferente daquela posta em prática em Seattle. O Black Block concentrou todos os seus esforços sobre a polícia, conseguindo fazer recuar as linhas policiais em várias oportunidades, forçar as barreiras policiais, libertar pessoas presas, arrastar a polícia além *de seu próprio perímetro para enfraquecê-la*, defender os praticantes de desobediência civil contra as agressões policiais e lhes permitir que conseguissem ir mais adiante. Nessa oportunidade, o Black Block foi manifestamente uma força incrível que possibilitou o seguimento do conjunto da manifestação.

Os Black Blocks estiveram igualmente presentes durante as convenções republicana e democrata, embora suas ações nessas ocasiões tenham sido menos significativas que em Seattle ou Washington.

Durante a Convenção do Partido Republicano na Filadélfia nos dias 1º e 2 de agosto de 2000, o Black Block (Black Block Anti-Estatista, ASBB) tomou parte ativamente das manifestações e publicou em seguida um comunicado explicitando seus ataques contra a propriedade privada e contra a força policial efetuados durante as

manifestações. Também um Clown Block participou, parodiando o mundo político institucional através de uma prática subversiva de teatro de rua, reprimida pela polícia.

De 14 a 17 de agosto, a Convenção do Partido Democrata em Los Angeles foi igualmente o palco de manifestações e ações diversas. A polícia dispersa violentamente um concerto do Rage Against The Machine que ocorria ao lado do prédio onde teria lugar a convenção. Os membros do Black Block foram especialmente vítimas da brutalidade policial (um deles foi alvejado por balas de borracha e spray de pimenta enquanto agitava uma bandeira negra em cima de uma grade), e responderam repelindo os policiais atirando projéteis diversos.

O QUE TRAZEM OS BLACK BLOCKS

"Como em Seattle, os Black Blocks trouxeram às ações a energia estratégica, da criatividade e da coragem, mas têm além disso manifestado uma grande vontade de respeitar as aspirações de outros participantes e não cessam de defender ativamente as pessoas menos preparadas". (Michael Albert, no Znet Commentary, Assesing A 16, abril de 2000).

É fácil reduzir o "fenômeno" Black Block a algumas práticas que parecem tanto mais ridículas e limitadas quanto a frequência em que são caricaturadas. As ações dos Black Blocks não se limitam a uma destruição sistemática e sem objetivo. Olhando mais de perto ele parecerá, ao contrário, como um modo de organização e de ação política que encontra seus fundamentos numa análise crítica da militância de extrema-esquerda, e que pode lhe acrescentar bastante.

As ações dos Black Blocks se inscrevem de fato numa superação dos modos de manifestação política tradicionais caracterizados pelo lobby e reformismo. Os Black Blocks praticam uma desobediência civil ativa e a ação direta, afastando assim a política do teatro virtual perfeitamente domesticado, dentro do qual ela permanece muitas vezes encerrada (quando a contestação do sistema se toma um elemento entre outros no tabuleiro de xadrez político, previsível e integrado nos cálculos políticos). Os Black Blocks reinserem a ação no seio da contestação e possibilitam assim um assalto direto sobre os elementos do sistema que eles rejeitam. Concretamente, os Black Blocks não se contentam com simples desfiles contestatários, certamente importantes pela sua carga simbólica mas incapazes de

verdadeiramente sacudir a ordem das coisas. A ação dos Black Blocks contribui para realizar a política ao invés de somente expressá-la em palavras. Neste sentido, a ação política, passiva e/ou simbólica, torna-se ativa e até ofensiva. É claramente o que afirma o comunicado de um Black Block de Seattle, que recusa ser considerado uma simples força de reativa que dependeria assim unicamente das atitudes e caprichos do poder.

Os Black Blocks se declaram portanto inteiramente a favor da ação ofensiva contra as estruturas de poder, tomando ao pé da letra o famoso slogan: "O capitalismo não se desmorona sozinho. Ajudemo-lo !"

Essa atitude se caracteriza por várias ações controversas, em especial por danos causados à propriedade privada de multinacionais e outras empresas.

A "VIOLÊNCIA CONTRA A PROPRIEDADE"

"Em um sistema baseado na busca do lucro, a ação é mais eficaz quando ataca o bolso dos opressores. A destruição da propriedade, como forma estratégica de ação direta, é uma estratégia eficaz para atingir esse objetivo. Isso não é uma teoria... é um fato" (Comunicado do Black Block Anti-Estatista, Filadélfia, 9 de outubro de 2000).

Atacar a propriedade de empresas é, antes de mais nada, romper com as clássicas manifestações-desfile que "o poder" assimila perfeitamente. É dar um passo, e atacar frontalmente as multinacionais e outras indústrias movidas a lucro num terreno que as afetam diretamente, aquele dos interesses econômicos. Causar danos materiais que se contabilizam em dólares é dizer claramente às pessoas que falam apenas a língua do dinheiro que eles não são intocáveis, é sabotar um centésimo de seus lucros e lhes retribuir um milésimo da violência que suas atividades geram.

Atacar a propriedade é certamente atacar (simbolicamente) o bolso dos proprietários, mas é também e sobretudo atacar sua imagem. Através de ações a alvos definidos, acompanhadas de comunicados explicativos, os Black Blocks que agiram em Seattle foram em certa medida bem-sucedidos em impor uma interpretação política de seus atos de destruição, publicizando assim as questões relativas às atividades e práticas das empresas que foram alvo.

Mesmo as mídias institucionais não puderam facilmente se livrar desse sujeito

atribuindo os atos a "vândalos", e tiveram reconhecer o caráter político de certas ações (apesar disso não houve nenhuma mudança, a mídia institucional permanece aquilo que é - uma servidora do poder, bem entendido). Resumindo, é possível suscitar a atenção sobre a correção das atividades das empresas e até mesmo sobre a "natureza" do comércio ao se praticar essas ações diretas de sabotagem.

Se essas ações permitem afetar a imagem das companhias que são alvo, elas permitem também transformar as percepções, modificando o valor concebido aos diversos bibelôs e símbolos do capitalismo. Através de seus comunicados, os Black Blocks legitimam e dão uma positividade a suas ações.

Uma vitrine quebrada toma-se um novo lugar, liberado de todos esses símbolos agressivos que testemunham a onipresença arrogante do capitalismo e das várias formas de opressão que ele mantém e gera.

Uma loja pilhada é uma coletividade que toma aquilo de que necessita, seja lá onde se encontrem, curto-circuitando o processo mercantil, negando o valor de troca dos objetos e lhes reconhecendo um valor de uso. É a afirmação da gratuidade contra o comércio, do roubo como forma de protesto político e meio de viver decentemente em um mundo onde nada é acessível sem dinheiro, nem mesmo a satisfação de suas necessidades vitais.

Um muro pichado é visto como um pequeno pedaço de espaço urbano reapropriado, como uma abertura em uma cidade uniforme, branca e imaculada. É um ataque contra as superfícies cinzentas, melancólicas e assépticas. Uma fachada toma-se então um lugar de expressão vivo e colorido, que dá a palavra às pessoas comuns e desprovidas. O impacto visual de um slogan escrito em um muro às pândegas rivaliza com a dos painéis publicitários, do cartaz oficial ou da tela da televisão que se impõem como os únicos meios de informação e de expressão. Ele curto-circuita também o processo "normal" de expressão, reservado àqueles e àquelas que podem ter acesso a eles - devido a sua posição social ou pela falta de questionamento dos fundamentos de um sistema alienante.

Esses diferentes procedimentos, simples de serem realizados, são a manifestação de um poder emanando da base, de um poder que não passa pelas estruturas oficiais

para se exprimir, mas que escolhe uma forma de expressão dissidente e mais direta. Estes meios simples, diretos e ao alcance de todos são portanto logicamente mais capazes de atingir os grupos mais desfavorecidos, os grupos mais marcados pela exclusão, aqueles e aquelas que sempre foram abandonados pela política e que acabaram por abandonar a política. Ao agirem concretamente sobre os objetos de sua revolta, os Black Blocks são mais capazes do que qualquer outro de sensibilizar estes excluídos que comem o pão que o diabo amassou cotidianamente, mas que no entanto estão freqüentemente condenados à resignação.

O exemplo de Seattle é flagrante com respeito a isso: enquanto o conjunto do movimento de luta contra a OMC lastimava a pouca participação de pessoas de cor e/ou das classes sociais mais "baixas" nos eventos, as iniciativas dos Black Blocks atraíram (e foram quase as únicas a fazê-lo) uma quantidade de jovens dos bairros negros e pobres.

Do mesmo modo que os Black Blocks podem assustar e desencadear a hostilidade de alguns, eles podem tornar a política e sua realização mais acessíveis, e agir como fator polítizante e dinamizante dentro da luta contra o capitalismo.

Estes momentos de ação contribuem à criação momentânea de situações onde tudo parece possível, onde a ordem balança, onde a cidade parece reapropriada, "liberada" em alguns pontos. Estas *Zonas Autônomas Temporárias*³⁵ são muito importantes: trata-se de toda uma ação sobre o ambiente, sobre as possibilidades que ela deixa entrever às pessoas - o fato de que outra coisa é possível, de que a merda cotidiana não é uma fatalidade. Estes instantes de exaltação - onde o mundo todo parece desmoronar estão certamente deslocados em relação à realidade, que em geral restabelece logo a ordem, mas são benéficos e indispensáveis. São as pequenas ocasiões que dinamizam, dando esta impressão de que *nada será mais como antes*, podendo ser catalisadores de energias, pontos de partida de iniciativas, de criações e de ações. Nos muros de Seattle lia-se: "We are winning!" ("Estamos ganhando!").

³⁵ Conceito criado por Hakim Bey. Ver o livro *TAZ - Zona Autônoma Temporária*, de Hakim Bey, disponível gratuitamente em diversos sites na Internet, entre eles o do Coletivo Sabotagem – www.sabotagem.cjb.net. (Nota do Sabotador)

Para muitos, parecia que isto não era completamente falso.

A experiência de Seattle, e do Black Block em particular, foi um impulso considerável ao movimento anarquista norte-americano. Não só por causa da multiplicação das ações e da quantidade de participantes...

Entretanto, a importância dos Black Blocks não se resume a estes poucos exemplos. Seus modos de organização e estruturas, assim como sua evolução no decorrer das manifestações, explicam para muitos este sucesso e resultado.

ORGANIZAÇÃO HORIZONTAL, FLUIDA E EVOLUTIVA

"A polícia gosta da guerrilha urbana que não se encaixe bem com as suas táticas militares: ela quer eventos lentos, monolíticos, imóveis e previsíveis, para poder empregar sua força de controle paquidêmico e sua ordem hierárquica planificada" (Dan Je sait tout, Genebra, 3 de junho de 2000).

Uma das características dos Black Blocks é sua forma horizontal, não-hierárquica, própria para evitar a lentidão de uma gestão centralizada. Não existe chefe nem verdadeiro plano unitário, mas sim indivíduos que constituem pequenos grupos de afinidade independentes uns dos outros. Esse modo de funcionamento permite uma relativa autonomia, no lugar de uma organização global muitas vezes sufocante (e mais propícia a expressar relações de poder).

A organização em grupos de afinidade permite tomadas de decisão bem mais rápidas e igualitárias (os grupos são constituídos de uma pequena quantidade de pessoas que se conhecem), e deste modo facilmente as mudanças e evoluções instantâneas desorientam a polícia.

Além dos grupos de afinidade permitirem uma gestão fluida da ação, eles também são de grande valor estratégico frente à repressão policial. Uma massa de pessoas interdependentes são mais facilmente controláveis pela polícia do que um conjunto de pessoas organizadas em pequenos grupos autônomos e móveis, suscetíveis de tomar decisões rápidas e de surpreender. Apesar das suas táticas de controle de manifestações, a polícia pode se encontrar completamente desarmada face a uma

imensidão de grupos que agem simultaneamente. No lugar de enfrentar uma organização rígida a qual as pessoas seguem (exemplo típico: *a cabeça de* uma manifestação e o resto do cortejo), ela deve enfrentar vários grupos que agem de maneira independente e simultânea.

Para o ou a manifestante, trata-se portanto de se tomar atriz ou ator de seus movimentos ao se organizar, ao invés de seguir desastrosamente ou cegamente e ser encurralado.

Uma outra característica dos Black Blocks é a evolução de suas estratégias. Em Washington, sua presença era impressionante. Embora todos esperassem que os Black Blocks atacassem a propriedade, eles, ao contrário, dirigiram todos os seus esforços aos meios de resistência à polícia e a debilitá-la de modo a permitir ao conjunto da manifestação ganhar terreno. Esta evolução é significativa.

Ela prova que sem organização centralizada e hierárquica, os Black Blocks são capazes de tomadas de decisão coletivas a grande escala, sem comprometer a autonomia e independência dos grupos de afinidade que os constituem. Além disso, uma tal decisão supõe um distanciamento e uma visão crítica em face das ações precedentes, importantes faculdades de autocrítica e de tomada de decisões táticas, que até aqui estiveram ausentes em muitos outros que compõem o movimento anticapitalista. A DAN (Direct Action Network, rede de desobediência civil não-violenta muito ativa durante as manifestações contra a globalização) por exemplo aplicou em Washington as mesmas técnicas que aplicara em Seattle, sobre as quais a polícia estava amplamente avisada, e portanto preparada para combatê-las. Por ter previsto esta situação, o Black Block mostra que não é somente capaz de antecipar e agir em consequência, mas que ele não se detém a um meio de

ação em particular, que a destruição de propriedades não é um fim em si, mas um meio entre outros, propício em certas ocasiões mas podendo dar lugar a outras técnicas por vezes mais adequadas a uma determinada situação.

CONTRA OS BLACK BLOCKS

"Estamos aqui para proteger a Nike, o Mc Donald's, a Gap e todo o resto. Onde está a polícia? Estes anarquistas deveriam ser presos" (Medea Benjamin, líder da Global Exchange, uma ONG, no *New York Times*, 2 de dezembro de 1999).

Essas ações não-violentas foram interrompidas e desviadas do objetivo pelos pequenos bandos de vândalos que derrubaram máquinas de vender jornal e claramente quebraram algumas vitrines no centro da cidade. A polícia foi incapaz de identificar e de prender estes poucos indivíduos associiais. Por que a polícia não identificou e prendeu esses vândalos mais depressa? Se ela o fizesse, teria me evitado esta tarde desagradável e este constrangimento. Não viemos para destruir Seattle, estamos aqui para esclarecer o efeito destrutivo da OMC (Mike Dolan, da ONG Public Citizen, no *World Trade Observer*, 1º de dezembro de 1999).

A semelhança entre as declarações de certos manifestantes e o discurso oficial é bastante evidente, e dá conta da hostilidade de uma parte da "contestação de esquerda" frente às atividades mais radicais dos Black Blocks, e por outro lado da participação ativa destas mesmas pessoas no sistema repressivo.

Já que, para lá de simples divergências de opinião, é também nos acontecimentos que é manifestada esta hostilidade.

(...)

Agindo sem desconsiderar essas ações "não-violentas" e nem contra elas, os Black Blocks têm muito frequentemente participado ativamente, afirmando-se como força política essencial ao movimento de luta anticapitalista e não apenas como fenômeno marginal.

ESSAS CRÍTICAS NA PRÁTICA

"A coordenação de organizações participantes deve preparar futuramente ainda mais os manifestantes para imobilizar e entregar à polícia qualquer "hooligan" indesejável. Mesmo se um "hooligan" viesse a sofrer algo, seria apenas uma pequena perda ao lado das 20 mil crianças que morrem diariamente sob o reinado das multinacionais" (Ole Fjord Larsen, membro da United Peoples, no *Future planning*

after Seattle, 12 de dezembro de 1999).

É fácil responder a essas críticas muitas vezes grosseiras: elas são manifestadas de maneira até mais problemática pelos gestos de violência que às vezes põem em perigo membros dos Black Blocks. Com efeito, durante a "batalha de Seattle" algumas pessoas foram atingidas por manifestantes que diziam se opor à violência e que as acusavam de sabotar a manifestação (que paradoxol). Por várias vezes algumas pessoas tentaram arrancar as máscaras do Black Block, ou até mesmo entregar seus membros à policial. Muitas vezes o Black Block teve de lidar com estes pacifistas fundamentalistas que constituíam uma verdadeira "polícia da paz" mais do que a polícia em uniformes. Esta atitude reativa contra toda crítica que se exprima de outro modo que não através de desfiles bem-educados, participa plenamente do sistema repressivo posto em prática pelas autoridades. Qual é a revolta destes chamados "pacifistas" que se comportam como policiais quando não há policiais, que usam a violência física (pondo de lado sua própria coerência) contra aqueles que quebram a tranqüilidade servil de seus desfiles contempladores? Seus objetivos parecem ser os mesmos dos policiais: preservar a paz social não importa a que preço. Exterminar a revolta, visto que aqueles ganham sentido e se engajam de maneira um pouco mais concreta do que apenas através de palavras esvaziadas do seu significado. Estes "pacifistas" direcionam erradamente a sua raiva, e têm uma séria necessidade de tomar consciência de sua própria participação nas estruturas repressivas que estão supostamente a denunciar. Portanto, eles constituem um certo perigo para aqueles que querem tomar seus desejos por realidade, e antecipar alguns tijolos desta famosa "mudança global" que demora tanto a chegar...

Enfim, o fato destas poucas críticas serem tão grosseiras e ridículas, tão violentas e perigosas, não significa no entanto que ele livra os Black Blocks de qualquer crítica. Seria no entanto bom fazê-la inteligentemente, começando por reconhecer a utilidade que até agora eles têm provado possuir.

CONCLUSÃO

(...)

No curso das manifestações destes últimos meses, pode-se observar cada vez mais o Black Block se formar. Esse movimento parece expressar uma certa radicalização dos meios de extrema esquerda e anarquista americanos, ao mesmo tempo que talvez signifique um retomo do interesse pelas idéias e práticas libertárias.

Mas o Black Block é mais do que um indicador de tendências. Parte integrante deste processo é o afastamento dos protestos rotineiros do reformismo e da contemplação, reinventando e popularizando uma desobediência civil ofensiva. O Black Block não é somente um avanço em relação aos meios de contestação tradicionais, mas também um avanço em relação à ação ilegal isolada, que ganha sentido no quadro de uma luta global e política.

o Black. Block. É também a desorganização organizada, a possibilidade de se associar eficácia estratégica e prática igualitária, radicalidade e lucidez política.

Por todas essas razões, o Black Block me parece uma verdadeira força política, portadora de numerosas dinâmicas e potencialidades quanto ao futuro das lutas anticapitalistas e anti-estatistas.

Penso que se a iniciativa do Black Block deve ser encorajada, ela deve necessariamente ser acompanhada de discussões e análises críticas desse sujeito. O Black Block deve evitar fixar-se em um modo de ação particular ou perder-se na auto-satisfação, e assim evitar questionar-se mais adiante. Pelo contrário, essas práticas "radicais" podem ser igualmente ocasiões de levantar questões essenciais: questões relativas às discriminações (sexismo, racismo, especialmente), ao caráter identitário e potencialmente excludente dos Blocks etc. Uma vez que não se trata simplesmente de se unir contra o sistema, mas de combater aqui e agora as discriminações que existem em nosso seio, e que perpetramos no cotidiano pela falta de questionamento de nossos comportamentos. As ações do Black Block podem, em comparação com uma verdadeira vontade igualitarista, caminhar no sentido de uma prática ao mesmo tempo igualitária e ofensiva em face às estruturas de poder, do mesmo modo que podem facilmente, pela negligência e pelo consentimento, fortalecer relações de dominação mascaradas por uma luta contra um inimigo comum.

Eu espero, por minha parte, que a expansão dos Black Blocks se faça naquele sentido, e que as recentes proposições visando uma maior coordenação dos grupos permitam a expressão de posições políticas e debates construtivos a este sujeito.

Darkverggy

BLACK BLOCK DE LOS ANGELES UMA CARTA DE QUATRO PESSOAS QUE ESTIVERAM NO BLACK BLOCK

O Black Block não é uma organização (no sentido de associação que possui regimentos e uma clara delimitação que defina quem é membro). Ele é uma tática utilizada por anarquistas e defensores da igualdade para se oporem ao controle das nossas vidas e da economia em que vivemos, exercido pelas corporações e com o auxílio dos governos. Durante a semana da Convenção Nacional do Partido Democrata em Los Angeles, muitas pessoas puseram máscaras e vestiram roupas pretas para se juntarem às passeatas na forma de um grande e visível contingente de invisíveis. Marchamos sob uma faixa com um "A" dentro de uma bola (anarquia) e um "E" dentro de uma bola (igualdade) que dizia: "Seja Em Quem Eles Votem, Somos Ingovernáveis".

Alguém nos perguntou: "você acha que assim você passa sua mensagem?" Eu gostaria de saber que mensagem teria sido esta. Só podemos falar por nós mesmos enquanto quatro indivíduos participantes no Black Block (muitos do Black Block achavam que estavam enviando uma mensagem), mas para nós, nós não éramos uma mensagem. Apenas estávamos lá. E talvez isso tenha confundido algumas pessoas.

Máscaras pretas fornecem anonimato e segurança aos indivíduos e além disso visibilidade enquanto grupo. Quando permanecemos em frente à polícia, ao governo, aos políticos, e aos seus chefes das corporações, eles não podem questionar nossa legitimidade (somos nós "bons" manifestantes?) porque não damos a mínima ao que



Reação Global
Maio de 2000



eles acham.

E eles sabem disso.

Isso é uma mensagem? Qual mensagem está sendo enviada por 9 mil policiais em armadura preta e azul com cassetetes e gás lacrimogêneo?

Se você nunca notou alguém, e então ele põe uma máscara preta e você subitamente o vê, não se trata necessariamente de uma mensagem, mas algo mudou.

Todo organismo, a própria vida, lutará para permanecer vivo. É saudável estar disposto a se proteger para permanecer vivo. Nossa presença representou a saúde que cresce nos movimentos pelo fim do domínio corporativo. Certamente o Black Block não é a única indicação desta saúde que cresce, nem a mais importante, apenas uma das mais visíveis. [Note que na medida que a semana avançava e descobríamos que éramos tratados como uma mensagem, demos duro para prevenir que a polícia e a mídia manipulassem nossa imagem de modo a ofuscar as diversas outras mensagens dos manifestantes.] O Black Block não é diferente do resto do movimento de contestação da mesma forma que meu ligado não é diferente de mim. Meu ligado é uma parte de mim e tê-lo me toma saudável. Da mesma forma, o movimento de contestação não é em nada diferente do povo em geral. Somos uma parte de você: a parte que se dispõe a defendê-lo e que o toma mais saudável.

Pessoalmente (falando como quatro indivíduos), não achamos que a expressão "guerra de classes" seja uma metáfora muito boa daquilo que os manifestantes fazem. Os ricos podem romantizar a guerra, esticar-se e tocar o perigo, sentir a emoção, e contar o conto. O resto de nós é morto e mutilado. A guerra é uma bosta. A imunologia oferece uma metáfora melhor, já que o bem estar democrático desta nação tomou-se doente. As corporações são um câncer que nos matarão se deixarmos. O Black Block é apenas um pequeno elemento dos movimentos que crescem, dedicado a trazer saúde e força ao corpo da nação e restabelecimento à comunidade de povos em todo mundo. Faremos nossa pequena parte para eliminar o câncer.

Os anarquistas nunca problematizam o relacionamento entre a força coletiva e a liberdade individual (por que deveríamos?), então, portanto, podemos terminar esta carta com a tradicional saudação anarquista.

Solidariedade e Autonomia,

*Antibody, Spazz, Sketch et Entropy
do Black Block D2KLA*

Segundo Jim Redden³⁶ em artigo intitulado "*Police State Targets the New Left*", os ativistas "antiglobalização" tomaram-se nesse meio tempo "os inimigos públicos número um" nos EUA. Inclusive o próprio FBI aderiu à "globalização" e começou a espalhar escritórios ao redor do mundo, ampliando a rede de 43 escritórios já existentes fora do solo norte-americano, montando inclusive um em Praga, antes da reunião do FMI/Banco Mundial em 26 de setembro de 2000.

O primeiro e único Dia de Ação Global endossado pela Ação Global dos Povos que não coincidiu com um encontro da classe dominante foi o 1º de maio de 2000 (MayDay 2000). Dia de greve geral internacional. O epicentro novamente foi Londres, e desta vez pessoas de outros países da Europa se deslocaram até lá. O

³⁶ Jim Redden é um jornalista norte-americano, autor do livro *Snitch Culture: how citizens are turned into eyes and ears for the statet*: (Veneza: Freal House, 2001).

número de manifestantes foi maior do que no J18, mas desta vez a policia não seria pega de surpresa. A maior operação policial dos últimos trinta anos foi montada na Inglaterra, para fazer páreo a um I" de maio que encheu as ruas de Londres como não se via há décadas, num caráter libertário e atrevido. A policia não pôde evitar que a estátua de Churchill ganhasse um moicano verde, feito de tufos de grama. Grama que provavelmente foi retirada de seu lugar de origem pelos *Jardineiros Guerrilheiros*.

Para o MayDay, o Reclaim The Streets havia lançado a idéia não de um "Carnaval Contra o Capitalismo", com suas tradicionais festas de rua politizadas, mas uma "Guerrilha de Jardinagem", isto é, plantar comida, flores e "outras plantas" nos terrenos baldios, praças e em todos os lugares disponíveis e não tão disponíveis. Na sua tentativa de buscar diferentes práticas e dar um passo à frente, a Guerrilha de Jardinagem foi uma prática que tentou romper a separação ativista / não-ativista e ao mesmo tempo estimular a auto-suficiência e independência em relação ao mercado e à sociedade capitalista.

A diversidade de manifestações foi o tom novamente, de bicicletadas às festas na rua. Mas confrontos com a policia não faltaram, assim como vários detidos.

N.L.

A POLÍTICA DAS RUAS UMA RESPOSTA A COBERTURA DA MÍDIA DO MAYDAY

O Reclaim The Streets está sendo mais uma vez alvo de condenações em coro. Desta vez o estopim foi a "guerrilha de jardinagem" das ações do MayDay na Parliament Square. O *5un* usou a linguagem "escória"; o Times o seu "terroristas"; o *Guardian*, igualmente, "cautelosos incoerentes" de acordo com George Monbiot e "rudimentares herbívoros" de acordo com Hugo Young. Porém, como sempre, a mídia

não forneceu informações básicas sobre o RIS ou sobre a ação do MayDay de modo a possibilitar que as pessoas tirassem suas próprias conclusões sobre o RIS. Participo do RTS de Londres, e gostaria, dentro das mil palavras a serem publicadas que me deram, fornecer alguma informação básica.

Quando a mídia fala de "Reclaim The Streets", essa expressão pode significar diversas coisas diferentes. Às vezes RIS significa "RIS de Londres", um grupo aberto que se reúne semanalmente para discutir, debater e planejar eventos. Às vezes comentaristas querem dizer a indefinida rede nacional de grupos não-hierárquicos e indivíduos sob o nome "Earth First!", do qual o RIS de Londres é uma parte bastante visível. Algumas vezes querem dizer o movimento ambientalista radical mais amplo ou o movimento de ação direta, incluindo grupos que cultivam sua própria comida, ou que constroem suas próprias casas. Ultimamente RIS tem sido usado como uma abreviação de qualquer coisa relacionada às palavras "anticapitalista" ou "anarquista". O que eles realmente querem dizer é raramente fixado. Como alguém pode fazer uma análise sensata quando os jornalistas não se preocupam em definir nem sequer o objeto das suas "análises"?

O RIS de Londres existe na forma atual desde 1995, nascido da luta contra a construção da estrada Mil no leste de Londres. Uma das proposições declaradas era "tomar de volta aquilo que tem sido encerrado dentro da circulação capitalista, devolvendo-o para o uso coletivo como um bem comum~ Por trás desta linguagem elaborada está uma crítica cortante do modo com que os espaços públicos têm sido crescentemente privatizados: obstruídos por carros privados, colonizados por propagandas, criminalizados se usados para o gozo ou protesto e roubados para o "desenvolvimento".

O roubo do tempo e do espaço pelo capitalismo, e a resistência a ele, junto com uma fusão da política verde (ecológica), vermelha (socialista) e negra (anarquista) sempre foi central ao RIS de Londres. As ligações entre a ocupação de ruas, alvejar os centros financeiros e celebrar o I" de maio tomam-se assim claras. Ninguém deveria acreditar na crítica de George Monbiot de que o RIS de Londres "se perdeu dos seus objetivos", ou que se modificou em relação a algo que seria anteriormente.

O RIS de Londres utiliza a ação direta. Isto não é, como muitos dos comentaristas sugerem, uma técnica inteligente para ganhar exposição na mídia numa época em que há uma intensa competição por espaço. A ação direta diz respeito à percepção da realidade, e à tomada por si próprio de uma ação concreta para transformá-la. Diz respeito ao trabalho coletivo para resolver nossos próprios problemas, fazendo o que refletidamente acharmos ser a forma correta de ação, sem considerar o que as várias "autoridades" julgam aceitável. Diz respeito à ampliação das fronteiras do possível, diz respeito à inspiração, ao aumento de potencial. Diz respeito ao pensamento e à ação de tomar, não de pedir e mendigar. Ninguém me perguntou se eu queria trabalhar 45 anos como parte de um exército mal pago para manter os ricos ricos, eles simplesmente se apropriaram. Por que eu deveria pedir meu tempo de volta?

O RIS de Londres não possui líder. Eu escrevo aqui como indivíduo. Ele intencionalmente não possui uma linha diretiva partidária, nenhum programa político oficial, não possui membros oficiais. As pessoas geram idéias, elas são discutidas e algumas são empregadas, limitadas apenas pelo tempo e energia que as pessoas põem à disposição. Recentes projetos incluem a produção de 32 páginas de artigos escritos por mais de uma dúzia de autores na forma de uma sátira do jornal *Evening Standard*, com tiragem de 30 mil cópias, chamado *Evading Standards*, e a ocupação do centro financeiro em solidariedade aos índios Uwa da Colômbia cuja terra e cultura estão sendo destruídas pela chegada do capitalismo, especificamente companhias financeiras e de petróleo. Estas e muitas outras ações menores não são mencionadas pelos nossos críticos - a mídia está interessada no espetáculo das nossas grandes ações, não nos temas que elas abordam.

Muito raramente um jornalista esquece sua realidade diária de produção de um rápido artigo para manter os salários entrando, aumentar a fatia do jornal no mercado, manter o editor feliz, massagear seu ego, ou seja lá qual for a motivação por trás do seu artigo, e passa a pensar sobre o "quadro geral~ Como Hugo Young notou em sua "análise" do MayDay, nenhum governo, corpo razão ou instituição pode lidar com problemas ambientais tão sérios como a mudança climática, a perda de biodiversidade, ou a infinita expansão da economia em um planeta finito. Ou problemas sociais como

a colossal miséria, tanto nacional quanto globalmente, ou o mal-estar de ter que trabalhar cada vez mais a cada ano.

Se o RIS de Londres não possui nenhum projeto de sociedade acabado, somos então apenas "antipolítica"? Não, o RIS e o movimento ambientalista radical mais amplo, na forma de indivíduos, grupos e movimentos sociais, estão testando, explorando e refinando formas políticas radicalmente democráticas, participatórias e expressivas. Isso é intrínseco ao modo que conduzimos nossas reuniões, que planejamos nossos eventos, ao modo que participamos neles, que criamos e mantemos nossas redes nacionais e internacionais. Não estamos reproduzindo estruturas estabelecidas, mas sim desenvolvendo novas. Desenvolvemos nossas soluções na medida que atacamos as forças que estão destruindo as pessoas e nosso planeta.

Qual é o próximo passo? Eu espero que o RIS de Londres continue a ser um catalisador da transformação social e ecológica radical (lembre que o 18 de Junho serviu de inspiração para Seattle). Eu espero que outras formas de organização social resplandeçam na medida que desmontamos as bolsas de valores tijolo a tijolo. Espero que façamos as pessoas rirem com a nossa audácia e criatividade. Não somos mais do que um bando de pessoas reconstruindo o mundo radicalmente, e estimulando outros a fazer o mesmo. Cometemos erros, aprendemos, tentamos coisas novas. Mas não estamos contentes, como aqueles na mídia, para sentarmos na poltrona e agüentarmos o capitalismo até o espetáculo terminar. Você está?

*pós-mayday 2000
Reclaim the Streets*

**UM SOS AO MAYDAY: TERCEIRA
ONDA VERSUS TERCEIRA VIA**

Apesar da lei sobre terrorismo, apesar da prosperidade econômica e de Blair³⁷ continuar bem nas pesquisas, muitos de nós têm visto os últimos anos como um momento de crescimento. Desde o 18 de Junho e de alguns outros eventos, tem se tomado até mesmo possível falar de uma terceira onda. Aqueles de nós que são bastante velhos para lembrar do início dos anos 80 - deixe de lado os velhos de verdade que estão por aí desde o fim dos anos 60 / início dos 70 - estão animados em ver tantos jovens de hoje seguindo seus péssimos exemplos. Três ou quatro anos atrás o principal foco das pessoas era num ou noutro tentáculo da besta, ao mesmo tempo que o terreno de luta era amplamente o da moral ("estradas são ruins", "o CJA³⁸ está errado" etc.). Agora muitos milhares de pessoas regularmente aparecem em eventos que não pedem permissão ou reformas, mas simplesmente contestam o próprio capital. Vendo que o sistema pode oferecer a elas, na melhor das hipóteses, vidas de sufocante mediocridade, elas se voltam, ao invés, para a aventura de desafiá-lo integralmente.

Contudo, não arruinemos nossa imagem de cépticos velhos e amargos, cultivada cuidadosamente, de forma tão rápida; olhemos as peculiaridades da situação atual. Afinal de contas, nem todas as ondas são da mesma forma e tamanho. Esta onda pode muito bem ser menor do que suas predecessoras, mas isso não é necessariamente um problema intransponível. Ela própria provou anteriormente ser grande o suficiente para ter um grande impacto, e além disso não estamos mesmo pedindo um referendo público sobre o futuro do capitalismo. Porém, enquanto estivemos nos reinventando em escalas menores, o Estado não ficou parado. Testemunha isso o aumento da vigilância ou o estável aumento das leis repressivas que nos anos 70 teriam provocado uma indignação em massa. Em suma, enquanto estávamos diminuindo eles estavam se fortalecendo. Ficou francamente mais difícil fazer as coisas que fazemos. Aliado a isso, não existe de fato nenhum grande movimento para criarmos vínculos. Os trabalhadores militantes estão virtualmente extintos, e os desordeiros urbanos são espécies em extinção, a ponto de se fazerem documentários de TV sentimentalistas sobre eles. Qual o sentido de uma onda se não há ninguém para surfar? Qual a valia de

³⁷ Tony Blair. primeiro-ministro do Reino Unido. (N.T.)

³⁸ *Criminal Justice and Public Order Act*, uma lei elaborada em 1994 que tinha como objetivo reprimir *raves* nas ruas e ocupações de casas abandonadas na Inglaterra, entre outras coisas. (N.T.)

um catalisador sem a reação química? Nossa nova fixação com a "globalização" (conferências internacionais, dias de ação etc.) deve ser vista nesse contexto. Como Tony Hancock³⁹, possuímos amigos em todo o mundo, apenas não conhecemos ninguém em nossas próprias ruas.

Porém, desenvolvimentos paralelos que têm ocorrido em uma esfera maior poderiam romper com nosso isolamento. Uma vez que o Partido Trabalhista abraçou de corpo e alma o neoliberalismo e quase silenciou totalmente a velha esquerda, a política institucional se encerrou. A Terceira Via tirou a Primeira e a Segunda Via do cardápio. A nova brutalidade é criada para ser inevitável, tão natural quanto o esfriar na chegada do inverno. Porém essa estratégia traz um risco para eles - o mercado globalizado entretanto é uma única cesta para se pôr todos os ovos. Veja as recentes eleições onde eles reduziram as escolhas oferecidas, depois ficaram aflitos quando cada vez menos pessoas se preocupavam em votar!

Confrontados com níveis crescentes de exploração nos seus empregos, a maioria das pessoas desenvolveu uma desconfiança instintiva da globalização em todos os seus infinitos acrônimos sem rosto. Eles podem não saber necessariamente o que GATI (General Agreement on Tariffs and Trade, Acordo Geral de Tarifas e Comércio), OMC, FMI significam individualmente, mas sabem que juntos eles significam MERDA. Porém nosso movimento não é mais a extremidade mais radical de um hipotético espectro político liberal criticando tais coisas, somos agora as únicas pessoas que são vistas fazendo alguma coisa em relação a isso! Quando nossos inimigos nos levam a sério, não é porque eles amem antigas estátuas ou vêm a insurreição em uma vidraça quebrada de um Mc Donald's. Na verdade não é por causa de nada que estejamos atualmente fazendo, mas por causa da potencial conjunção com uma massa "apática", e que atualmente permanece latente. Se há sementes que eles temem que cresçam de nossas boas obras, não são as que os hippies impediram de prosseguir na Parliament Square⁴⁰.

³⁹ Tony Hancock (1924-1968) foi um conhecido comediante britânico que se matou em junho de 1968. (N.T.)

⁴⁰ O autor aqui se refere àqueles que cometiam destruição de propriedade no MayDay, impedidos de prosseguir pelos "pacifistas". (N.T.)

DIVIDA E NEUTRALIZE

Sobre o próprio MayDay. Contra as concepções esquerdistas de que somente somos incitados numa ação pela "brutalidade policial", deveria se notar que as táticas da policia no início do dia foram tão leves que mereceram uma repreensão pela mídia! As leis já existem (como se eles precisassem delas!) para nos impedir de nos manifestarmos na Parliament Square. Alguns camburões, alguns policiais do batalhão de choque e uma faixa de isolamento poderiam ter feito o serviço. Ao invés, eles optaram por uma simples exibição de força, que foi posta em ação só muito mais tarde. Como pôde? Como eles praticamente admitiram depois, foi porque eles temiam as conseqüências. Não imediatamente, necessariamente - afinal, naquele dia eles nos excederam em número!

Mas as táticas antimanifestação na Grã-Bretanha sempre giraram em torno da tentativa de separar a massa passiva de espectadores dos ativistas ou baderneiros mais nervosos. A policia tenta impor isso fisicamente nessas ocasiões. Assim, apesar do seu efetivo sucesso, esta história deve ser mantida na mídia. Quantas vezes ouvimos, após o 18 de Junho, a frase "era um evento pacífico até os grupos de baderneiros aparecerem"?, ou até mesmo outras mais cômicas! Táticas violentas têm o risco de criar uma multidão antagonista que, mesmo se espancada em uma ocasião, pode retomar melhor armada e mais preparada. Foi exatamente o que aconteceu na Alemanha e em muitos outros países, e exatamente o que eles querem evitar aqui. Algumas vidraças quebradas e outras válvulas de escape podem ser concertadas no dia seguinte. Manter o consenso liberal é o que conta.

Deve também ser dito que, ao contrário do 18 de Junho, o MayDay apresentou de forma extrema todas as fraquezas inerentes aos eventos Reclaim The Streets. Deixaremos outros descreverem a natureza ridícula do terrível retardamento da "Guerrilha de Jardinagem", e explicarem como ela pôde aparecer logo após ações tão inspiradoras. (É suficiente dizer que até o Estado e o palerma da classe alta George

Monbiot admitiram que "Revolver a terra para parar o capitalismo global é tão fútil, tão completamente frustrante e desanimador que os manifestantes mais nervosos poderiam quase ser desculpados por quererem fazer algo mais espetacular" - G2 10/5/2000.)

Com espírito construtivo, nos concentraremos ao invés no potencial momento de libertação quando saímos todos de lá e subimos ao Whitehall. Toda a multidão parou enquanto as vidraças do Mc Donald's se quebravam, festejando e aplaudindo. Foi estimulante. No entanto, mais de vinte minutos depois as mesmas três ou quatro pessoas estavam ainda destruindo a mesma loja, enquanto a mesma multidão tirava fotos para o álbum ou aplaudia como se estivesse no teatro! Alguns, por não quererem ser alvos parados ou por estarem cansados de ver a mesma coisa, caminharam à Trafalgar Square. Isso permitiu que a polícia interviesse e dividisse a multidão em duas, reduzindo drasticamente nossa capacidade de causar danos. No resto do dia a coisa só diminuiu.

Isso é triste, mas não necessariamente surpreendente. Desde o início, o Reclaim The Streets foi bem-sucedido em trazer multidões para fora da porta de casa após uma época de bastante apatia. Embora alguns tenham condenado o RTS por atrair apenas embriagados por festas, isso não tem nada a ver com o assunto. A maioria respondeu ao apelo da ilegalidade, mesmo sabendo que se tratava apenas de boato. (Sempre um lugar mais atraente para se começar do que os chatos panfletos.) Porém, criados em uma era "apolítica" sem precedentes, a maioria respondeu ao radicalismo consumindo-o. Ao invés de comprarem Mc Donald's eles compram a oposição a ele - como um espetáculo, como um show. Os "ativistas" fazem as coisas enquanto o resto de nós os aplaude. A polícia faz outras coisas e vamos. Não muda nada.

Se tivéssemos continuado em massa à Trafalgar Square, teríamos chegado a tempo de atravessar e partir para uma turnê misteriosa no centro de Londres? Não podemos saber. Mas sabemos que no Whitehall gentilmente demonstramos nossa maior fraqueza aos nossos inimigos, e para a alegria deles nos separamos em grupos constituídos de forma precisa para que nos dividissem e nos neutralizassem.

Já dissemos antes e diremos de novo. O capitalismo não vive dentro dos símbolos do

Mc Donald's ou dentro dos escudos da policia, apesar de algumas pessoas continuarem a achar isso. Ele é uma relação social, e se reproduzimos essa relação social em nossas manifestações (dividindo a nós mesmos em produtores e consumidores da revolta), seja qual for o débito registrado em nossa conta não estamos indo a lugar nenhum. Nossa onda só causará afogamentos. Suspeitamos que alguns tentarão agarrar o fantasma da vitória a partir da derrota da vida real, exagerando e romantizando como o MayDay foi além do “planejado”. Deste modo estes fetichizam o antiplanejamento praticamente tanto quanto os stalinistas fetichizam o planejamento, e evidenciam a sua essência similar. A questão não é aficionadamente planejar ou se recusar a planejar, mas sim nosso relacionamento com o plano. Veja o que a policia faz quando seus planos falham, eles ou (a) se perdem e enlouquecem ou (b) permanecem em suas posições esperando novas ordens. A policia é um mecanismo para executar planos que lhes são determinados. Nossos planos são feitos por nós e para nós. Não podemos mudá-los em um instante se for preciso, mas não precisamos da fobia de executá-los antes de tudo. O 18 de Junho foi tão bem-sucedido por ter sido bem planejado. Sim, no MayDay o plano era particularmente ruim, mas por fracassarmos em criarmos espontaneamente algo melhor nós patinamos. Se tivermos ainda algum bom senso, deveríamos voltar à mesa de projetos.

TONY CHORÃO E O DILÚVIO DA MÍDIA

Agora vamos olhar a resposta da mídia. Não por acharmos que as reportagens da mídia sejam mais importantes do que o evento real. E deixaremos aos trotskistas e outros candidatos a burgueses imaginarem pessoas absorverem acriticamente tudo que lêem. Mas também não achamos, como muitos parecem achar, que se uma boa reportagem não é nosso objetivo então uma reportagem ruim deveria sê-lo, e que quanto pior a mídia nos reporta melhor a ação. O MayDay assinala as limitações de tal “pensamento”.

A verdade é que a mídia pode influenciar as pessoas caso ela consiga se inserir nas percepções já formadas delas. Como já dissemos, a maioria das pessoas estão insatisfeitas com o estado de coisas, mas atualmente não vêem possibilidade de alternativas. Falando do MayDay e coisas do tipo às pessoas comuns, não se corre o

risco de ouvir alguém zombar perguntando "mas o que há de errado com o capitalismo?" ou a indignada afirmação "você deveria respeitar as regras da leU", assim como a c/nica "mas o que você espera conseguir?"

O aspecto mais importante da mídia é a sua enorme escala. Podemos sentir a extensão! O próprio Blair tirou uma folga dos apertos de mãos com genocidas para dar uma declaração nos condenando. Embora a escala de destruição em relação ao 18 de Junho tivesse sido reduzida, houve alguma destruição no MayDay (isto é, umas poucas lojas quebradas e um pouco de pichação em algumas estátuas), o que foi perfeito para eles detonarem. Conseqüentemente, tem havido mais furor por causa de um tufo de grama na cabeça de um fanático do que pelo ataque ao prédio da LIFFE.

O que nos falta para irmos além de tais dias? Argumentariamos que a participação "britânica" nos dias anticapitalistas precisa ter um efeito doméstico positivo, e não apenas o de nos juntarmos a uma "comunidade virtual" de ativistas internacionais como uma espécie de anti-Mc Donald's tentando abrir uma filial em todo o mundo. O MayDay não precisava destruir o capitalismo para ser bem-sucedido (obrigado!), mas tinha que ser grande o suficiente para espalhar a idéia de que o capitalismo não é imutável como nos foi dito. Ele não foi e não o fez. A questão não é tanto se eles nos fizeram parecer "ruins" ou "estúpidos" (como se alguma vez eles fossem fazer diferente), mas se eles conseguiram fazer parecermos fracos e irrelevantes. Defrontados com a escolha entre um dos lados dessa nítida delimitação entre vencedores e perdedores, a maioria permanece apática, ou até mesmo por segurança segue o vencedor.

Isso nos deixa num beco sem saída, incapazes de realmente alcançar alguma coisa sem uma participação mais ampla, e incapazes de alcançar essa participação sem que se alcance alguma coisa. Se nossa onda não criar uma simpatia mais ampla, será difícil evitar que nossas ações fiquem menores na medida que a massa passiva pare de aparecer e os "ativistas" fiquem mais isolados, defensivos, e fique mais difícil se unirem mesmo se alguém desejar. Este parece ser um ciclo que se deve evitar entrar.

SAINDO DE UMA VISÃO ESTREITA



Por fim, vamos dar uma olhada no próprio conceito de dias anticapitalistas. Muito esforço físico e emocional tem sido depositado neles, na verdade o alto astral que as pessoas estão sentindo é provavelmente devido à energia desses dias. Afinal de contas, por um tempo eles pareciam ser como parte de uma trajetória natural para nós. Por muito tempo estivemos empacados numa visão estreita. Fosse em acampamentos de protesto em estradas ou em centros sociais de squats, estávamos presos em uma guerra defensiva contra O Estado - que é, em caso de você não ter percebido, mais forte. Eles sabem (muito bem) o que queremos, e desenvolveram e testaram suas estratégias de lidar com isso. A tática principal deles era normalmente esperar que os mais *lights* ficassem de saco cheio e o resto de nós se enfurecesse para então agir, e vamos admitir que na maioria das vezes funcionou muito bem. (Especialmente a parte referente a enfurecer.)

O primeiro Reclaim The Streets foi uma ruptura em relação a isso. Não estávamos simplesmente saindo do subterrâneo para a luz do dia (o que era muito bem recebido), estávamos reinventando o benefício da surpresa para nós mesmos. Simplesmente levantaríamos e ocuparíamos alguma merda de cruzamento em algum lugar. Decidiríamos onde. Decidiríamos quando. Impossibilitados de vigiar todos os cruzamentos e semáforos no país, eles eram forçados a esperar pela nossa ação! E é claro, tínhamos o rumor de que o vírus criado em Londres se espalhava em volta do mundo, na medida que festas no mesmo estilo aconteciam da Finlândia a Los Angeles.

A princípio, os dias internacionais anticapitalistas pareceram ser um passo adiante para nós. Eles não somente expuseram abertamente nossas idéias políticas, mas mais importante, eles trouxeram o invólucro da surpresa uma vez mais. Exatamente quando a policia estava estudando o novo livro de regras das nossas ações, rasgamos alegremente tudo outra vez. O problema é que talvez tenhamos sido bem-sucedidos demais, para nosso próprio mal - ou pelo menos para nossos "movimentos" de estrutura débil se equipararem. Após o 18 de Junho, em particular após Seattle, o capitalismo passou a ser contestado novamente. Eles provavelmente não estão muito felizes quanto a isso.

Mas o que acontecerá se continuarmos com essa estratégia? Primeiramente

deveríamos perceber que parcialmente demos um passo atrás - de volta a um calendário que não escolhemos. Entre o FMI, a OMC e a integração europeia há uma estonteante lista de conferências marca das, todas datas insultantes de modo a serem postas nas nossas agendas. Essas datas são as datas deles, elas não correspondem aos fluxos e refluxos ou ao vigor e à debilidade do nosso movimento. Nem possuem nenhuma relação imediata com um descontentamento popular mais amplo. (E se você começar a argumentar que o MayDay é o "dia dos trabalhadores" é porque você provavelmente não tem saído muito ultimamente.) Por fim, se desconsiderarmos tudo isso e aparecermos mesmo assim, eles provavelmente estarão nos esperando com os cassetetes na mão e um pouco de rancor guardado. Podemos descobrir que o chão embaixo dos nossos pés não é mais nosso terreno.

(Claro que muitos vão mais longe e argumentam que os dias anticapitalistas são eles próprios eventos espetaculares, obstruções que mantêm reuniões ociosas nas manchetes, e somente reforçam que nos outros 364 dias do ano os negócios rolam normalmente. Não há nem um pouco de verdade nisso. Todavia devemos analisar no contexto. Havia um período no qual essas estratégias representaram um progresso, se não como ameaça de um bom exemplo, pelo menos como suspensão temporária de um exemplo ruim.)

Ironicamente, uma ação bem-sucedida não leva a outra, necessariamente. Pode até mesmo tomar as coisas mais difíceis da próxima vez, por combinar uma referência a se atingir com uma estratégia que já foi usada. Parece claro para nós, em Londres pelo menos, que os dias anticapitalistas são limitados e novos meios de mobilização são necessários - meios que necessitam que reinventemos a surpresa e a imaginação. Vamos estabelecer nossa agenda social mais uma vez! Nós, Garotos, não temos pilhas de projetos em nossos quartéis-generais secretos sobre como lidar com esse amontoado de coisas. Na verdade, no momento, sabemos que não sabemos quase nada! Mas é por isso que precisamos estar um passo a frente. Não estamos dizendo que será fácil, mas já conseguimos nos reinventar anteriormente. O mundo vai ouvir falar de nós novamente!

Bash Street Kids
Reclaim the Streets

A essa altura, manifestações em encontros políticos da classe dominante não se limitavam mais às datas de ação global endossadas pela Ação Global dos Povos. As manifestações pipocavam, como no dia 4 de junho em Windsor, Canadá, na reunião da OEA (Organização dos Estados Americanos); 12 de junho em Bolonha na reunião da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico); ou dia 11 de setembro durante o Fórum Econômico Mundial em Melbourne, Austrália. Todas em 2000.

N.L.

A POLÍCIA SE PREPARA PARA PRAGA

Fotografias dos protestos na cidade de Praga, capital da República Tcheca em 26 de Setembro de 2000

A policia tcheca terá este mês o seu maior teste de força desde os protestos subseqüentes à Primavera de Praga de 1968, quando o Banco Mundial e o FMI se reunirem na sua cimeira anual.

Mais de 11 mil policiais, incluindo unidades antimotim totalmente equipadas e centenas de policiais à paisana, estão se preparando para a semana de 21 a 29 de setembro, quando cerca de 20 mil contestatários são esperados para uma manifestação contra as duas maiores instituições financeiras mundiais.

A policia tcheca terá também à sua disposição alguns blindados, caminhões, helicópteros, duzentos condutores, pilotos e mecânicos do exército. Mais 1.400 soldados serão distribuídos pela província, de forma a substituir os policiais destacados para Praga.

Uma tal demonstração de força não era vista desde agosto de 1969, quando milhares de manifestantes se reuniram para comemorar o primeiro aniversário do esmagamento da Primavera de Praga por tanques soviéticos.

Vestidos com capacetes, escudos e bastões, e acompanhados por cães e canhões

de água, centenas de policiais têm sido treinados há várias semanas numa zona militar, antigamente usada pelo exército soviético, perto da cidade Milovice, de acordo com fontes próximas da policia.

Entretanto, nas fronteiras e no aeroporto, têm sido entregues listas negras com os nomes dos ativistas antiglobalização mais militantes durante os protestos de Seattle e Washington.

A 28 de agosto, uma delegação do FBI (Birô Federal de Investigação), chefiada por Thomas Pickard, o número dois do FBI, chegou à República Tcheca para aconselhar os seus pares tchecos sobre estratégias usadas pelos ativistas, disse um porta-voz do ministro do Interior.

Os delegados também se encontraram com o primeiro-ministro Milos Zeman e com o ministro do Interior Stanislav Gross.

De acordo com a imprensa, a Grã-Bretanha, a Itália e a Suíça informaram às autoridades tchecas como é que os seus respectivos cidadãos estão se preparando para causar "distúrbios" durante o encontro financeiro em Praga.

A cidade irá criar uma zona de proteção especial, à volta do Palácio de Congressos Pankrac, onde será realizado o encontro.

As medidas de segurança também serão implementadas nos cinco hotéis onde os convidados do FMI e do Banco Mundial devem ficar.

As pessoas .que vivem perto do Palácio de Congressos são aconselhadas a sair da cidade e receberão um incentivo financeiro para passarem a segunda metade de setembro na província, enquanto aos que ficarem será exigido que tragam identificação.

Havia um policial para cada manifestante em Praga - haviam menos manifestantes do que se esperava - mas mesmo assim o encontro do Banco Mundial e FMI foi cancelado após O primeiro dia. Os 13 mil manifestantes se dividiram em três blocos, um rosa (que adotou o estilo *street party Reclaim The Streets*, e que conseguiu furar o bloqueio da policia), o amarelo (que usou a tática de confronto dos Tute

Bianche⁴¹) e o azul (no qual estava o Black Block). Os três acessos ao Palácio onde os burocratas capitalistas se reuniam foram obstruídos. O metrô da cidade foi interdito para que os burocratas pudessem ser evacuados do Palácio, já de noite. Um deles foi alvejado com uma pedra na cabeça. Outros tantos se apavoraram vendo as barricadas em chamas. No segundo dia a maioria temia sair dos seus hotéis e as festinhas promovidas por empresários e bancos foram ou impedidas ou canceladas. A forma autogestionária como foram organizados e decididos os bloqueios e o resultado da ação fizeram de Praga um sucesso, ainda maior que Seattle em vários sentidos. Porém a repressão e as violações ocorridas nas prisões também não tinham tido precedentes.

No Brasil, manifestações também ocorreram em algumas cidades, no espírito do S26 em Praga, como em São Paulo, Belo Horizonte e em Fortaleza, entre outras.

da France Press

PRAGA: UM RELATO RECEBIDO DE UM CAMARADA QUE ESTAVA EM UM SQUAT EM LONDRES NO ANO PASSADO

Olá gente. Eu iria pôr este relato num zine, mas sabe lá quando que ele sairia. Eu imagino que este relato seria mais proveitoso no calor dos acontecimentos do que quando tudo já tivesse esfriado. Ele é realmente longo, fiquem sabendo... Eu espero que ele faça as coisas ficarem um pouco mais claras para vocês, e ajude a trazer inspiração para o futuro...

Estou aqui, estressado e estarecido, mas fisicamente bem. Presumo que alguns de vocês devem estar querendo saber que diabos aconteceu em Praga na semana passada. Bem, eis o que testemunhei...

⁴¹ Os Tute Bianche, ou "Whire Overalls", ou "Macacão Brancos", assim como o Black Block. é uma tática de ação direta, que busca - através de um enfrentamento com a polícia (em grande parte simbólico segundos algumas críticas) - demonstrar sua atitude de confronto e protesto. Os Tute Dianche surgiram na Itália, ligados principalmente aos Ya Basta. uma rede de solidariedade aos zapatistas bastante vinculada aos centros sociais italianos. (N.T.)

Deixei a chácara de alimentos orgânicos onde eu trabalhava como voluntário no dia 23 de setembro, nervoso pra caralho, falava-se por aí sobre o modo draconiano que os porcos da fronteira estavam agindo – eles estavam mandando de volta centenas, senão milhares de pessoas, que queriam dizer para o FMI e o Banco Mundial se foderem. Me vesti inteligentemente, e felizmente não tive problemas em atravessar a fronteira.

No instante em que chegamos em Praga percebi que me encontrava em um Estado policial – um Estado policial que eu nunca havia visto antes... hordas de policiais em frente de literalmente todas as cadeias multinacionais e em todas as esquinas. Eu os vi checando passaportes aleatoriamente, de qualquer jovem que não parecesse se encaixar no *status quo*. É em horas como esta que a policia toma tão óbvio a quem eles realmente protegem - o interesse dos ricos, é claro...

Tinha a impressão de que este espalhafatoso assédio policial apenas acrescentava estresse e raiva à situação. "O bicho vai pegar", eu disse para mim mesmo, quando deixei a estação de trem.

Logo trombei com velhos amigos, que já estavam mergulhados. até o pescoço em uma montanha de projetos.

Eles me levaram ao centro de convergência (os policiais do lado de fora checaram meu passaporte), lá rolava a energia mais fodida e agradável que eu já havia visto em um local de encontro pré-protesto. Havia muitas coisas legais rolando neste enorme galpão vazio que possuía um grande jardim em volta. Não era como estar cercado de chatos "ativistas.", mas sim rodeado de pessoas que queriam se divertir e expressar ódio a esse sistema desgraçado através de novas e excitantes maneiras. Diferentes bandas que marchariam ensaiavam constantemente. Todos os tipos de oficinas, de autodefesa à questão dos paramilitares assassinos financiados pelos EUA na Colômbia aconteciam, além de muitas outras... As reuniões tinham de três a cinco tradutores normalmente. Um coletivo radical holandês fazia almoço e jantar *vegan / orgânico* todos os dias, em troca de uma doação. Um grupo fazia um tanque cor-de-rosa gigante, enquanto outros faziam faixas e bonecos. Um grupo formado principalmente por italianos anarquistas chamado *Ya Basta!*, que pretendia atravessar

a linha policial e impedir o encontro, planejava sua estratégia. O grupo em que eu participava estava construindo um globo gigante, feito de madeira e tecido, com a idéia de jogá-lo como uma bola de boliche contra a linha policial (como se isso fosse acontecer, você deve estar dizendo).

Havia uma incrível falta de alojamento. O chão do apartamento de todo mundo estava coberto com pessoas e mochilas. Eu dormi cada noite em um lugar diferente durante toda a semana e meia que estive em Praga, e era legal ver como todos os diversos tipos de pessoas estavam fazendo coisas dentro de suas casas.

Lá pelo dia 25, milhares de máscaras de gás foram vendidas aos manifestantes a um preço bem baixo. Colocar uma máscara de gás pela primeira vez é algo estranho. Será que estou realmente pronto para uma guerra química? Foda-se, eu acho que sim. Meus óculos não se encaixam direito dentro da máscara, o que virá a ser provavelmente um problema. Vários e diferentes grupos de afinidade estavam estendendo faixas em toda a cidade a essa altura. Uma das coisas mais interessantes, e brutalmente intensas, que vi, foram as pessoas se equipando para uma batalha de rua contra a tropa de choque tcheca. Um monte de gente estava amarrando estofamento de espuma em seus braços - muitos do *Ya Basta!* cobriam quase todo o corpo. As pessoas estão se defendendo. Eu tinha um pressentimento de que coisas assim iam começar a acontecer. Se os policiais possuem armaduras e armas letais, por que os manifestantes não deveriam ter? Dormi com meus parceiros no centro de convergência na noite do dia 25. Os porcos invadiram o local de encontro em Washington na noite anterior ao protesto contra o FMI em abril, e na Convenção Republicana na Filadélfia os manifestantes tiveram todas as suas coisas apreendidas e destruídas também, em setembro. É uma experiência humilhante e debilitante. É um chute bem no saco dos manifestantes, e eles sabem disso. Estava convencido de que eles fariam o mesmo aqui, como de costume. Após duas horas de sono eu acordei às cinco da manhã, e fiquei surpreso de não ter sido acordado com uma arma de fogo na minha cara. "Eles devem estar a caminho", pensei comigo. Embrulhamos os bonecos, e aquele globo fodido - era sete da manhã agora e ainda nenhum policial! Eles devem estar esperando para nos prender quando sairmos então. Com olhar sonolento e fome,

nos dirigimos ao *Namesti Miru* - o local onde todos deveriam se encontrar às onze da manhã... - e você pode acreditar, nós realmente chegamos na hora!!! Com todas as nossas tranqueiras!!! Nem sequer tivemos uma escolta policial - eu não podia entender...

Rolamos o globo para dentro, e as pessoas aos poucos começaram a encher a praça. Alguns tchecos salientaram que policiais à paisana estavam vestidos de punks e hippies, e cara, havia um monte deles. Isso era bastante esquisito.

Os sindicatos não estavam muito envolvidos com os protestos, o que me deixou triste inicialmente, mas mais tarde descobri o porquê - a AFL-CIO, que reuniu um monte de gente em Seattle para o protesto contra a OMC, disse que eles estavam preocupados com o comércio (e leis de comércio), e não com as políticas cobradas pela elite corporativa e as poucas nações ricas do mundo. Além disso, Praga é bastante fora de mão para muitos. E por último, a República Tcheca possui um movimento de trabalhadores / sindical bastante fraco no momento. O que se pode fazer?

Quando a grande marcha começasse, a multidão iria se dividir em três blocos: o amarelo, o rosa e prata, e o azul. Meu grupo era uma parte do azul. Carregávamos uma faixa que dizia "Nosso mundo não está à venda" em frente do globo gigante. Atrás de nós se encontrava o enorme Black Block. O sindicato anarquista, a CNT⁴², e um monte de pessoas de todas as nacionalidades compunham o encapuzado Black Block. Um grupo de mulheres autodenominado *Radical Cheerleaders* era o favorito da multidão, com suas hilárias rimas e coreografia. Havia também um grupo chamado *Queers Against Capitalism*⁴³. Raiva coletiva - que coisa poderosa e assustadora. Ouvir as pessoas entoando slogans em protestos normais é muito diferente de ouvi-las dizendo com fúria em ebulição é algo completamente diferente: "NO JUSTICE!! NO PEACE!! FUCK THE POLICE!!" e "SMASH!! SMASH!! SMASH!! SMASH THE IMF!!"⁴⁴ era urrado a todo pulmão. A energia estava subindo... Agora nos separamos da marcha principal... rolamos e rolamos aquele globo desgraçado... estava ficando

⁴² Tanto na França, quanto na Espanha, existem confederações sindicais de orientação anarquista chamadas CNT, sendo que a confederação espanhola possui uma longa tradição histórica. (N.T.)

⁴³ Algo como "Homossexuais Contra o Capitalismo". (N.T.)

⁴⁴ "Sem Justiça!! Sem Paz!! Foda-se a Polícia!!" e "Esmague!! Esmague!! Esmague!! Esmague o FMI!!". (N.T.)

quente agora... a polícia estava sendo fria. Alguns do Black Block começaram a quebrar vidraças que pareciam ser de apartamentos residenciais (ficou confirmado serem algum ministério ou sei lá o quê...), a multidão não pareceu muito empolgada com isso. Uma considerável quantidade de pichações estava rolando a nossa volta, foi então que alguém gritou: "Lá em frente está o Centro de Convenções!" Uau! Já estamos lá?!? Santa merda! Por que eles não nos interromperam? Oba, o bicho vai pegar...

A multidão discutiu por um momento se seria melhor ir pela estrada principal ou pela rua do lado e adjacentes - a massa escolheu a rua do lado, que possuía uma estranha escadaria ao longo dela que terminava em algumas árvores. Algumas pessoas começaram a subir por ali, enquanto a massa virou a esquina na rua que tinha calçamento antigo, e lá estavam eles: a força de segurança dos Banqueiros Mundiais, a tropa de choque da polícia tcheca, e um veículo blindado com um canhão de água no topo, e um tanque... E o volume começou a aumentar!

A multidão não perdeu tempo em pegar as grades de metal que estavam na frente dos policiais - foi quando ouvi alguém gritando: sete... seis... cinco... quatro... (mais alguns se juntaram ao coro) três... dois... segure firme... um... !!!! BUUUUUUM!!!! Um monte de gente com pedaços de pau de tamanho decente (que haviam sido retirados dos cartazes dos trotskistas em todo canto) ficaram frente a frente com a linha de policiais, e então as pedras vieram... e vieram... e fizeram os policiais recuarem um pouco... e então os policiais reconquistaram terreno... "NO JUSTICE, NO PEACE, FUCK THE POLICE!!"... e então os molotovs vieram - quando um coquetel molotov aterrissava não havia apenas uma explosão causada pela gasolina, mas uma explosão coletiva no meio da multidão também. Devido a ele, alguns policiais recuaram bem mais rápido, e a multidão sentia o medo deles, e carregavam mais... e atacavam... e atiravam mais pedras... então o canhão de água veio... se esquivava e desviava, se esquivava e desviava...

Uma coisa então aconteceu que criou uma imagem na minha cabeça que eu jamais esqueerei. O globo, o qual eu momentaneamente havia perdido o rastro, estava agora na frente sendo empurrado por algumas pessoas contra os policiais!

Você pode acreditar?! A polícia contra o mundo! Foi por isso que o fizemos! Fiquei arrepiado.

Felizmente para os policiais, o relevo os favorecia, eles estavam mais acima e nós mais abaixo. Este simples fato provavelmente salvou vidas. Eles pareceram momentaneamente atordoados com o ataque do globo, e a multidão atacou-os mais um pouco... Então eles viraram o canhão de água na direção do globo, o que fez arrebentar e arrancar o tecido - agora a força de segurança do FMI & BM estava destruindo o mundo. Era além da conta...

O canhão de água estava soltando as pedras do calçamento, e as pessoas mantinham uma linha de produção em ação - uma equipe as retirava do chão, outra as transportava, e então a multidão fazia pontaria e atirava... Vi escudos da polícia, muitos escudos, despedaçados devido à força dessas pedras. Mais molotovs vieram... ver um molotov ser atirado em um policial é assustador. De onde eu venho, nos EUA, um policial praticamente tem permissão de atirar no meio dos seus cornos por isso. Se for pego, você pega, no mínimo 25 anos por tentativa de assassinato. Mas essas pessoas não estavam preocupadas. Elas não tinham nada a perder... todos esses anos sendo atormentadas por policiais, pela sociedade, pelas corporações, e a ausência de uma via de escape para a raiva e a frustração estavam finalmente vindo à tona. Eu via as pessoas falarem, e não era nada doce...

Oh meu deus, será que esta multidão pode romper e atravessar essas linhas policiais?!? Será que podemos paralisar este encontro com o uso da força coletiva? Eu não posso acreditar - eu sempre vi as pessoas correrem como doidas quando a polícia levantava seus cassetetes, mas isso não assusta esta multidão.

Enquanto isso ocorria, cinquenta pessoas, mais ou menos, foram direto para um dos acessos, e ficaram sem saber o que fazer (lembra daqueles que subiram a estranha escadaria?). Foi então que o gás lacrimogêneo veio... tirei meus óculos, pus minha máscara e, que merda, ela começou a ficar cheia de fumaça - não devia estar apertada o suficiente... fui acertado na barriga com uma rajada do canhão, o que me deixou sem ar por um segundo. Olhei em volta e vi a faixa que fizemos ainda na linha de frente! Meu grupo de trabalho, formado por nerds estilo artista, ainda resistia! O

designer da faixa usou um material impermeável, suportado por pedaços de madeira e cabos, exatamente por esse motivo (bastante engenhoso). Saturado, cego, e com pedras passando pela minha cabeça, eu recuei, e encontrei um amigo. "Você viu os outros?" Não... e as bombas de efeito moral vieram... Elas são basicamente equivalentes à explosão de um m-80⁴⁵. Tê-las aterrissando perto de você é algo realmente peculiar, e alto, e eu vi algumas feridas bem feias causadas por elas.

Acabou a água do canhão, e a multidão atacou novamente... Como eu havia recuado, vi médicos nos cantos cuidando dos feridos. A rua ficou praticamente sem nenhuma pedra no calçamento... eu estava tremendo de frio por causa da água gelada... agora eles realmente começaram a despejar bombas de efeito moral... buum-buum-buum-buum... Que barulho é esse? A banda ainda estava tocando! E todos eles usavam máscaras de gás! "Uau", meu amigo diz. "Essas pessoas estão realmente preparadas para lutar." Sem dúvida...

Desci o morro para ver o que estava acontecendo lá - as pessoas estavam com um pouco de medo de que fôssemos encurralados no morro. Sequei-me no sol e fotografei a batalha com um grupo de outros americanos que não acreditavam no que viam. "Cara, eles estão atirando molotovs - isso é muito louco!" Sem dúvida...

Após uma hora de guerra de trincheira, a polícia aos poucos fez a multidão recuar. Somente um dos meus amigos foi atingido por um policial: poderia ter sido muito pior. As pessoas que estavam em frente à linha policial foram borrifadas com tinta branca pela polícia, para que desta forma o "esquadrão de captura" pudesse localizá-las mais tarde. As pessoas freneticamente viravam suas roupas do avesso. Vindo não sei de onde, fomos atingidos por gás lacrimogêneo: "De onde esta merda veio?" Um bando de porcos-robôs vieram das árvores batendo em tudo que viam. Barricadas começaram a ser construídas com cercas de casas - mastros de andaimes e pedaços de madeira. Guerra de guerrilha... as pessoas tiraram os tampos dos bueiros das ruas e montaram uma barricada na frente dela. A barricada realmente atrasou os policiais naquela rua - na rua adjacente as pessoas arrancaram vários outdoors - que visão! E construíram barricadas com eles - e depois atearam fogo...

⁴⁵ O M-80 é um explosivo equivalente a um quarto de uma banana de dinamite. (N.T.)

Ir para onde agora?

Meu grupo estava com uma péssima aparência... eu imaginava que cair fora era a melhor idéia. Fui a uma praça no rio, me sequei no sol e comi meu almoço... aaah, muito melhor agora. Enquanto isso acontecia, o bloco amarelo, liderado pelo *Ya Basta!*, estava na estrada principal. Todos vestidos em macacões brancos, cobertos com estofamento e empunhando pedaços de pau contra as fileiras de policiais que lá se encontravam. O bloco rosa era para ser supostamente o bloco não-violento, mas o bicho estava pegando por lá também!

As pessoas deveriam se reunir na grande casa de ópera para impedir os planos noturnos dos delegados do FMI. Milhares apareceram e os impediram. Era agora oito horas. O bloco rosa e o bloco azul voltavam e algumas pessoas se dispersaram para fazerem uma passeata até a ponte Charles para protestar contra a prisão das onze pessoas detidas até então, enquanto um outro grupo foi para a estrada impedir outros planos noturnos dos delegados em algum suposto local de jantar - para lá que fui. Caminhar em estradas sem carros é gostoso pra caralho - eu recomendo bastante...

De modo algum eu poderia saber que enquanto marchávamos pela estrada, o bloco azul voltaria a agir com toda força na grande área turística próxima à casa de ópera, e ficaram insanos diante de um *Mc Donald's*. Ouvi falar que ele foi debulhado sem parar durante meia hora! Uma revendedora *Mercedes*, um *Kentucky Fried Chicken*, um banco, e quem sabe mais o quê, tiveram também a sua quota. Enquanto tudo isso acontecia, a banda de Seattle, *Infernal Noise Brigade*, tocava mais uma vez.

Entretanto a polícia voltou com força total. Esvaziaram a área e fizeram prisões em massa e espancamentos em massa. Assisti a um vídeo de um cara sendo algemado, espancado e atirado de volta para dentro do *Mc Donald's*! Imagens fortes - o pobre rapaz foi seguido por quatro policiais, e quem pode saber o que aconteceu em seguida? Eles prenderam de quinhentas a seiscentas pessoas naquela noite, e a cidade de Praga mal pôde dormir...

Dia 27 de setembro, 2000. Eu estava completamente separado do meu grupo.

Não tinha a mínima idéia de onde seria a ação, então achei melhor simplesmente seguir o helicóptero até lá.

Policiais encapuzados (que imagem assustadora!) estavam deixando as pessoas entrarem no *Namesti Miru* mas não deixavam ninguém sair - que coisa estranha. Decidi ir ao centro de convergência, ao invés. Como que aquelas poucas centenas de pessoas seriam capazes de negociar sua saída do *Namesti Miru* eu não sei.

A polícia tinha cães na rua a essa altura... o centro de convergência estava sendo fechado - a polícia deixava as pessoas pegarem seus pertences e guardá-los. Bem, ele acabou durando mais do que eu imaginava. Fui ao centro de informações encontrar alguns amigos, e as histórias sobre a brutalidade policial contra as pessoas na prisão começavam a aparecer - coisa horrível.

Sim! Alguma coisa para comemorar - as reuniões do dia 28 foram canceladas! Que coisa maravilhosa... Então fomos a uma passeata de solidariedade aos presos na praça da cidade velha, na frente de todos os turistas, e ela foi bem legal, um pouco intimidada pela tropa de choque, mas foi uma passeata festiva que foi até a ponte Charles e voltou. Pessoas falaram e depois ela se transformou em dança e festa, cortesia de alguns percussionistas. Nesse momento, em qualquer outra parte da cidade a polícia prendia qualquer um que parecesse ser um manifestante sem nenhum motivo... Fascistas estavam à espreita no metrô, batendo sem motivo em qualquer um que eles não gostassem. Quatro de nós escaparam por muito pouco de serem detonados. Quando íamos pegar a escada rolante para descer ao metrô, um casal de hippies subiu, mal podendo falar e cobertos de sangue. "Fascistas", era tudo que conseguiam dizer...

Dia 28 de setembro, 2000. Agora vivendo sob a Gestapo⁴⁶. Sempre olhe para trás - eu pareço muito certinho? Muitos amigos se recusam a sair, apesar de não terem feito nada ilegal nesses últimos dias. Sinto-me desconfortável andando nas ruas com alguém que pareça um pouco maltrapilho. A polícia está indo ao centro de informações

⁴⁶ *Geheime Staats Polizei* - A polícia secreta alemã durante o período da Alemanha nazista. (N.T.)

procurar pessoas. Mais uma passeata de solidariedade aos presos é programada. As pessoas se encontram em frente ao Ministério onde as pessoas estão presas, e um grande *sit-in* acontece, ocasião em que oitenta e poucas pessoas são presas, e enfrentam potencial tortura. É difícil não chorar vendo essas pessoas serem levadas... o cálculo das pessoas detidas agora passa de novecentos, muitas estão desaparecidas. Dois terços das detidas são tchecas, o que é foda, considerando que de modo algum os tchecos formavam dois terços do protesto. Basicamente elas estão sendo sistematicamente caçadas.

Descemos para marcharmos novamente entre os turistas, e para deixarmos todo mundo sabendo o que estava ocorrendo nas prisões. O pessoal na marcha estava com medo, principalmente porque havia muito mais policiais do que manifestantes, e todos os policiais disfarçados de punks olhavam como se eles fossem provocar alguma coisa com a tropa de choque, do mesmo modo como alguém havia contado no dia 26.

Felizmente, isso não aconteceu desta vez...

Tortura na genitália, nenhuma água, chutes para acordar se caísse no sono, assistência médica negada às pessoas que necessitavam - e quando muitas delas conseguiam assistência médica, os médicos e enfermeiras continuariam a tortura. Uma mulher⁴⁷ se atirou do segundo andar durante um interrogatório, quebrou uma perna, a bacia, fodeu a coluna, e dedos e braços se quebraram como biscoito. Algemas de plástico (espera-se que muita gente lutará para proibir seu uso) trancavam a circulação de muitos e causavam sérios problemas. A maioria das pessoas teve todo o seu dinheiro e bens de valor levados. Algumas mulheres tiveram que tirar a roupa em frente de policiais homens e fazer movimentos para o simples entretenimento deles. Muitos tchecos que voltavam para casa do trabalho e não tinham nada a ver com os protestos foram presos e torturados. As pessoas gritavam durante a noite inteira enquanto os policiais batiam em presos na frente dos outros... a lista de boçalidades

⁴⁷ Trata-se da austro-americana Chris Fisch, com 26 anos de idade na ocasião. Pulou do segundo andar da delegacia em que estava presa, por não agüentar mais as torturas psicológicas e físicas que sofria na prisão. No entanto, ela continuou sendo torturada pelos médicos e enfermeiras no hospital em Praga. Seu caso ganhou repercussão na República Tcheca por ela ter filmado o momento da sua prisão e ter conseguido esconder a fita dos policiais, podendo mostrar assim que havia sido presa sem motivo e em seguida brutalizada. (N.T.)

continua muito além... A maioria dos estrangeiros recebia no passaporte um carimbo de 24 horas para deixar Praga. Apenas tempo suficiente para NÃO conseguirem falar para a imprensa, mesmo se quisesse. A Anistia Internacional NÃO se envolveria devido o fato de terem ocorrido distúrbios. Pessoas ocuparam um dos escritórios dela na Grécia, se não me engano, e usaram o fax e o telefone para notificar outras organizações de direitos humanos! Isso foi bastante estimulante... Tarde da noite muitas pessoas foram soltas, e como é agradável ter os amigos de volta. Uma concentração de *boas vindas* teve lugar no centro de informações - alguns registraram o que haviam passado, outros deixaram passar...

Dia 29 de setembro, 2000. A maioria das pessoas começou a ir embora. Era demais... havia muita condenação das pessoas que queriam ir embora - havia ainda muito a ser feito pelo resto das pessoas dentro das prisões... havia pessoas que ainda estavam desaparecidas...

Deixei Praga, assim mesmo... e tive que descansar alguns dias para processar a loucura de tudo aquilo... Debates nervosos sobre se os protestos deveriam ser violentos ou não-violentos ocorrem, e muitas pessoas estão inspiradas para planejar modos mais efetivos de cruzar as linhas da tropa de choque, e essencialmente terem suas vozes ouvidas pelo menos uma vez. A cidade de Praga estava muda...

Com todos os altos e baixos, foi uma das semanas mais extraordinárias da minha vida. Lembrarei do protesto contra o *FMI & Banco Mundial* para o resto de minha vida. Saudações para todos que arrastaram suas lindas carcaças até lá - vocês são demais! Continuem perseguindo esses ideais, todos...

Uncle Stu-Spot

SITUAÇÃO NAS PRISÕES

Este informe teve por base depoimentos de 88 pessoas que foram libertadas das prisões tchecas na quinta-feira, sexta-feira e sábado pela manhã...

82,5% desses depoimentos vieram de homens;
a 96% dos depoentes foi negado o conhecimento de seus direitos na prisão;
62% dos depoentes foram espancados,
69% desses espancamentos ocorreram nas prisões;
77% dos depoentes foram imobilizados;
70% dos depoentes foram interrogados;
45% dos depoentes foram desnudados e revistados;
a 96% dos depoentes foi negada chamada telefônica;
a 51% dos depoentes foi negado tradutor;
a 21% dos depoentes foi negada água;
a 43% dos depoentes foi negado alimento, alguns tiveram que pagar os guardas para se alimentar;
a 69% dos depoentes foi negado dormir.

*por Sky (Indymedia), 11 :09 Sab. Set. 30/00
30 de setembro de 2000 - 18:00 horas*

DEPOIMENTO DOS PRISIONEIRO

A muitos prisioneiros foi negado o uso de privada, chamada telefônica ou advogado.

Duas moças .com a idade de 17 anos foram impedidas de ligar para seus pais.

Prisioneiros foram abandonados sem agasalhos ou cobertores durante toda à noite no relento, outros algemados em barras e impedidos de dormir.

Relatos dão conta de pessoas que foram obrigadas a permanecer trinta horas sem dormir.

A epiléticos foi negada assistência médica.

Há relatos de graves espancamentos, sendo que alguns tiveram seus rostos repetidamente batidos contra a parede, esmurrados na face e no estômago, agredidos

com socos e pontapés, algemados no chão, e outros espancados com porretes e barras de ferro.

Alguns espancamentos continuaram por mais de meia hora e vez por outra prisioneiros eram forçados a obedecer a ordens.

Alguns permaneceram com as mãos para trás algemados por períodos superiores a doze horas. Em alguns casos, as algemas apertadas provocaram sangria nos pulsos

Há relatos de fraturas nos braços, dedos, nariz e costelas, a maior parte abandonados à sua própria sorte, em muitos casos sem qualquer cuidado médico.

Sem qualquer motivo aparente a polícia espancou prisioneiros no interior dos ônibus.

Um prisioneiro gravemente ferido devido aos espancamentos foi transportado no porta-malas de uma van.

Prisioneiros foram forçados a se arrastar pelo chão de joelhos.

Há relatos de pessoas que foram espancadas até perderem os sentidos.

"Skinheads" foram colocados dentro de celas para espancar prisioneiros.

Por Jason

ENTREVISTA COM PARTICIPANTE DA AÇÃO GLOBAL DOS POVOS

Eis uma entrevista que apresenta um balanço das mobilizações em Praga. Ela foi realizada com um membro de uma organização suíça muito envolvida no seio da Ação Global dos Povos Contra o "Livre" Comércio (AGP). Trata-se de Olivier de Marcellus, membro da *Action Populaire Contre la Mondialisation*.

P: Qual foi a origem dos protestos em Praga?

R: Logo que souberam que o *FMI* e o *Banco Mundial* se reuniriam em Praga, o grupo que havia organizado no mesmo lugar os Dias de Ação Global de 1998

e 1999 decidiu organizar alguma coisa. Eles ampliaram sua coordenação a outros grupos sob o nome INPEG (Iniciativa Contra a Globalização Econômica). Todos concordavam que era preciso tentar bloquear o encontro, e não somente fazer uma festa na cidade. Em seguida pediram à Ação Global dos Povos que fizesse uma chamada a um Dia de Ação Global, a fim de organizar as ações descentralizadas por todo o mundo neste dia.

P: Como era organizada a mobilização?

R: A INPEG havia decidido tentar retomar o modelo de organização de Seattle, quer dizer, de maneira não-hierárquica, por grupos de afinidades, com os porta-vozes que se coordenam etc. Eu achava que essa era uma ótima idéia, mas receava que com os recursos deles, ela acabaria sendo apenas uma fachada caricatural. Jamais eu teria imaginado que ela funcionasse tão bem, ainda mais porque se tratava desta vez de coordenar não somente tchecos, mas também milhares de pessoas vindas de toda parte do mundo. A participação européia foi muito forte, com mais de mil pessoas da Grécia, a mesma quantidade da Itália, quinhentas da França, milhares de outras da Inglaterra, da Espanha, da Alemanha, da Finlândia e de outros países do leste. Os grupos de afinidade funcionaram extremamente bem, as pessoas eram organizadas por tarefas específicas: transmitir as comunicações, escolher os vídeos, dar os primeiros socorros após os gases, bloquear uma zona específica etc. As mídias independentes foram também muito importantes. Graças ao site Indymedia na Internet, era possível saber a cada hora o que se passava.

P: Como a manifestação se desenrolou?

R: A grande manifestação convocada pela INPEG aconteceu terça-feira, dia 26. Mas outras formações, como o Jubilee 2000 ou os sindicatos, que não quiseram entrar na lógica dos bloqueios, convocaram encontros nos dias precedentes, reunindo destacadamente 5 mil pessoas no domingo. Neste dia

aconteceu também uma manifestação de fascistas contra a globalização, que mal fez aumentar a tensão. Uma contramanifestação foi imediatamente posta de pé, dispersando os fascistas a golpes de porrete até a estação.

Na terça-feira, perto de 20 mil manifestantes, de tendências e países diferentes, estavam de acordo em tentar bloquear o encontro do FMI e BM, mas com concepções muito diferentes sobre a maneira de como fazer isso. A manifestação foi então dividida em quatro partes. A primeira, composta essencialmente pelo SWP inglês (Partido Socialista dos Trabalhadores inglês), queria dar uma volta pela cidade antes de atacar o centro de convenção onde o FMI se encontrava. Os italianos do *Ya Basta!* conduziram o bloco que seguia mais diretamente (pelo caminho principal) na direção ao edifício, atacando de frente, de maneira determinada mas não-violenta (graças aos seus uniformes no estilo futebol americano, capacetes etc.), as barreiras da policia que lhes bloqueavam o acesso à ponte. Os dois últimos blocos se aproximaram do objetivo pelos lados: ao sudeste, o bloco mais *soft* conduzido pelo *Reclaim The Streets* e por um comitê internacional da *AGP*; e ao sudoeste, o *Black Block* dos anarquistas (os poloneses e tchecos estavam ali em grande número), preparados para os enfrentamentos mais duros com a policia. Era realmente uma estratégia militar, e o mais incrível é que ela funcionou! O perímetro protegido pela policia foi passageiramente forçado a recuar, por terem conseguido transpor as barreiras. Também foram bem-sucedidos em bloquear os delegados no interior durante um bom tempo. Os delegados tentaram evacuar por metrô, mas o corredor até a estação não era bastante largo e os primeiros a tentarem passar foram lembrados disso pelas pedras, e bateram em retirada! Vários delegados foram feridos. Depois eles não quiseram mais sair: estavam com medo, porque viam as barricadas em chamas do lado anarquista. Era o pânico a bordo! (Walden Bello⁴⁸ publicou uma narração de uma testemunha do interior da Assembléia. Eloquentes!) Finalmente a policia conseguiu retirá-los, e foram vistos descendo ao metrô

⁴⁸ Economista filipino, diretor executivo da ONG *Focus on the Global South*. (N.T.)

(fechado ao público na ocasião) como ratos. Embora não tenham sido impedidos de entrarem no Centro de Convenção, o encontro foi mais atrapalhado do que em Seattle. Eles cancelaram o terceiro dia de reunião, sustentando que não era devido às manifestações. De tardinha, uma concentração na casa da ópera impediu a presença dos delegados do FMI numa cerimônia oficial. Os manifestantes bloquearam todas as entradas e a cerimônia foi cancelada. No local, os músicos parisienses da Frente Musical de Intervenção deram um superconcerto de músicas revolucionárias, enquanto os helicópteros passavam impotentes no céu. Uma noite de sonho!⁴⁹

P: A imprensa reportou atos de extrema violência de parte dos manifestantes. O que você pode dizer a respeito?

R: Eu não estava ao lado do Black Block. É claro que lá os manifestantes atacaram duramente, mas não houve nenhum ferido grave. Durante a noite, houve efetivamente destruição, mas os manifestantes pegaram somente os Mc Donald's, as transnacionais e os bancos. De fato, foi muito mais “disciplinado” do que em Genebra em 1998. Os ataques eram direcionados.

P: Fora das manifestações, uma contra-reunião era organizada. Como isto se passou?

R: A contra-reunião foi também organizada pela INPEG. Por um lado, uma série de *experts*, como Eric Toussaint, Sylvia Federici etc., foram reunidos para um debate sobre a globalização, o FMI e o BM. Por outro lado, a AGP organizou oficinas no centro de convergência animadas pelos representantes dos movimentos populares do Sul. Em outro local as ONGs organizaram seus próprios encontros à margem da mobilização da INPEG.

⁴⁹ Além dos músicos revolucionários franceses havia um grupo de samba inglês na ocasião. Algumas pessoas contam que não queriam estar em nenhum outro lugar do mundo nesse momento, foi um momento mágico... Imaginem um carnaval popular revolucionário nas ruas impedindo a nobreza de assistir sua ópera... (N.T.)

P: O que se pode dizer da repressão policial durante e sobretudo após a manifestação?

R: Durante a manifestação, a polícia utilizou canhões de água, de gás lacrimogêneo, atirou balas de borracha, mas visivelmente as ordens eram de guardar as posições defensivas. Mas a partir das dez da noite os arrastões começaram. Em uma hora, eles prenderam trezentas pessoas. Dezenas de caminhonetes das forças especiais passavam em todas as direções. Eles verdadeiramente cortavam a cidade. Mil policiais suplementares foram convocados do interior para se juntarem aos 11 mil já presentes. Ao todo, cerca de novecentas pessoas foram presas.

Uma vez na prisão, as brutalidades eram inauditas. Pernas, braços e dentes quebrados, corredores-poloneses, mulheres "revistadas" exaustivamente por policiais homens, obrigadas a ficarem nuas, e fazerem exercícios diante deles, privações de água e comida, golpes nas partes genitais dos homens etc. Trinta por cento dos policiais tchecos votam na extrema-direita, os negros e os israelenses tiveram portanto um tratamento especial.

Uma acompanhante de um grupo de apoio da AGP teve a bacia e uma perna quebrada tentando escapar do posto policial. No hospital o médico lhe recusou analgésicos "para que ela tivesse a cabeça clara para o interrogatório da polícia"! Quando ela gritou pelos analgésicos, uma enfermeira torceu sua perna quebrada para lhe fazer calar. Antes das repercussões nos seus países, muitos estrangeiros foram enviados para campos de internamento destinados a "medidas de constrangimento" tchecas, nos quais os guardas eram decididamente *skinheads*. Restam oficialmente quinze estrangeiros na prisão, mas há uns sessenta "desaparecidos" e os acusados tchecos correm um risco muito grande.

P: Segundo você, Praga representa um salto qualitativo no processo atual de luta contra a globalização?

R: Do ponto de vista da importância política, penso que há um salto igual de

Genebra a Seattle e de Seattle a Praga. Primeiro, a organização de um evento também enorme por grupos de afinidade - que permite por exemplo fazer manobras quase militares, mas com uma organização não-hierárquica. Esta é uma forma de luta retirada da cultura política anglo-saxônica e é a primeira vez que ela é passada ao continente europeu. Para nós, um enorme passo adiante. Depois, o sucesso da mobilização em um país do leste é histórico. Não se tinha visto isto desde 1968! Apesar da forte campanha que já vinha sendo realizada há seis meses, afirmando que era uma mobilização de "*hooligans*" e de terroristas, os tchecos participaram maciçamente da manifestação (menos de um terço das pessoas presas eram estrangeiras). Os habitantes freqüentemente nos manifestavam seu apoio de outros lugares, das janelas e dos ônibus. Enfim, não resta mais dúvida que um novo movimento mundial está começando. Do Brasil à Austrália os jovens retomam às ruas. Em Praga mesmo, havia muito menos ONGs e sindicalistas mas duas vezes mais jovens em ação do que em Seattle. Eu jamais ousei fazer profecias antes, mas aos meus olhos é um novo 1968. É verdadeiramente um ciclo internacional de lutas que se abre. E mais, desta vez ele é mais consciente e mais organizado. Será preciso aproveitar bem esta ocasião!



USAR UMA CAMISETA TORNA VOCÊ UM TERRORISTA

Qualquer coisa que contenha um slogan pode colocá-lo agora fora da lei

Reportagem especial: direitos humanos no Reino Unido

por George Monbiot

Tony Blair anunciou na conferência de primavera do Partido Trabalhista no domingo que estamos à beira do "maior avanço político progressista do século": Para se preparar para esse maravilhoso mundo novo, dois dias antes de seu discurso o

senhor Blair bombardeou Bagdá. Na segunda-feira, a era progressista foi oficialmente lançada, com a implementação de um artigo legal chamado Lei de Terrorismo 2000.

Terror, na nova era progressista, não é mais a conservação da aristocracia da violência. Hoje quase qualquer um pode participar dele, basta que queira mudar o mundo.

O calendário dos protestos de rua anticapitalistas terminou o ano de 2000 em Nice, cidade francesa foi a sede escolhida para um encontro da União Européia no dia 7 de dezembro. Mas antes, no dia 27 de outubro, os manifestantes puderam comemorar uma "vitória por W.O." antecipada. O encontro da OTAN, que seria realizado na cidade de Vitória no Canadá, foi cancelado com um ano de antecedência devido aos protestos de rua que com certeza ocorreriam. Os donos do mundo não podiam mais se encontrar sossegadamente, os corpos estavam se tornando por demais indisciplinados...

O ano de 2001 começou com o tradicional Fórum Econômico Mundial de Davos, no dia 20 de janeiro. Dessa vez Davos era uma cidade transformada em fortaleza. Todas as entradas para a cidade foram bloqueadas. Soldados, metralhadoras, helicópteros, arames farpados e os dizeres escritos em raio laser: "mantenham o diálogo". Ação direta e corpos indisciplinados parecem ser tudo aquilo que de fato pode ameaçar os donos do mundo.

Dia 26 de fevereiro foi a vez do Fórum Econômico Mundial regional em Cancun, onde houve muita violência policial. Final de março, o Fórum Global da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) enfrentou protestos de 40 mil pessoas em Nápoles.

Dia 20 de abril de 2001, os governantes dos países da América, menos Cuba, tinham um encontro marcado em Quebec para tratarem da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas). Lembrando que a expressão "livre comércio" em *capitalês* significa "máximo lucro ao mais forte em detrimento do meio ambiente e das condições de sobrevivência e vida humanas dos mais fracos", era previsível uma grande manifestação em Quebec.

*George Monbiot
The Guardian
22 de fevereiro de 2000*

POR INTEGRANTES DO BLACK BLOCK - CANADÁ

INTRODUÇÃO

Principalmente nos últimos dias podemos ler, na *Gazette* montrealense, o seguinte título: os anarquistas se armam para o Encontro (tradução livre). Eis aí um título que diz muito sobre o ambiente no campo jornalístico. Tudo nos diz que a mídia de massa está nervosa, como a polícia e os serviços secretos com os quais ela colabora estreitamente, uma vez que ela tem um trabalho de desinformação a fazer, imediatamente e o mais eficazmente possível. Existe pressão afinal de contas! Eles querem os culpados antes mesmo do início dos eventos, e eles os encontraram. São os anarquistas. Ah, e que surpresa!

O esforço da mídia consiste em denunciar aquilo que ainda não aconteceu, em nomear os "maus" que estarão na origem do fenômeno violento e antidemocrático, para usar os termos do relatório da SCRS.. Ocultando a fonte do problema: o capitalismo. Seus acionistas a obrigam. Sempre demagógica e ávida de informações, a imprensa, com seu sabor de atualidade espetacular, fala do Encontro sem parar de repetir a verborragia das forças policiais e de modo a tentar nos intimidar. É uma verdadeira operação psicológica.

De qualquer modo, o que acontecerá no Encontro? Não podemos saber, nós não somos convidados e os documentos são secretos. Conseqüentemente, nosso terreno será a rua, longe dos encontros burgueses e dos hotéis de luxo. Mas olhando os orçamentos, sabemos que ar terá a rua. Com a quantia medíocre de mil dólares para se

organizar, os anarquistas têm verdadeiramente alguma chance de ocupar as ruas? Uma chance de vencer os cães e de perturbar a ordem estabelecida, ou deixar quebrada a cidade? Uma coisa é certa, os 32 milhões de dólares investidos na segurança pelo seu governo são um contraste financeiro no mínimo revelador. Os anarquistas são pobres, como o comum dos mortais (e como você!), enquanto os outros, todavia minoritários em número, são donos, eles decidem, possuem, controlam. E eles controlam principalmente o discurso midiático. Assim, nós o aconselhamos a não acreditar nesses jornais sem pesquisar: o espírito crítico certamente continua sendo um valor. Deve-se examinar por si mesmo para conhecer a verdade.

Finalmente, sabemos que são os policiais que se armam para Quebec, eles anunciaram: um equipamento novo em folha que resiste às pedras, um helicóptero, um muro de 3.200 metros etc. E tudo isso nas suas costas, com seus impostos. Genial, não é?

O presente documento é uma coletânea de textos de revoltados. É suficiente o tempo de dar uma olhada para lê-lo. Essa brochura-panfleto reúne nossas idéias, sem demasiada coesão, mas o suficiente para terem um sentido. Por razões evidentes não assinamos os textos.

UM APELO DE UM BLACK BLOCK NO ENCONTRO DAS AMÉRICAS DE 20 a 22 de Abril de 2000

O Black Block é um agrupamento, tático e móvel, de vários grupos anarquistas e organizações autônomas que trabalham em conjunto visando realizar diversos possíveis projetos, coordenando nossas ações por um objetivo global: a curto prazo, tomar de conhecimento nossa virulenta oposição à existência do Encontro das Américas. A longo prazo, a destruição total da opressão engendrada pelo Estado, pelo Capital, pelo Patriarcado... em suma, cada um define sua prioridade. De qualquer modo, o Black Block constitui apenas um espaço de convergência para ações diretas.

Queremos discutir a estratégia a se adotar face às novas realidades repressivas do Estado. A polícia tem estudado bastante os métodos empregados anteriormente em

nossas manifestações, e parece que possui novas contra-medidas para testar em nós. Não sejamos ridículos, recusemos ser cobaias silenciosas. Organizemo-nos em grupos de afinidade, os únicos que podem nos oferecer uma forma estratégica de organização, e que nos permitem refletir coletivamente (em pequenos grupos) sobre as novas táticas necessárias para se sair do modelo instaurado no curso dos recentes acontecimentos de massa. É inútil precisar que somos contra os gurus, partidos, grupos centralizados ou hierárquicos.

Iremos nos reunir dia 20 de abril. O local será determinado posteriormente. Para aqueles e aquelas que vêm do exterior, quer dizer dos Estados Unidos, do México, da América Central e do Sul, não se esqueçam que a fronteira do Canadá é muito grande, e que idealmente é preferível passar por Ontário ou Nova Brunswick para chegar à cidade de Quebec. Também é possível encontrar local para ficar em Montreal, para aqueles e aquelas que desejarem chegar com mais antecedência.

A DESTRUÍÇÃO DA MERCADORIA

Um espectro assombra a América, é o espectro do destruidor anarquista. Sua famosa máscara negra, tomada necessária pelo crescimento vertiginoso da vigilância eletrônica, é atualmente tida como o símbolo de um terrorismo social que nos parece hoje, mais do que nunca, um imperativo humano e um dever moral.

Os destruidores e destruidoras em Seattle, assim esperamos, abriram o caminho à destruição do império da mercadoria. Atacando o próprio coração da fortaleza americana, que ninguém nem suspeitava ser tão frágil, o objeto do culto capitalista moderno, enfim, despedaçando as vitrines que refletem nosso estatuto de consumidor e consumidora fiéis, os amotinadores e amotinadoras fornecem o único conteúdo libertador possível à luta contra a globalização dos mercados. Subitamente, uma luta que parecia estar definitivamente se encerrando no precipício do compromisso servil, fim que nos apresenta há sessenta anos os mesmos sindicatos colaboradores e os mesmos burocratas da comunidade estatal subcontratada, subitamente essa luta se torna uma ameaça.

Uma vez que essa sociedade capitalista, da qual as diversas reuniões da OMC, do FMI, do Banco Mundial, da ALCA são apenas as missas midiáticas, é um espelho sem aço que projeta sem parar a imagem da sua mercadoria. Enquanto estão atrás da corrente cortina de rios de sangue e de torturas de todos os tipos, enquanto planejam a repetição da fome assassina da Somália e da Etiópia através da patente e da esterilização da produção agrícola, querem fazer acreditar que o deus dinheiro, ao qual inúmeros sacrifícios foram consentidos neste século XX inimaginavelmente sanguinário, nos conduzirá enfim a seu paraíso de objetos, tal como os retratam as pinturas publicitárias televisuais.

Enquanto as promessas do capitalismo se resumem a um par de tênis Nike, querem nos ocultar o sofrimento das crianças escravizadas que o produzem.

Enquanto o espetáculo da mercadoria nos promete tomates bem vermelhos e bem redondos em quantidade fabulosa, querem nos ocultar que suas frutas, manipuladas geneticamente, são completamente estéreis, tornando assim ainda mais dependentes dos grandes proprietários das multinacionais agroalimentares os produtores agrícolas de todo o planeta.

Enquanto nos prometem a era da informação com as tecnologias informáticas, nos ocultam que hoje em dia as pessoas estão mil vezes mais fichadas do que a sinistra Gestapo poderia jamais ter sonhado em fazer.

Enquanto o espetáculo nos empanturra da sua teoria de aldeia global, a realidade é que a Internet é sobretudo um imenso reservatório de mercadoria em carne humana, muito freqüentemente de mulheres e por vezes de crianças, que são exploradas através da sua imagem sexual e que são vendidas a uma vasta clientela de pessoas cada vez mais isoladas socialmente.

Enquanto nos fazem crer que vivemos em uma democracia, os serviços secretos dos nossos respectivos países instauram sangrentas ditaduras e deploráveis regimes de bananas nas colônias sul-americanas, africanas e asiáticas.

Enfim, parece muito bem que a sociedade espetacular mercantil atingiu um grau inigualável de hipocrisia e de mentiras.

Atacando diretamente os objetos envidraçados, os destruidores e destruidoras em

Seattle não fizeram mais que saciar seus desejos de possuir esses produtos quase sempre inacessíveis que a publicidade nos faz tratar como se fossem o supra-sumo da felicidade. Eles e elas atacaram sobretudo o objetivo principal na direção do qual tende a se dirigir todo o sistema de opressão atual, elas e eles atacaram a principal realização da nossa sociedade: a mercadoria.

Porque é exatamente para que ela circule melhor que a mercadoria tem dizimado as conquistas sociais, arrancadas através de duras lutas.

Embora uma parte do movimento social anestesiado chie por causa do escândalo da violação de uma vitrine que enfim voa em pedaços, o poder social do cassetete e do escudo ri debaixo da sua barba por ter intoxicado a contestação com seu dogma: o respeito beato diante do novo totem moderno, a mercadoria.

A reação das autoridades, aliás, não tardou, e hoje em dia toda manifestação que desarruma a ordem estabelecida é descrita como uma manifestação tranqüila, perturbada somente por alguns agitadores mascarados. Embora a insolente política exterior ocidental multiplique as causas e organize as atrocidades do mundo (quem deu apoio a Pinochet, Suharto, Somoza, Noriega, Duvalier, Marcos, Mobutu e cia.???) , os grandes sacerdotes que celebram o espetáculo social do consenso pré-fabricado querem fazer crer que os anarquistas são maus e Perigosos!

Estimulando por todos os lugares uma rede de não-violentos mais histéricos diante de um Mc Donald's demolido do que diante das descrições de inumeráveis mortes e de sinistras torturas das ditaduras financeiras através de seus próprios impostos, os grandes sacerdotes do Capital tiveram a sorte então de esconder esses desagradáveis desmancha-prazeres anarquistas que vêm (enfim!) lançar uma magnífica pedra na exibição sangrenta da mercadoria -espetáculo.

1. Convictos que somos vítimas crônicas da injustiça flagrante do capitalismo, que domina, mata, massacra, estupra, reduz à escravidão as populações do mundo sempre mais eficazmente, que sempre mais friamente destrói a vida ou a transforma em mercadoria e em instrumentos de produção;

2. Convictos que somos vítimas do horror patriarcal que primeiro transformou os seres humanos em mercadorias, e que continua ainda e sempre a subjugar a metade da humanidade esmagada pelo falo de ferro da dominação sexual - e como ainda querem os fanáticos que se autodenominam hipocritamente de pró-vida -, mulheres mantidas no papel de reprodutora de futuros trabalhadores que o culto mercantil absorverá de bom grado para sua escravidão assalariada, à fome planejada e às guerras genocidas;

3. Convictos de que o Estado não foi jamais outra coisa além de gestor dos conflitos de classe, quer através da sua polícia, do exército, das prisões, da tortura, dos seus homicídios legalizados em um ritual que se ousa chamar justiça, ou pelas suas técnicas de gestão da pobreza e da miséria, suas leis trabalhistas, seus programas sociais sempre arrancados através de duras lutas mas jamais dados, ou ainda pelo seu novo éden, a economia social e solidária, o novo projeto da subclasse burocrática comunitária;

Nós anarquistas (nem todos destruidores e destruidoras apesar de tudo!), revoltados, ou muito simplesmente cidadãos responsáveis, quebramos tudo no nosso caminho. E logo de manhã varremos os pedaços de vidro e as mercadorias que transformamos em projéteis, dando-lhes utilidade pelo menos uma vez, sendo também as ruínas da opressão que serão assim varridas.

O ESPETÁCULO NÃO VIOLENTO

É um espetáculo desolador ver esses milhares de jovens que, nas ruas de Washington, a capital ilusória da América, precipitam-se bravamente ao encontro do cassetete, da repressão e das penas. Desolador, uma vez que os pseudo-militantes se entregam assim às centenas ao inimigo, tudo pensando em mudar o mundo. Um espetáculo, uma vez que tudo é coreografado para a mídia, sem nada poupar, pousada da ideologia bicéfala da contestação dentro das normas. Com uma voz indignada, esse contestatário não-violento, vindo a perder seu quartel-general pela mão da polícia, nos

declamava a litânia da América *mainstream*, aquela da constituição e da contestação superficial: "Violam nossos direitos e 1ª emenda da Constituição": Afastada a luta de classes, afastado o radicalismo. O FMI se torna apenas uma agressão constitucional. O Banco Mundial deve ser reformado para levar em conta os nossos direitos. Temos aqui, perfeita, a tomada de cena orquestrada por todos os Duhamel(s) e os *CANEVAS*⁵⁰ da América do Norte.

Sentados diante dos policiais ou deitados diante das viaturas, era projetada uma imagem unitária e terna da contestação: aquela da submissão. Submissão à boa vontade das forças da ordem quanto a saber o número de pontos suturados ou o número de dias de prisão obtido. Submissão à mídia, para a qual tudo isso é feito: já que sem ela a não-violência se tornaria impossível, a resistência pacífica não serviria para nada se não fosse possível tocar a opinião pública. A fúria era comemorada nos dois lados. Os contestatários viam enfim o momento chegado de se exprimirem "publicamente", e os policiais de se desreprimirem copiosamente.

A feira anti-FMI contra-BM transforma-se em feira de desgosto. Desgosto do cassetete, desgosto de ver as pessoas permanecerem impassíveis enquanto seus companheiros são detonados pelos mais desprezíveis dentre os seres humanos (os policiais, para não os qualificar). Mas também, um grande ânimo em saber que aquilo era planejado. Planejado e inútil. Já que toda ação, de fato, é explicada, demonstrada, esclarecida antes. Comunica-se toda estratégia, a todo mundo, o tempo todo, mesmo à polícia. Apela-se à transparência. De tal forma transparente que de fato a ação se torna ineficaz. Basta mudar os planos do outro lado do muro, e eis aí meses de trabalho por água abaixo.

É demais ver isso. Não suportamos mais a monopolização do espaço de contestação feita pelos não-violentos. Se essas pessoas desejam realmente ser espancadas, são livres para isso. Mas nós desejamos viver em pé. A diferença é gritante. Quando estamos sentados, o policial nos parece duas vezes maior. Quando estamos em pé, ele perde dessa forma o seu encanto! E ele pode até mesmo ter medo

⁵⁰ Philippe Duhamel, principal personalidade do *Collectif d'Actions NonViolent Autonomes* (CANEVAS) de Quebec. (N.T.)

de nós. E nós sabemos disso.

Não queremos deixar que nos façam de gato e sapato. Isso é passividade demais. Jamais consideramos que suportar um jato de spray de pimenta ou se deixar disponível à polícia constituísse um ato de resistência. É apenas um ato irracional, baseado em falsos argumentos. Jamais nos sentiremos mais fortes, mais seguros de nós mesmos estando diante de uma viatura policial, na prisão, no camburão ou num processo onde o Estado é juiz e promotor. O fato de o público estar a par de certos empreendimentos (como o AMI), mesmo se fosse suficiente para recuar ou impedir que eles tivessem lugar, não constituiria uma vitória para nós. Seria apenas uma vitória para a mídia e uma facção do capital hostil a esses acordos. Mas não fomos tampouco ingênuos a ponto de crer que a ação não-violenta havia conseguido pôr fim aos tratados do AMI.

Quanto à OMC, sabemos bem que as ações "violentas" do Black Block, assim como o oportunismo eleitoral de Clinton, foram pelo menos tão importantes dentro do balanço quanto as horas de atraso da reunião causadas pelos fanáticos que respiravam a grande nuvem de gás lacrimogêneo ao som da infantaria. Achemos realmente que nas primeiras horas, os mais "hardcore" foram decisivos ao desenrolar da batalha. Quando *Nike*, *Planet Hollywood* e análogos perderam alguns milhões de dólares em danos materiais ou em vendas, então poderia se dizer que o Black Block havia tocado no centro do problema. O sistema capitalista, patriarcal e espetacular não funciona à base de encontros, sejam eles ministeriais ou de dignitários. O coração da sociedade espetacular-mercantil é feito de cristal, de vidros polidos que ao mesmo tempo refletem o retrato do consumidor, da consumidora, e lhes apresentam a mercadoria deificada. Quebrando os símbolos da opressão, o envitrinamento e o domínio sobre bens que poderiam ser úteis de outro modo, o Black Block alcançava a primeira vitória que abriria o novo milênio.

Enquanto os não-violentos estavam voltados ao passado, aos velhos escroques que pretendem dominar o mundo (mas que não estarão mais onde estão daqui a cinco anos), aconteciam coisas bem mais importantes nas ruas de Seattle assim como nas de Londres. Eram escolhidos os verdadeiros responsáveis. A mercadoria era atacada. Nunca uma revolução foi feita sem a desagregação dos sistemas de opressão, verdade

ainda válida hoje em dia. Damos risadas dos não-violentos que se dizem libertários, revolucionários, mas que vão logo em seguida nos apontar o dedo de cima de todas as tribunas (incluindo aí o posto policial) quando atacamos o que denunciemos e detestamos. Essas pessoas, pacifistas e patriarcas da palermice humana, não são nem militantes, nem anarquistas, nem revolucionários: eles não passam de uns ridículos. .

Queremos ser eficazes. Tomamos partido em favor da radicalidade, da destruição da propriedade privada por todos os meios possíveis. Não somos fundamentalmente violentos. Somos a favor de uma resolução pacífica e sem constrangimentos dos conflitos, quando eles ocorrem entre duas pessoas que gozam de uma igualdade de direitos e de fato, e que beneficia a liberdade de se retirar do conflito. Mas quando a desigualdade está posta, na medida que existir o patriarcado, o capitalismo e o Estado, não nos resignaremos à posição mais fraca que podemos adotar: a não-utilização da violência. Pois não se trata de um debate sobre a não-violência. Assim como o governo perfeito ou o estado de felicidade absoluta, a não-violência não existe. A partir do momento que uma das duas partes emprega a força, a brutalidade, a não-violência não existe mais. É como a vida. A partir do momento que existe alguma coisa para dominá-la, ela perde sua propriedade de vida.

Portanto, uma vez que queremos o máximo de vida possível empregamos o caminho mais curto para chegar a esse objetivo, Não deixamos na mão do inimigo sua arma mais forte: a legitimidade e o uso exclusivo da violência, ou seu controle e sua repartição de acordo com suas necessidades. Tomamos aquilo que queremos. Se isso constituirá um ato de violência, nos é indiferente. Mas ultimamente, é a ordem estabelecida que se vê violentada, rachada.

Já dissemos: queremos ser eficazes. Decidimos então nos organizar segundo esse objetivo. Formamos *Black Blocks*, tomamos o poder da rua. Criamos *Women Blocks* e tomamos o poder sobre nossas vidas. Organizamos Comandos de alimentação, e tomamos o poder sobre nossa fome. Construimos nossos Squats e tomamos o poder sobre nosso alojamento. Fazemos a revolução e restituímos o poder a todas e todos para que ninguém tenha mais do que os outros.

(...)

POR QUE LUTAMOS

Eu vi o medo e o temor nos olhos de alguns e algumas, quando tudo aquilo se passava: Seattle, a destruição, Washington, a matraca, Montreal, os *Mc Donald's* destruídos, *Westmount* invadida. O que está acontecendo? O mundo decidiu sair do seu torpor. Depois de muito tempo, mais uma vez anarquia rima com prazer, liberdade, ação. A crítica burguesa apenas piora as coisas: fala-se de MOTIM (em maiúsculo para dar mais medo), DE VIOLÊNCIA, DE DELITOS, DE JOVENS DESTRUIDORES, DE BLACK BLOCKS. Tudo para apavorar as boas pessoas, encerrá-las um pouco mais na estreiteza do mundo e conservá-las prisioneiros e prisioneiras. E se não fosse isso...

Do fundo do seu subúrbio surrado pelo uso, a classe dos bem-pensantes se sente atacada. O que importa se são os ricos que são visados? Instaura-se um clima de temor (injustificado). E após uma longa falação política de merda no estilo Martineau⁵¹ (caipira que se tolhe para a alegria dos seus patrões da *Voir*), os prisioneiros se põem a tremer. São os antolhos bem-instalados por séculos de embrutecimento e de tempestade midiática que devem ser arrancados. A indiferença miserável na qual se refugiam as pessoas não resiste mais. A vitrine brilhante e polida que protegia a aparência é quebrada. O que é a OMC? A questão se coloca sem desvio.

Àqueles e àquelas que crêem ainda que os anarquistas estão lá para comê-los (nós comemos apenas os patrões, eles são os melhores), é posta a questão. Os cacos de vidro que (talvez) tenham roçado alguém no dia 15 de março no *Mc Donald's* feriram de verdade? O que é a OMC, o NAFTA, a globalização, seu salário que diminui, o Capitalismo e o Estado? Quem prende os jovens nas manifestações, quem envia as pessoas para matar ou morrer pelo petróleo no Iraque? Quem é visado quando se diz atacar Milosevic? Quem morre continuamente de uma doença por não ter tempo de curá-la, porque o Trabalho não pode deixar de ser feito? Quem ainda se levanta toda manhã com as bochechas vazias e a cabeça pesada, ao som violento do despertador

⁵¹ Richard Martineau, jornalista e redator chefe da revista semanal canadense *Voir*. (N.T.)

que o agride? Você, a gente.

E agora o que o faz crer que os anarquistas são os perigosos nesta sociedade? A tal ponto criminosos que eles e elas têm direito a uma escolta policial de centenas de agentes? Quem insinua que a anarquia é uma destruição sem fundamento dos bens e da propriedade privada? Quem persegue na verdade os jovens por terem se manifestado ilegalmente? Quem permite a utilização de gases tóxicos para conter as multidões furiosas? Quem na realidade lhe põe medo? A mídia, a burguesia, a polícia. Os mesmos que bombardeiam o Iraque ou a Iugoslávia. Aqueles mesmos que o forçam a trabalhar quarenta horas por semana por um salário de merda enquanto se enchem de luxo nas viagens de negócio. São ainda aqueles que vivem da exploração, da morte ou da submissão de um povo inteiro.

Para que espalhar por aí que os anarquistas são pessoas insanas, simplesmente violentas, estúpidas e vulgares? Porque é a melhor maneira que eles encontraram para manter suas posições. São apenas inverdades, evidentemente, de sofistas faladores e desdenhosos. O desprezo é mais ou menos recíproco. É fácil para a classe dirigente, burguesia e comandantes, mentir, já que não existe contrapeso. É assim que são as coisas, mas é por isso que queremos uma transformação. Atacamos o reino da riqueza porque essa assim chamada riqueza se apropriou da nossa vida. Porque o tempo que se passa trabalhando não se está vivendo. Porque temos bastante repressão, destruição, morte, fome, estupros, guerras entre países. Nos defendemos de um sistema que nos toma tudo.

Mas também queremos outra coisa além disso. Destruir por destruir não passa de derrisão. É a mentira suprema. Nós não aderimos. Um slogan estudantil dizia há alguns anos: "A vida está em outro lugar", significando a impossibilidade de viver dentro do próprio quadro do capitalismo, do Estado ou do patriarcado para a maioria entre nós. Queremos viver de outro modo, flexionar a tangente do futuro que conduz atualmente à barbárie: que se chama ainda capitalismo. Nossa ação tem por objetivo trazer uma renovação, criar, viver, apropriar-se do que temos criado mas que nos tem sido arrancado para pôr no mercado. Queremos festejar, dormir, repousar, construir, fazer, edificar. Sem trabalhar, produzir, forçar-se, ser cadenciado e policiado.

O medo que é veiculado a nosso respeito é exatamente aquele do sistema que se sente às vezes inseguro no seu todo. Exigimos a liberdade e como consequência o sistema receia e aprisiona. Reclamamos a justiça e como consequência o Estado nos espanca e nos detém. Requeremos o fim da exploração mas temos apenas como resposta a miséria e a pobreza.

A revolução, a transformação, nos parece necessária e motiva nossas ações.

POR QUE LUTAMOS

Eis que as lutas, as batalhas conduzidas para o bem das pessoas nos demonstram algo tangível. O pós-Seattle, indubitavelmente, conduziu as pessoas a tomarem uma posição política, e esta tomada de posição foi feita em favor da ação que pode, algumas vezes, ser violenta. Observamos assim que os argumentos clemagógicos dos não-violentos não nos atingem mais.

O Encontro da Juventude visava alguma coisa.

Os manifestantes brutalmente reprimidos serviram pelo menos para mostrar uma coisa: a violência pode ser empregada como solução quando se toma impossível agir de outro modo, e eis que fica claro que não existe outro modo!

E se os jovens tivessem decidido agir? Crônica da não-violência desconstruída:

É bom deixar claro que os argumentos não-violentos que se ouve são nulos. Mas por quê? Observemos de perto o que se pode ouvir da boca dos membros dessas seitas, onde o CANEVAS representa o Vaticano ideológico e Duhamel. o grande papa caduco.

1. "Não se pode mudar as coisas usando os mesmos meios dos nossos adversários": esta frase é frequentemente empregada para dizer que se o governo é violento, agindo nós de fOnDa violenta nos tornaríamos iguais a ele. Mas vamos mais longe: em nenhuma hipótese nossa violência seria aquela mesma do governo. Não queremos organizar uma força policial para controlar as pessoas. Nos diferenciamos

de nosso adversário já a partir disso. Nossos meios são diferentes: não propomos a utilização da força para reprimir a contestação. Não somos pagos para fazer isso. Os policiais agem violentamente porque eles receberam ordens. Se lhes pedissem para despejar neve na praça, eles o fariam. Agimos por necessidade, eles não: quer seja para nossa sobrevivência, para se defender ou para mudar uma situação que consideramos intolerável. Ninguém obriga ninguém a se tornar um policial: somos pobres por obrigação, não por escolha. A violência se toma portanto não uma escolha, mas uma necessidade tática.

2. "Não se responde à violência com violência" Essa é a sentença chave do movimento pacifista que pretende convencer (em consequência da primeira afirmação) que a violência apenas gera violência. A ela, deve-se apenas responder: sim, e daí? Não há problema algum em querer que uma violência da parte das autoridades gere uma resposta violenta de nossa parte. Aliás, sofremos a violência apesar de tudo, portanto ela está presente. Não decidimos unilateralmente utilizar a violência não importa de que maneira e sem razão. Somos capazes de justificar seu emprego: seja em caso de autodefesa ou porque se constitui o único modo de mudar as coisas.

3. "É necessário ser consequente: desejamos uma sociedade não-violenta, logo empregamos meios não-violentos." Sim, somos consequentes, isto é um fato, mas quem disse que desejamos uma sociedade não-violenta? Sim, desejamos o fim das guerras. o fim da violência organizada do Estado. Mas desejamos sobretudo uma sociedade na qual as pessoas sejam capazes de responder à violência, e de se organizar em função da violência de outros, para minimizá-la, para desfrutar do máximo de liberdade numa sociedade ideal ninguém deveria empregar a violência contra qualquer outro, isso não significaria que esse desígnio do espírito pudesse ser aplicado aqui e agora. Não se deve esquecer que são os interesses dos grandes capitalistas que justificam o emprego da violência deles, para atingir seus próprios fins. Enquanto essas condições existirem, será impossível entravar a violência, tanto da parte deles como da nossa.

4. "Deixemos ao Estado a característica de agir violentamente." Esta afirmação feita pelos não-violentos é terrificante. Quer dizer que aceitamos imediatamente não lutar com armas iguais. Sob quais pretextos? Simplesmente porque queremos uma sociedade não-violenta (ver item 3). A sociedade capitalista retira grande parte da sua força do monopólio da violência, e nesse sentido, é muito mais jogar o jogo dela aceitarmos seu monopólio em vez de denunciarmos pela ação. Preferimos não fazer nada que o Estado queira, do que não fazer nada como eles. Ninguém pode simplesmente achar que todas as funções do Estado são negativas, e rejeitá-las. Achamos antes que o Estado não deveria existir porque ele é o monopólio do discurso, da representatividade, da ação sobre essas funções, agindo segundo seus próprios interesses e não no interesse das pessoas afetadas. Queremos que cada pessoa, cada grupo de afinidade, cada coletividade, possa decidir sobre aquilo que lhe diz respeito, e isso inclui também o uso da violência. Uma coletividade que decide se organizar violentamente contra uma agressão exterior age legitimamente. Uma coletividade que decide agredir violentamente uma outra não, e acaba gerando a resposta. Não é necessário ser muito esclarecido para ver a diferença entre os dois tipos de violência.

5. "Toda violência é má, porque é violência." Frequentemente, os não-violentos põem embaixo de uma só bandeira uma variedade de fenômenos que eles qualificam deste modo de violência. O problema é que frequentemente tudo aquilo que vai contra sua posição política é considerado como violento. É um meio que essas pessoas utilizam para agir de maneira muito menos radical do que querem crer. O CANEVAS é um bom exemplo. Ele é teoricamente contra o Estado, o capitalismo etc. Mas quando chega a hora de anunciar uma crítica mais global do Estado e do capitalismo, crítica que implica que se aja contra esses fenômenos, somos postos no banco dos inquisidores por nossas táticas serem consideradas violentas. Olhando um pouco mais longe, é perceptível que as reivindicações desses grupos permanecem completamente reformistas e sem grande envergadura. Desse modo, a destruição da propriedade privada torna-se violência. Gritar palavrões aos policiais que se odeia é violência. O slogan "a

polícia ao serviço dos ricos e dos fascistas" é também considerado violência pelo CANEVAS! Todavia, esses gestos não se enquadram na sua definição mais geral de violência. Lista-se *a posteriori* os atos que são malvistas pelos líderes do movimento. Na verdade, toda ação ou linguagem subversiva, ou que possa ocasionar um excesso ou uma perda de controle da ação pelos organizadores, é estigmatizada pelo rótulo de violência, mesmo se ela não tem nada a ver com violência. É uma questão de escolha pessoal chamar de violenta uma mulher que espanca ou mata seus estupradores para não ser estuprada. Neste caso fica bem evidente toda a contradição desse sistema de pensamento. Deve-se reconhecer a existência da fonte inicial da violência, aquela que desencadeia nossa própria violência, já que aí reside toda a diferença. As pessoas que desencadeiam a violência concordam com o seu uso, e portanto reconhecem por antecipação que ela é justificada e justificável. Respondendo violentamente, lutamos contra pessoas que aceitam o uso desses meios. Somos forçados a empregá-los, enquanto aqueles e aquelas não o são. Eles são os únicos culpados da nossa própria violência.

6. "Ser não-violento é a ação mais radical que existe." Esta idéia circula freqüentemente, no intuito de dizer que a não-violência requer mais coragem e radicalidade: sentar diante de uma linha de policiais e se deixar prender e até mesmo se deixar espancar, do que ir embora diante de uma forte pressão. Assume-se assim que é mais útil tentar por todos os meios resistir pacificamente, e portanto que a eficácia da ação é maior resistindo sentado, do que recuar diante da tropa de choque. Voltemos à Terra. Se nosso objetivo é impedir uma conferência, bloquear uma rua etc., não é então dentro do camburão que somos eficazes. A eficácia de uma ação depende da nossa capacidade de nos manter em ação o máximo de tempo possível. Recuando em momentos desejados, voltando ao ataque, destruindo coisas, ganhamos força, fazemos perdurar uma situação além do tempo permitido pelas autoridades. Não damos às forças da ordem o poder de decidir o momento em que a ação deve terminar, agimos de acordo com a nossa própria agenda, conservamos nossa liberdade de ação. Uma pessoa raramente é mais útil na prisão do que livre.

7. "Resistir pacificamente cria um *empowerment*⁴ incrível." Esta frase é empregada freqüentemente para dizer que a ação pacífica permite às pessoas recuperar confiança em si mesmas, e que leva a uma tomada de consciência da possibilidade de resistir. Na verdade, a resistência, seja violenta ou não, cria esse *empowerment*. Entretanto, deixar que te prendam demonstra muito bem quem possui o porrete, ao passo que ser capaz de provocar impunemente os canhões da ordem estabelecida estimula a recomeçar. Uma pessoa sob mandato jurídico, ou que enfrenta processos legais, vê sua autonomia de ação restringida pela palavra de outros que podem desfrutar de plena liberdade. Por isso é ridículo aceitar ser preso. A primeira fase da interiorização da repressão passa pelo consentimento que se dá às forças repressivas de agir a sua maneira sobre nós.

8. "A ação não-violenta atrai a simpatia, ao contrário da ação violenta, que é imediatamente denunciada." É verdade que na maior parte dos casos a ação não-violenta não será tão estigmatizada quanto a ação violenta. Mas por trás desta denúncia/aceitação, existe todo um sistema midiático e legal que age segundo seus interesses. Se a ação pacífica é melhor apresentada na mídia, é porque ela perturba menos. Não se deve esquecer que *La Presse*, *Le Journal de Montréal*, *Gazette*, *National Post* pertencem aos grandes capitalistas, e estes não desejam ser atacados. Uma ação violenta é por definição incontrolada (por um grupo restrito, bem entendido). Portanto, essa gente quer que as manifestações permaneçam sob o controle das pessoas que não desejam atacar seus interesses. Temos visto muito bem que uma vez que os interesses privados são alvejados (isto é: Conselho do Patronato), a repressão e a cobertura midiática mudam completamente, mesmo quando se trata de uma ação não-violenta. Trata-se portanto de não deixar aos jornais burgueses a tarefa de determinar no nosso lugar o que é certo e o que não é. Vimos em Seattle que as manifestações violentas também atraíram a simpatia de bastante gente em todo o mundo, uma vez que o que se passava dizia respeito ao planeta inteiro e porque os interesses de classe estavam se manifestando. A mídia censurou, denunciou etc., mas a

população (pelo menos uma parte) conservou sua simpatia pelo movimento.

9. "A repressão no caso de uma ação não-violenta só nos pode ser favorável. Caso as autoridades não reagissem, alcançaríamos nosso objetivo; caso as autoridades reagissem, atrairíamos sobre nós a simpatia popular que faria engrossar o movimento." Esta afirmação está longe de ser confirmada pelo passado. Primeiro, deve-se questionar os objetivos. Bloquear durante um dia um prédio governamental (ex: Complexo G) ou tentar bloquear uma conferência qualquer (operação SaIAMI5) não representa uma enorme vitória. São ações sem futuro. Obter verdadeiramente alguma coisa necessita um trabalho mais longo. Evidentemente, se nosso objetivo é bloquear este ou aquele lugar durante um dia, a vitória talvez seja possível. Mas isso faz parecer que as reivindicações dessas ações eram mais importantes... E se as autoridades reagissem e reprimissem a ação, um movimento de simpatia jorraria da população indignada? Não, isso nunca aconteceu. As prisões da operação SalAmi nunca levaram a nada. Tal idéia não é mais do que uma visão espiritual sem ligação com a realidade. Não se deve esquecer que para atrair a simpatia é necessário que as pessoas estejam a par do que está por trás da ação, e isso não é a mídia que vai fazer. Portanto, devem ser as pessoas que participam nessas ações, através de jornais, comitês de mobilização etc., que devem divulgar os motivos da ação.

10. Finalmente, o argumento supremo: "Gandhi e Luther-King" conseguiram mudar as coisas sem violência. Muito bem, muito bem, cita-se fantasmas do passado para justificar nossa ação presente, através desse artifício demagógico. Mas, de fato, o que verdadeiramente mudou? Gandhi conseguiu a libertação da Índia? Primeiro, não foi Gandhi o único que libertou a Índia. Movimentos pacifistas como aquele existiam há um século na Índia: por que teria sido Gandhi o libertador da Índia? A população, inclusive, estava longe de ser unilateralmente não-violenta (ex: Poulandavie [não sei ao certo a ortografia]). A Inglaterra estava, além disso, perdendo uma a uma suas colônias, entre as quais a China, cuja libertação estava longe de ser não-violenta. O custo do sistema colonial estava cada vez mais alto para a Coroa, que não gozava mais

das vantagens do mercantilismo numa sociedade capitalista industrial. Além disso, os grandes burgueses ingleses nunca se retiraram da Índia. Por quê? Simplesmente porque eles sempre foram bem-vindos. Aliás, saindo da Índia, a Inglaterra deixou um presente de grego: a partição do Paquistão, hoje em dia uma ditadura religiosa. É essa então a vitória de Gandhi? Vitória

arrancada enquanto o sistema colonial se desmantelava?

E Martin Luther-King do lado de dentro? Teria sido, ele sozinho, o ator da emancipação dos negros americanos, e de uma maneira não-violenta? Mas se deve lembrar que o bom pastor colaborava com o Estado que o oprimia, e que gentilmente aceitou a repressão violenta dos motins negros em Chicago? Nessa época, grupos como o Partido dos Panteras Negras estavam a caminho de desestabilizar o sistema capitalista e de obter um enorme apoio da juventude de classe média branca, que também se rebelava. O perigo de uma insurreição era bastante real, e Luther-King serviu antes de mais nada para canalizar os mais moderados, e sobretudo os mais conservadores, de modo a impedir uma verdadeira libertação do povo negro e dos outros povos. De qualquer modo, o resultado tem sido pouco expressivo, mais de trinta anos depois. Os negros continuam entre os mais oprimidos na América, e a pseudo-ação de Luther-King não contribuiu para impedir uma libertação mais integral.

Não podemos nos deixar dobrar diante da demagogia da nãoviolência. Esperamos que estes argumentos possam empurrar um pouco seu belo discurso na direção de um abismo insondável.

A PREPARAÇÃO INDIVIDUAL

Antes de tomarmos o caminho em direção a Quebec, abordaremos o sujeito da organização. Não é preciso dizer a importância de uma boa preparação antes do evento, no plano pessoal e também pela mediação de pequenos grupos de afinidade. Esta parte do aspecto estratégico não deve ser negligenciada de modo a se obter uma

força de autodefesa real. (...)

Aqui, neste texto, apresentamos algumas idéias a propósito das necessidades materiais e logísticas.

(...)

RADICALIZE CONSTRUÍDO A RESISTÊNCIA À ALCA E AO ENCONTRO DAS AMÉRICAS

Quebec - Em abril de 2001, a Organização dos Estados Americanos (OEA) organizarão em Quebec o terceiro Encontro das Américas, uma reunião de 34 chefes de Estado que está marcada para discutir a "integração continental". Essa "integração" proposta é de fato uma extensão do NAFTA - o mal afamado Acordo de Livre Comércio da América do Norte - para todas as Américas, com exceção de Cuba.

Do mesmo modo que os organizadores já estão na estrada tentando vender o Encontro para a população local, a oposição já cristalizada e ativa está na maioria das esferas sociais. Uma vez que achamos que os leitores não precisam de mais um artigo dizendo como o capitalismo e a proposta da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) são ruins e destrutivos, este artigo tentará apresentar quem está trabalhando no meio popular em Quebec para organizar a resistência.

I A “OPOSIÇÃO OFICIAL”: OS BUROCRATAS DO “ENCONTRO DOS POVOS”

Como qualquer um que tem acompanhado o movimento de protesto global teria suposto, este Encontro das Américas contará também com um contra-encontro organizado pelas federações sindicais institucionalizadas e grandes ONGs. Várias redes têm trabalhado para realizá-lo já faz alguns anos. Há a "Social Alliance" de

amplitude continental, que é composta principalmente pelas federações sindicais "livres" (como a AFL-CIO e o Canadian Labor Congress) e grandes ONGs (como o Sierra Club).

No Canadá, as principais coalizões são a "Common Frontiers" no Canadá de língua inglesa e a "RQIC" em Quebec (Rede de Quebec de Integração Continental). Essa gente gasta seu tempo tentando ganhar espaço na mesa de negociação, e o principal objetivo deles é conseguir no acordo uma "cláusula social" que defenda direitos sociais e dos trabalhadores. Em geral, conclamando realismo, elas argumentam, como a AFL-CIO e a FTQ⁵² de Quebec, que a globalização é um fenômeno inevitável ao qual devemos nos adaptar. Para algumas delas, a luta já está perdida.

Porém isso não é tudo, uma vez que alguns sindicatos e ONGs menores, assim como a maioria das associações estudantis, tem se organizado em uma coalizão local há meses. Essa coalizão é chamada OQP-2001 (Operação de Primavera de Quebec 2001, em português). Essa coalizão tem por objetivo organizar protestos não-violentos para desmascarar o Encontro e a ALCA. A coalizão OQP-2001 poderia ser realmente interessante uma vez que ela logo adotou uma posição claramente anti-ALCA, porém também mostrou-se, logo no início, ser contra a democracia direta, recusando ter uma assembléia geral soberana, e preferindo no lugar ter uma estrutura baseada em um grupo. Isso aborreceu muitas pessoas da localidade, na medida que deu poder a ativistas profissionais (como por exemplo burocratas sindicais) e representantes de grupos ao invés de deixá-lo com os verdadeiros ativistas que põem a mão na massa. Na medida que os meses passavam, os elementos mais conservadores ganharam uma chuva de votos que estabeleceu o comprometimento da coalizão estritamente com a não-violência, com uma agenda claramente reformista e com a proibição de colaborar com qualquer grupo que não aderisse a uma plataforma estrita de não-violência. De fato, isto era apenas uma pequena parte de uma campanha muito maior de amedrontamento que tinha por fim marginalizar os "radicais" e "anarquistas amantes

⁵² *Fédération des Travailleurs et Travailleuses du Québec* (Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras de Quebec, uma organização sindical). (N.T.)

da paz que atiram pedras" (da forma que uma ativista de Montreal uma vez se expressou).

OS RADICAIS

Onde os anarquistas se encaixam nisso tudo? Bem, inicialmente, o "Groupe Anarchiste Emile-Hemy", afiliado da NEFAC (NorthEastem Anarcho-Communist Federation) em Quebec, era um membro da OQP-2001, mas logo a deixou (logo depois da votação contra a democracia direta). E, para ser honesto, levou um tempo até nos mexermos e começarmos outra coisa.

Contudo, em Montreal as coisas eram um pouco diferentes e andavam muito mais rápido. Uma vez que não havia organização local em andamento, três antiautoritários locais lançaram uma convocatória um ano antes para se formar uma coalizão com o objetivo de "trazer o espírito de Seattle para Quebec em abril". Após algumas longas reuniões, a Convergência Anticapitalista (CLAC) foi fundada. Seus princípios básicos estão em total contraste com a maioria dos outros agrupamentos antiglobalização. Primeiro, ela é radicalmente democrática; segundo, ela é anticapitalista, não-reformista e radical; e, o que é mais importante, ela respeita uma "diversidade de táticas": A atuação da CLAC é absolutamente destacável. Primeiramente, a maioria das suas reuniões teve a participação de cinquenta a cem pessoas, possuindo um núcleo ativo de trinta ativistas, talvez mais. Segundo, ela já provou, na rua, que pode mobilizar um regular número de pessoas. Por exemplo, em outubro ela mobilizou de setecentas a mil pessoas para protestar na reunião do G-20 em Montreal; e também organizou alguns grandes dias de formação popular. Aquele que compareci em dezembro tinha cerca de uma dúzia de oficinas e 150 participantes, talvez mais (é difícil calcular uma vez que sempre havia oficinas acontecendo e pessoas chegando durante o dia inteiro).

Durante um tempo, a CLAC desejou manter laços de trabalho com a OQP-2001, mas isso foi por água abaixo quando a última preferiu não se associar com nenhum grupo que não fosse explicitamente "não-violento". Não é preciso dizer que isso

aborreceu vários anarquistas e outros ativistas radicais. Foi decidido organizar dois eventos públicos em Quebec co-produzidos pela CLAC Groupe Anarchiste Emile-Henry e Le Maquis (um outro coletivo antiautoritário local) para ver o que acontecia. Enquanto isso, o Emile-Henry e o Le Maquis decidiram, na medida que não havia nenhuma oposição radical ao Encontro e que estávamos cada vez menos interessados em atuar na OQP-2001, emitir uma convocatória para a formação de uma coalizão constituída por indivíduos e organizada em tomo dos mesmos princípios da CLAC. Bem, tudo correu muito bem, mais de cem pessoas compareceram em ambos eventos, e cerca de 75 pessoas preferiram se associar ao novo grupo. O Comitê de Boas-Vindas ao Encontro das Américas (CASA) estava fundado.

SOBRE AS AÇÕES

A CLAC e a CASA estabeleceram um relacionamento de trabalho bastante próximo, como se suporia. Ambos os grupos propõem um Festival de Resistência Anticapitalista em Quebec durante o Encontro (entre os dias 20 e 22 de abril) e um Dia de Ação Global Anticapitalista no dia 20. Em Quebec, para assegurar o "respeito por uma diversidade de táticas" que ambos os grupos defendem, iremos propor espaços diferentes de modo que um não atrapalhe o outro. Ambos os grupos estão também convocando uma convergência ativista e uma "consulta" em Quebec em janeiro, de modo a saber o que as pessoas pensam. No que concerne aos reformistas, nenhum deles parece estar ainda propondo o bloqueio do Encontro, e no lugar disso uma manifestação tradicional no dia 21. Como você vê, teremos diversão em abril...

*Nicolas Phebus*⁵³

COMITÊ DE BOAS VINDAS AO ENCONTRO DAS AMÉRICAS (CASA)

⁵³ Morador de Quebec e membro do *Groupe Anarchiste Emile-Henry*.

OBJETIVOS E PRINCÍPIOS

Em abril próximo, 34 chefes de Estado se encontrarão na cidade de Quebec com o objetivo de criar uma zona de livre comércio que se estenderá por toda a América - a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Acelerando a degradação social e ecológica - esses líderes pretendem estender o alcance do capitalismo, sujeitando nossas vidas à dominação da economia de mercado. Diante desta sistemática expropriação de nosso poder político, a resistência é essencial. Em abril de 2001, um "comitê de boas-vindas" estará esperando por eles.

Na ausência de uma oposição popular, radical e anticapitalista ao Encontro das Américas e à ALCA na cidade de Quebec, propusemos a criação do Comitê de Boas-Vindas ao Encontro das Américas. Essa coalizão de indivíduos, da mesma forma que a CLAC (a Convergência Anticapitalista e Montreal), forma-se a partir dos seguintes princípios:

1. Anticapitalismo

Em oposição aos crescentes tentáculos da globalização capitalista, o Comitê de Boas-Vindas ao Encontro das Américas tem por objetivo criar uma plataforma anticapitalista para discussão e ação. Não importa que forma ela tenha tomado na história (liberal, estatista, mercantil, neoliberal, ou mesmo "com um rosto humano"), o capitalismo sempre teve a ver com a dominação das mercadorias sobre os indivíduos. Seguindo a lógica do lucro, o sistema capitalista monopoliza todo espaço social, reduzindo os seres humanos a simples produtores/consumidores, da mesma forma que o meio ambiente se toma somente uma vastidão de recursos prontos para exploração.

2. Antipatriarcado

Na sua origem, o sistema capitalista foi fundado na dominação patriarcal. As relações sociais se entrelaçaram nesses séculos - essa velha ideologia afeta todos os aspectos de nossas vidas. Esse sistema ideológico cria um sistema global baseado na tirania masculina. Quando até mesmo a existência da ideologia é da prática do feminismo é cada vez mais posta em questão, reafirmamos que somente uma compreensão integral da estrutura de opressão nos permitirá visualizar uma sociedade que seja radicalmente igualitária.

3. Recusa da Hierarquia

Está claro que esse projeto, de sociedade radicalmente igualitária, só pode se realizar na ausência de processos hierárquicos. Não denunciaremos apenas todas as formas de servidão e exploração de indivíduos, grupos e pessoas, mas também acreditamos que devemos pôr em prática este princípio básico no interior dos próprios grupos de resistência e em nossas atividades diárias. Conseqüentemente, a CASA apresenta uma oposição radical ao Encontro das Américas e a processos similares se organizando de modo antiautoritário. Aglutinando indivíduos, o Comitê de Boas-Vindas é estruturado em torno de uma assembléia geral democrática e aberta com poder de decisão. Qualquer um em acordo com os valores e princípios da CASA são conclamados a participar ativamente de acordo com suas respectivas afinidades.

4. Autonomia

Pretendendo criar o maior número de relações possíveis, com o objetivo de fortalecer redes de resistência, a CASA é autônoma em relação a todas as formas de autoridade (partidos, sindicatos etc.). Recusamos organizar nossas ações na expectativa de seu eventual impacto na mídia, o que consideramos ser uma forma de submissão voluntária e sujeição.

5. Não-Reformismo

É dentro da perspectiva de uma radical transformação da sociedade que a CASA adota uma atitude de confronto e rejeita alternativas reformistas, como tentar influir nas decisões dentro da estrutura de negociações dos acordos de livre comércio. Consideramos que essas estratégias não são capazes de ter um impacto positivo, e excluimos o uso desses tipos de processos antidemocráticos.

6. Diversidade de Táticas

Respeitando uma diversidade de táticas, a CASA apóia o uso de uma variedade de iniciativas criativas, que vão desde a formação popular à ação direta.

Apoiando esses princípios, o Comitê de Boas-Vindas ao Encontro das Américas pretende construir uma radical e decidida oposição ao capitalismo e a seus lacaios que estarão se reunindo na cidade de Quebec para negociar a ALCA. O Encontro das Américas ocorrerá em meio a um

Carnaval de Resistência que aglutinará vários movimentos sociais, e no qual a CASA pretende desempenhar um papel ativo. Embora espere ver o capitalismo destruído pela eclosão de um novo movimento revolucionário, a CASA pretende arruinar a ALCA e perturbar o poder dos líderes das Américas. Qualquer um que concorde com estes princípios, e que deseje preparar "calorosas e cuidadosas boas-vindas", são conclamados a

participar.

Participantes do Black Block no Canadá, através da coalizão criada para a data chamada CLAC, fizeram um grande trabalho nos meses anteriores ao Encontro das Américas para que a população local de Quebec apoiasse os manifestantes e para esclarecer o que seria a ALCA.

o governo canadense evacuou um presídio para que ali coubessem seiscentos manifestantes presos, construiu uma cerca com três metros de altura, base de concreto e quatro quilômetros de perímetro em torno do local do encontro, e montou a maior operação policial da história do Canadá.

Mais uma vez os donos do mundo se reuniam em meio a uma verdadeira batalha.

Em Quebec, cerca de 30 mil pessoas foram às ruas. Trinta latas de gás lacrimogêneo, lançadas por minuto, 4.709 latas ao todo, e 822 balas de plástico atiradas pela polícia não impediram que manifestantes conseguissem derrubar parte da cerca e atravessar por alguns momentos o perímetro proibido. Um homem foi atingido na garganta por uma bala de plástico e perdeu sua voz para o resto de sua vida. Prisões políticas foram efetuadas com acusações forjadas, como o caso do anarquista Jaggi Singh, um visado articulador que foi solto pela pressão popular. Ele havia sido acusado de estar de posse de uma arma, uma catapulta. Na verdade a catapulta foi construída e usada pelo Bloco Medieval (um bloco um tanto criativo e surrealista), que a usou para atirar ursinhos de pelúcia por sobre o muro da vergonha.

Protestos contra a ALCA aconteceram dia 20 de abril em todo o continente, inclusive no Brasil, em algumas cidades. Em São Paulo 2 mil estudantes e libertários se manifestaram na Avenida Paulista, com destaque à repressão policial.

O BLACK BLOCK EM QUEBEC: UMA ANÁLISE

A MÍDIA, O ESFORÇO E A COMUNIDADE LOCAL

A lição mais importante de Quebec é a de que não se pode conceber um movimento radical, como o nosso, sem que se desenvolva e se cultive fortes relações com as comunidades nas quais nos encontraremos. É verdade que o povo de Quebec tem uma história de resistência contra a autoridade e de batalhas urbanas, mas a participação maciça da população local nos confrontos dos dias 20 e 21 não pode ser somente atribuída a esse fator. Como grande parte da ação aconteceu na vizinhança de St. Jean-Baptiste ou nas áreas ao seu redor, houve uma recepção calorosa para o Black Block e outros. Muitos moradores locais abriam as portas de suas casas, ofereciam água e vinagre, e muitas vezes eles mesmos tomavam as ruas. Isso ocorreu devido, em grande parte, ao trabalho de relações públicas realizado pelo CLAC e pelo CASA, como também pelos anarquistas locais. Não devemos nos enganar: se não fosse pela participação em massa dos moradores locais, a polícia não teria tido muitas dificuldades em controlar, e eventualmente dispersar, o que teria sido um grupo de militantes anticapitalistas bastante isolado.

Isso leva a outro ponto, o qual muitos pensam que já foi esclarecido, mas recentemente isso foi refutado por outros tantos. Não devemos esperar nada da mídia corporativa e não devemos mudar as nossas táticas ou ações para satisfazê-la. Deveríamos, em vez disso, tratá-la como aliada do capital, e portanto nossa inimiga. Isso não quer dizer que eles não sejam capazes de escrever artigos pertinentes sobre revolucionários: de fato, muitos artigos da imprensa de Quebec sobre o Black Block estavam muito bons. De qualquer maneira, parece que os jornalistas só estão interessados em pesquisar e evitar repetir as desinformações que a polícia passa, depois que eles são transformados em alvo pelos manifestantes e avisados que as mentiras e desinformações não serão toleradas. Felizmente, essa mensagem parecia estar clara aos participantes do Black Block em Quebec, já que os manifestantes se negavam a tirar fotos, faziam parar as filmagens, tiravam as máquinas fotográficas e os filmes quando conseguiam pegá-los, e miravam todo e qualquer veículo midiático que cruzasse o seu caminho.

A propaganda promovida pelo CLAC/CASA e pelos anarquistas de Quebec,

distribuindo dezenas de milhares de jornais e panfletos, muitas vezes de porta em porta, foi bem-sucedida em conter o medo da polícia e da mídia, e certamente mudou a dinâmica do manifestante/morador local do medo para a solidariedade. Este é o exemplo mais claro de que nossas energias não deveriam, como muitos esquerdistas pequeno-burgueses pensam, ser direcionadas em manter uma “boa” relação com a mídia corporativa, mas em lutar contra ela e ao mesmo tempo desenvolver e criar laços e relações com as pessoas, além de reforçar nossos próprios projetos de mídia.

(...)

A eficiência do Black Block foi, sem dúvida, relacionada ao quão bem-equipado ele estava. Muitos tinham apenas o básico, como a máscara de gás e os óculos, mas muitos também estavam equipados com capacetes, escudos, luvas, tesourões, cordas, pás, ganchos... sem mencionar a enorme quantidade de bastões e discos de hóquei. Provavelmente foi o Black Block mais bem-equipado em toda a história norte-americana. Evidentemente, isso fez com que as pessoas resistissem melhor aos ataques de gás lacrimogêneo e balas de borracha ou, como aconteceu algumas vezes, brigassem de igual para igual com a polícia. Isso teve como consequência cenas como as que aconteceram no perímetro de atuação do Black Block: manifestantes caçando policiais ou, nos cruzamentos, centenas de pessoas atacando as linhas de formação policiais.

(...)

O vasto e crescente apoio ao Black Block e suas táticas ficou bem claro em Quebec, já que foi recebido com aplausos por onde passou, e recebeu palavras de incentivo e comemoração, fosse de moradores locais ou de outros manifestantes. Isso era em grande parte devido ao fato de que quase toda a atenção e energia estavam voltadas para o perímetro da cerca, que muitas pessoas já vinham pensando em derrubar. E mesmo as táticas militantes (molotovs, pedras e confronto direto) eram super bem-recebidas.

Houve uma exceção. Isso aconteceu quando o Black Block destruiu completamente os escritórios do banco CIBC, quebrando janelas e botando fogo no interior. Assim que a ação começou, muitos membros da SaAMI começaram a se

meter no caminho, alguns interviram fisicamente, uns vaiaram, e teve um que espirrou spray de pimenta num black blocker. Muitos alegavam que a única razão de apoio ao Black Block era a destruição de propriedade, e esse incidente mostra que ela não é uma tática aceita. Isso é simplesmente falso, e é importante deixá-lo bem claro. Enquanto o Black Block estava focado na derrubada da cerca, houve um "mínimo" de destruição de propriedade. Vários bancos, um posto da Shell, um restaurante Subway, vários veículos da mídia convencional e pelo menos um carro policial. Todas essas ações ocorreram numa área com muita gente e a única vez que teve alguma resposta negativa foi com os autoritários da SalAMI, que se negaram a trabalhar com o *CLAC/CASA* (dois coletivos integrantes do Black Block), precisamente pela divergência dos meios e das táticas.

*Coletivo Barricadas
(Barricadas – 7 de Maio de 2001)*



O Cerco de Gênova
Julho de 2001



Mais um 1º de maio passou, o de 2001. Dessa vez a autoridades inglesas empacotaram a estátua de Winston Churchill em uma caixa de madeira, como se ela fosse ser transportada de navio.

Ainda no primeiro semestre de 2001 o FBI anuncia o nome de uma "organização" que entra agora nos seus registros como grupo terrorista: *Reclaim The Streets*. Eles são agora considerados oficialmente uma ameaça aos Estados Unidos. O governo do Taliban está em moda, dançar na rua é ato de terrorismo também nos EUA.

Em junho haveria um encontro do Banco Mundial e do FMI em Barcelona. Seria Praga multiplicada por dez. Se em Praga havia sido impossível realizar o encontro, o que diria em Barcelona, cidade que guarda uma história de insurreições e com tradição de movimentos de contestação até os dias de hoje.

Pois bem, o Banco Mundial e o FMI cancelaram por antecipação a reunião. Mesmo assim mais de 10 mil pessoas foram às ruas de Barcelona. Lá se viu muita brutalidade policial e algumas táticas policiais que seriam empregadas novamente em Gênova, em julho: policiais infiltrados perseguiram e batiam em manifestantes com pedaços de pau e outros instrumentos. Indiscriminadamente, qualquer manifestante era alvo da polícia.

Dia 15 de junho, Gotemburgo, Suécia. A reunião da União Européia enfrenta

protestos. A polícia é sueca, mas é polícia. Os manifestantes tentam defender seus tais direitos civis e de expressão. Durante a repressão de uma "Reclaim The Streets" um policial atira covardemente em um jovem de 19 anos, Hannes Westberg, que ficou em estado grave e teve um rim e seu baço retirados.

Barcelona e Gotemburgo em junho iriam antecipar em menor escala o que viria a acontecer em Gênova no mês seguinte. Tiros para matar, policiais infiltrados perseguindo e batendo em manifestantes e uma repressão inaudita. Sim, a polícia está globalizada, suas táticas foram planejadas centralmente e unificadas.

Um mega esquema policial foi montado em Gênova para proteger os líderes dos oito países mais ricos do mundo mais Rússia. Uma cerca no estilo Quebec foi também montada para proteger o G-8. Mísseis terra-ar contra supostos terroristas foram instalados. Mais de 20 mil policiais se encontravam na cidade.

O Governo e a mídia queriam um mega distúrbio de rua. E tiveram, o maior desde Maio de 68 na Europa.

No dia 20 de junho cerca de 250 mil manifestantes estavam nas ruas de Gênova, e muitos outros milhares nas ruas do mundo.

A intenção em Gênova era atravessar a cerca, entrar na zona vermelha.

A polícia batia em todos indiscriminadamente e lançava gás lacrimogêneo até de helicópteros. Policiais vestidos de manifestantes e de jornalistas foram vistos. Muitos diziam que a polícia atacava somente os manifestantes "pacíficos", deixando os destruidores de propriedade fazerem seu trabalho em paz. Havia de fato policiais infiltrados simulando o que seria um Black Block, assim como grupos de "hooligans" e neonazis que se engajavam em quebra-quebras, acordados anteriormente com a polícia⁵⁴. Mas é difícil saber em que medida se tratava de "verdadeiros" manifestantes ou de policiais e neonazis infiltrados.

⁵⁴ Segundo informações divulgadas pelo jornal italiano *Serolo 21*, um documento secreto da polícia da Itália admite a participação de radicais de direita nos protestos em Gênova. O objetivo desses homens (entre eles, pelo menos 25 membros do grupo italiano *Forza Nuova*) teria sido o de atacar as forças de segurança e, com isso, pôr a polícia e a opinião pública contra a esquerda. O ex-comandante da polícia local de Gênova, Francesco Colucci, demitido após a ação policial nos protestos de 20 e 21 de Julho, confirmou diante do Comitê Parlamentar que investiga os eventos relacionados ao G-8, e a existência de neonazistas infiltrados nos protestos de Gênova. Colucci indicou, inclusive, o número preciso de infiltrados: cerca de seiscentas pessoas.

A polícia jogava seus carros em cima da multidão. Carlo Giuliani, de 23 anos, levantou um extintor ameaçando atirá-lo contra um desses jipes da polícia. O policial de 21 anos não hesitou em atirar na cabeça de Carlo Giuliani. O jipe parou, deu ré e passou por cima de Carlo Giuliani, morador de um *squat* de Gênova. O jipe arrancou para a frente passando mais uma vez em cima do corpo de Giuliani. O assassinato de Giuliani foi um símbolo da repressão fascista da polícia italiana, do governo Berlusconi, do G-8, e dos interesses capitalistas que eles representam.

Em mais de duzentas cidades ao redor do mundo (inclusive algumas no Brasil) aconteceriam atos de protesto contra a repressão fascista ocorrida em Gênova e o assassinato de Giuliani. Matam um, levantam milhões!

Na madrugada do dia 21 para o dia 22, a polícia de Gênova invadiu a sede do Centro de Mídia Independente e do Fórum Social de Gênova (uma coalizão de entidades com teor socialdemocrata). As pessoas que se encontravam lá foram brutalmente espancadas, dezenas foram retiradas de maca, algumas em estado gravíssimo. Documentações foram roubadas e equipamentos destruídos. Os que não foram direto para o hospital foram direto para a cadeia.

Na prisão os detidos sofriam torturas físicas e psicológicas e violações de todos os tipos. Eram obrigados a gritar "Viva il Duce" (Viva Mussolini), fato que demonstrava a natureza fascista da polícia italiana e dos comandantes das corporações. Carlo Giuliani foi um símbolo dessa repressão sem precedentes dentro dos dias de ação global contra o capitalismo.

A invasão à escola Diaz e ao Centro de Mídia Independente e as cenas deploráveis de fascismo explícito que se seguiram, juntamente com a morte de Giuliani e toda a repressão nos dias de protesto, levaram a uma forte solidariedade internacional, de estudantes a estivadores⁵⁵, a fim de libertar os presos e não deixar os fascistas do governo italiano em paz.

⁵⁵ "Um navio cargueiro italiano da companhia d'Amico Compagnia di Navigazione teve problemas para aportar e desembarcar mercadorias nos Estados Unidos. Motivo: protestos contra a violência policial em Gênova. O navio que faz transporte de cargas entre portos tentou aportar em Portland, mas um piquete organizado pelos estivadores impediu que o navio atracasse. Depois, o navio tentou aportar em Oakland, mas novamente foi bloqueado por protestos. Há uma movimentação nacional para impedir esse navio de atracar e descarregar. O dono da companhia, o empresário Antonio d'Amico, é simpatizante e financiador da campanha de Silvio Berlusconi" (notícia veiculada em www.midiaindependente.org).

Gênova marcou também uma criminalização especial do Black Block. Ser integrante do Black Block significava agora ser oficialmente um criminoso para as autoridades. Possuir roupas pretas legalmente passava a ser o mesmo que estar de posse de uma arma. Por outro lado, boa parte dos manifestantes liberais e da esquerda institucionalizada (ONGs, partidos etc.) intensificou suas críticas destrutivas ao Black Block. Polícia e liberais / esquerda convergiram coincidentemente em um discurso de criminalização e isolamento dos "radicais".

CONTRA A CRIMINALIZAÇÃO DO BLACK BLOCK

(...)

No dia 19 de junho, depois de Gotemburgo, os *Tute Bianche* de Bolonha e o coletivo Wu Ming⁵⁶ colocaram em circulação um documento intitulado "Para o Cerco do Black Block". Aqui está!

O Black Block não é uma invenção absurda. Não deveria ser trivialmente associado a vandalismo e devastação irracional. É uma rede informal de grupos de afinidade, principalmente - mas não exclusivamente - de anarquistas, e que se estende por toda a América do Norte e Europa Continental. Estão ativos há anos elaborando estratégias e táticas, e estão dispostos a transformá-las de acordo com o contexto, as alianças e os objetivos. Deveria estar claro que até agora o Black Block não se manifestou na Itália. Como a recente história do movimento demonstra, o Black Block não é estático e pode adotar diversas táticas e buscar "fertilização-cruzada" como fizeram em Quebec, durante as mobilizações contra a ALCA. (...) Eles até escolheram

⁵⁶ Wu Ming é um laboratório de design literário, gerido por um coletivo de agitadores da escrita, que se constituiu como uma empresa independente de "serviços narrativos": Os fundadores de Wu Ming são Roberto Bui, Giovanni Cattabriga, Luca Di Meo, Federico Guglielmi (membros do Luther Blissett Project no quinquênio 1994-99 e autores do romance Q, também disponível no sítio www.sabotagem.cjb.net) e Riccardo Pedrini (autor do romance *Libera Baku Ora*), todavia os nomes anagráficos pouca importância têm, tanto que em mandarim wu-ming significa "nenhum nome". (N.T.)

usar símbolos e práticas dos Tute Bianche (escudos, linha de posicionamento, capacetes etc.) e cooperaram com outros grupos de afinidade nas ruas.

Em Gotemburgo, o Black Block decidiu fazer uma ação conjunta com os Tute Bianche, incluindo os manifestantes mais pacíficos. Os problemas começaram quando a imensa maioria dos porta-vozes e dos coordenadores foram "preventivamente" presos durante os distúrbios na noite de quinta-feira. Na manhã seguinte, a polícia dividiu a manifestação ao meio e isolou uma de suas metades, a qual foi rotulada de "Black Block": Esses manifestantes só podiam se defender da polícia atirando pedras, e algumas vitrines foram quebradas [...]. O ápice da violência policial ocorreu durante um momento aparentemente pacífico: na noite de sexta, quando a polícia cercou um parque onde centenas de jovens haviam organizado uma festa *rave*. Eles atacaram os *ravers*, os quais tentaram resistir "inapropriadamente", então a polícia começou a atirar. Certamente, a *rave* não foi organizada pelo Black Block. Seus integrantes são ativistas políticos, podemos discordar de sua prática e teoria, mas não podemos chamá-los de pitbulls sem cérebro procurando destruir tudo e todos. E mais, eles são mais criativos do que muitos pensam: há alguns meses, o Black Block se dividiu numa manifestação em Buffalo, entrou num bairro pobre e começou a recolher o lixo. Quando os jornalistas perguntaram que diabos eles estavam fazendo, responderam: "Vocês disseram que transformamos a cidade em lixo, então decidimos recolher o lixo!"

Estamos testemunhando uma séria tentativa de criminalização desta fração do movimento. Recusamos nos salvar em detrimento do Black Block... nós reconhecemos o Black Block como uma legítima parte do movimento e recusamos qualquer distinção entre "bons manifestantes" e "maus manifestantes".

Tute Bianche de Bolonha/ Coletivo Wu Ming

GENOVA, ITÁLIA: UM RELATO

Não foi fácil escolher a melhor maneira de escrever e expressar o que aconteceu em Gênova. Eu e dois outros companheiros chegamos em Gênova no dia 12, sendo uns dos primeiros a chegar na cidade, portanto há muito que recordar, embora também tenhamos passado muitos momentos de expectativa e de árdua paciência. Este é um relato pessoal, baseado na memória, e devido a tudo que aconteceu na semana alguns detalhes podem não estar exatos, mas no meu entendimento, no geral, ele está acurado.

Alguns comentários marginais: eu achei deprimente a pouca solidariedade demonstrada com aqueles no Black Block e a caça a "anarquistas" como a caça às bruxas em Salem em New England durante o século XVIII. O fato é que o "Black Block" era constituído por milhares de dedicados indivíduos, nem todos anarquistas ou estrangeiros, que se concentravam em certos alvos e praticavam autodefesa, e não uma "violência sem sentido": Como participante do Black Block, o sentimento era de que estávamos nos protegendo. O Estado utiliza qualquer meio que puder para lutar, nos silenciar e nos reprimir, conseqüentemente utilizamos qualquer meio disponível para nos protegermos contra a brutalidade e a repressão. Não vou dizer que o Black Block não erre, mas toda a propriedade independente que vi destruída foi obra de provocadores da polícia, sendo que a polícia estava se pondo em confronto o máximo que podia. A verdade é que tanto a manifestação com uso da força quanto a manifestação pacífica são necessárias. Gênova não foi um distúrbio de rua, foi uma batalha contra o capitalismo e o G-8, por este ser representativo da exploração e da repressão. Nenhum movimento jamais foi bem-sucedido sem uma diversidade de táticas ou o respeito e espaço para os meios de expressão e de luta de todos contra este sistema corrupto e brutal. Pode-se encher muitas páginas com exemplos, comentários e referências históricas, portanto irei parar por aqui. Mas fique sabendo que esses Black Blocks não irão desaparecer, afinal de contas há uma revolução pela qual se lutar.

Fiquei assombrado com a diversidade de pessoas que se juntaram, seja em idade, conhecimento etc., para formar esse bloco ofensivo, especialmente pela quantidade de mulheres e o respeito e a igualdade que foram demonstrados em relação a elas. Por ser dos EUA, era reanimador ver uma cultura de resistência que não marginaliza as

mulheres participantes, e que por consequência as deixavam mais à vontade para assumirem papéis de liderança. Fiquei feliz em encontrar grande quantidade de mulheres militantes e dedica das que se sentiam bem-vindas, participantes e à-vontade para participarem com o máximo de aceitação. Fiquei feliz de ver também a quantidade de sindicatos militantes envolvidos (a CNT) nas manifestações. Outra coisa interessante que achei foi a média de idade, cerca de trinta anos, e os rostos não eram em geral daqueles que se costuma chamar de homens brancos. Também fiquei desapontado com a resposta americana aos eventos que ocorreram em Gênova, principalmente a invasão da escola, considerando que essa informação não foi mencionada em nenhum jornal dos Estado Unidos ou em outra mídia.

Começarei então na primeira reunião dos revolucionários e anarquistas que haviam chegado em Gênova.

DIA 16 DE JULHO

Foi decidido, após a visita a um dos centros sociais da localidade (um galpão ocupado) chamado Pinelli⁵⁷, que era hora dos internacionais que queriam operar fora das diretrizes do FSG (Fórum Social de Gênova) se juntarem e começarem a se organizar. Os anarquistas italianos, durante nossa noite no Pinelli, deram a entender que não tinham feito quase nada para organizar e planejar os dias de ação, além da passeata pacífica sindical planejada para a tarde do dia 20. Nem é preciso dizer que a maioria dos internacionais radicais - "terroristas", "hooligans", ou seja lá qual for o termo mais popular da semana usado pela mídia corporativa estava ansiosa para ter certeza que os dias de ação seriam os mais produtivos e efetivos possível.

Às nove da noite no estádio Carlini aconteceu a primeira reunião. Eu e um companheiro fomos os moderadores, porém nós e as outras cerca de 150 pessoas achamos que era preciso um sistema melhor para se discutir a agenda, uma vez que

⁵⁷ Dois meses depois dos protestos contra o G-8 em Gênova, isto é, no dia 19 de setembro, o Centro Social Pinelli foi queimado por consequência de uma bomba incendiária lançada contra ele. Nesse dia, a polícia realizou uma operação policial em toda a Itália, englobando vinte cidades, invadindo cem locais utilizados por ativistas, principalmente anarquistas, confiscando materiais e levando pessoas para interrogatórios. (N.T.)

nossos números cresceriam drasticamente na medida que os dias 20 e 21 se aproximassem. Decidimos por uma espécie de estrutura com delegados, onde todos estariam presentes em uma assembléia geral que faria a agenda, e posteriormente nos separaríamos em grupos de afinidade para discuti-la. Então um delegado de cada grupo de afinidade seria enviado a uma reunião de delegados, onde algum tipo de consenso seria alcançado, e finalmente esse consenso seria trazido de volta a todos para se chegar a alguma forma de consenso final. Certamente essa não é a estrutura mais perfeita do mundo... mas, como descobrimos mais tarde, quanto maior o número de pessoas, maior é a dificuldade de se fazer as coisas e seguir adiante.

Na primeira reunião de delegados discutimos se seria melhor mudarmos do Carlini, já que ele era o centro designado para o bloco de desobediência civil, isto é Tute Bianche / Ya Basta!, e existiam e existem diferenças políticas e táticas sérias entre nós - os esquerdistas mais revolucionários e anarquistas - e os Tute Bianche. Os europeus presentes nessa reunião de delegados me impressionaram ao declararem que os Tute Bianche agiam para a mídia, que estavam se tornando bastante reformistas, que não iam até o fim com seus "ataques" e muitas vezes interferiam nas táticas dos Black Blue Blocks. Após os dias de ação eu acabaria concordando de corpo e alma com a maior parte do que foi dito deles.

Decidimos então sair do estádio Carlini e estimular todos os revolucionários que chegavam a ficarem no estádio Sciorba, uma quadra de distância do Pinelli, onde decidimos que nossas reuniões diárias ocorreriam às oito da noite. Sciorba parecia ser um bom lugar para ficar já que era muito próximo ao Pinelli. Começamos então a rascunhar um convite aos anarquistas que estariam chegando nos próximos cinco dias, de modo que soubessem para onde ir para ficarem por dentro das coisas e conseguirem informações corretas. Nesse convite também incluímos o porquê de estarmos separados do FSG. Não queríamos restrições na nossa organização e tática. Uma das cláusulas principais do FSG que nos levou a rompermos com eles era de que "não deveria haver bastões, pedras, fogo". Embora não tenhamos mencionado especificamente isto no nosso texto, colocamos aquilo para ilustrar a tentativa do FSG de definir, impedir e controlar as táticas de todos os grupos que protestariam - e como

descobrimos mais tarde - e usar isso para isolar e afastar os manifestantes "maus", abrindo caminho para a polícia cuidar deles. Discutimos então as necessidades de equipamento, comunicação e estudo da zona vermelha. Os delegados dividiram as informações que tinham sobre os lugares onde era possível comprar máscaras de gás e outros materiais na cidade, e um delegado que por acaso era um soldador se ofereceu para conferir a cerca. Então dissolvemos a reunião e levamos nossas decisões de volta aos nossos grupos de afinidade.

DIA 17 DE JULHO

"Ofensiva Internacional de Gênova (OIG). Por que nos juntamos? Queremos invadir a zona vermelha porque rejeitamos a legitimidade do G-8, uma vez que ele é baseado na divisão das nações e no sistema capitalista. Não queremos ser limitados pelas diretrizes do FSG. O Estado usa todos os meios disponíveis contra nós, portanto usaremos todos os meios disponíveis para lutar contra ele. Criamos a Ofensiva Internacional de Gênova para nos organizarmos nos nossos próprios termos. Queremos trabalhar estreitamente com grupos e organizações italianas de modo a alcançarmos os resultados mais efetivos nos dias de ação. Onde? (Ônibus 48) O estádio Sciorba será usado como um centro anarquista para pernoite. Esteja avisado de que este é um espaço sancionado pelo FSG, aberto a todos, não somente para anarquistas. Durante o dia, Pinelli (ônibus 12 em direção à Via Turati ou 12 listrado, em direção à Piazzale Kennedy ou 14, em direção à Via Dante. Salte quando ver um posto de gasolina IP na direita, atravesse a ponte e vire à esquerda, (pergunte ao motorista pelo Sciorba ou canile quando saltar) será o centro de coordenação anarquista. Sugerimos a todos os recém-chegados que durmam no estádio Sciorba. Os anarquistas que estiverem em Gênova são bem-vindos para dormirem aqui. As reuniões anarquistas diárias ocorrerão às oito da noite no Centro Social Pinelli (tel: 010-8352-6668) ns! 3 Via Pinelli (formalmente 9b Via Adamoli) nordeste de Gênova, bairro Molassana" (Este foi o convite que usamos).

Levantamos e nos dirigimos ao Centro de Midia, onde passamos toda a manhã e

a maior parte da tarde traduzindo o convite da Ofensiva Internacional de Gênova para o polonês, alemão, francês, espanhol, inglês e italiano. Um grupo de cerca de seis de nós fez grandes cartazes, cerca de dois ou três em cada língua, e nos separamos para afixá-los nos locais de pernoite, no Centro de Mídia e no espaço de Convergência. Dai quatro de nós, delegados da OIG, fomos à reunião do Pink Block⁵⁸ para convidar alguém deles à nossa reunião naquela noite, e deste modo ver se talvez os dois blocos pudessem porventura se coordenar. Porém, durante nossa fala descobrimos que alguém com o emblema do FSG tinha arrancado do mural de informações do Centro de Convergência todos os nossos cartazes-convite do OIG. Isso para mim, e para alguns outros, era a gota d'água e nos levou a ver - como eu certamente passei a acreditar após o desenrolar de alguns eventos futuros - o FSG como mais um adversário.

A segunda reunião começou cerca de oito e meia no Pinelli. A quantidade de pessoas em relação à última reunião havia dobrado, e mais traduções eram necessárias, de modo que a assembléia geral durou cerca de duas horas, muitas vezes com debates e discussões irrompendo. Foi quando um flash surgiu, um homem estava usando sua câmera e tirando fotos da reunião. Pediram imediatamente que ele parasse, e gritaram e berraram com ele. Mas o homem, provocando, tirou mais uma foto. Então três grandes redskins de Paris tomaram sua câmera e o acompanharam para fora do recinto.

Quando a agenda foi finalmente fixada - o dia 20, proposta para o Pink Block, materiais, inspeção do perímetro, segurança, coordenação com o Immensa (um outro centro social fora de Gênova), e solidariedade na fronteira e na prisão -, os grupos de afinidade se separaram para discutir as idéias. Os delegados se reuniram cerca de onze e quinze da noite, e foi uma confusão. Havia muita tensão entre os anarquistas italianos do Pinelli e nós, os internacionais, pelo fato deles terem programado essa passeata com os sindicatos do lado oeste da cidade no dia 20, longe da zona vermelha, e muitos de nós queriam começar as ações contra o G-8 e a zona vermelha na manhã do dia 20. Após alguma gritaria conseguimos chegar a uma paz, uma decisão um tanto simples, embora tenha levado meia hora de debate para chegarmos nela. Aqueles que

⁵⁸ Depois do S26 tomou-se constante a presença do Pink Block (o bloco rosa) nessas manifestações, formado por pessoas que se engajam de uma forma não-confrontacional, ou "não-violenta", em geral utilizando teatro de rua, música, festa etc. (N.T.)

queriam participar da passeata participariam dela, e aqueles que não queriam se engajariam em ataques no dia 20, mas estaríamos todos solidários e juntos no dia 21.

Uma proposta para ser levada ao Pink Block no dia seguinte foi esboçada, e consistia em começarmos nossas passeatas juntos no dia 20. Ela também fez levantar a oposição dos anarquistas gregos (os quais, na minha opinião, são extraordinários), que queriam ver "anarquistas na frente, atrás, em toda parte, por que precisamos do Pink?". Mas o consenso geral era levar essa proposta e se juntar ao Pink na manhã do dia 20, e dependendo da nossa quantidade numérica nos separarmos deles e alcançarmos a zona vermelha.

Já estava se aproximando de uma da madrugada e estávamos ficando cansados e nervosos, então rapidamente rascunhamos uma lista de materiais e suprimentos necessários e cada grupo ficou responsável de conseguir os seus. A lista foi afixada dentro do Pinelli de modo que as outras pessoas saberiam o que procurar nos próximos poucos dias.

Nossa decisão final como grupo foi não ter um local de pernoite fixo: as pessoas decidiriam elas mesmas se preferiam ficar onde estavam, e os que chegavam decidiriam onde pretendiam ficar. Acabou acontecendo uma migração constante entre os dois lugares onde a maioria das pessoas ficaram: um parque chamado Albaro em frente ao mar, e um estádio fora da cidade, a leste.

DIA 18 DE JULHO

Meus companheiros e eu acordamos e seguimos ao Centro de Mídia para apanhar qualquer informação nova e subir ao andar da Mídia Independente para tomar café. Portanto tínhamos algumas horas para tomar um rápido café e descansar.

Nós, meus companheiros e eu, havíamos chegado em Gênova no dia 12, e desde então a cada dia a cidade se tomava mais parecida com uma zona militar. A cada dia mais vans, ônibus, carros e tanques da polícia enchiam as ruas, helicópteros voavam sobre a nossa cabeça, usando durante a noite, refletores com uma luz branca ofuscante, direcionados às pessoas que caminhavam nas ruas.

A reunião do Pink Block foi tão tensa e houve tanta discussão quanto na nossa da noite anterior. Trouxemos nossa proposta, mas descobrimos que o Pink Block - que tinha originalmente um princípio de "não-uso pró-ativo de molotov, bastões e pedras" mas que praticaria a autodefesa - havia sido tomado por militantes pacifistas, fazendo a reunião sucumbir em um longo debate sobre violência/não-violência. Então nós, os quatro de nós lá, decidimos que por enquanto fazer algo junto com o Pink Block não seria boa idéia, embora eles estivessem enviando delegados à nossa reunião naquela noite.

Nós quatro tomamos nosso caminho e abordamos a COBAS⁵⁹, um sindicato comunista mais radical. Propusemos nos juntarmos a eles na passeata do FSG dividida em facções. As mulheres com as quais falamos pareceram ter gostado da idéia, e nos pediram que comparecêssemos à reunião deles às seis da tarde no Centro de Mídia. Seguimos dali para lá, as perdemos de vista e não encontramos reunião nenhuma em parte alguma. Tomamos nosso caminho de volta ao Centro de Convergência para a reunião de comunicados, mas a essa altura já era próximo das sete e meia, e esperamos assim o ônibus para voltarmos ao Pinelli.

A reunião começou às oito e meia e novamente o número de participantes havia dobrado. A pauta foi fixada: discutir com qual grupo nos juntaríamos e marcharíamos no dia 20; listar quais materiais haviam sido conseguidos; e, para ser honesto, minha memória pára por aqui, já que basicamente a reunião acabou em discussão e debate até cerca de uma da manhã, hora em que todos decidiram se reunir novamente no dia seguinte às nove da noite no Centro Social Immensa, fora da cidade. Meu pequeno grupo de companheiros e eu caminhamos então até o Sciorba para dormir

DIA 19 DE JULHO

Eu acordei cedo e fui a pé até um pequeno shopping center para comprar máscaras de pintor, óculos de proteção e capacetes, assim como um café da manhã,

⁵⁹ Comitati di Base (Comitês de Base), organização sindical italiana. (N.T.)

enquanto meus companheiros dormiam.

Três dias antes, quatro pessoas foram presas comprando máscaras de gás, portanto não é preciso dizer que a viagem de compras na qual embarquei foi um pouco tensa, mas tudo terminou bem.

Retomando ao Sciorba, guardamos as coisas e fomos ao Albaro, onde dormiríamos e teríamos uma pequena reunião com alguns redskins franceses e anarquistas gregos e alemães. Chegamos em Albaro e nos sentimos em casa, com muitas bandeiras pretas e vermelhas e adesivos da CNT.

A reunião das duas da tarde acabou ficando grande, porque incluiu representantes de quase todos no acampamento, e finalmente, após quatro dias de reuniões, decidimos que no dia 20 marcharíamos com a COBAS. Decidimos que aqueles que estivessem ficando no acampamento de Albaro se encontrariam às dez horas da manhã seguinte e se juntariam à marcha da COBAS quando ela passasse às dez e meia, e posteriormente se encontrariam com outros participantes do Black Block ao meio-dia na Piazza Paolo da Novi. Também decidimos que seria melhor, caso fosse preciso uma reunião à noite, que ela fosse feita em Albaro às dez da noite, em vez de viajar cerca de uma hora até o Immensa, já que a maioria das pessoas estava planejando não comparecer à reunião por causa da distância. Às quatro da tarde nos reunimos, deixamos o acampamento e entramos na passeata pelos direitos dos imigrantes. Nela começamos a divulgar no boca a boca os planos para o dia seguinte. Naquela noite, quando retomamos ao local do acampamento, um sistema de segurança/vigilância foi estabelecido para o caso de uma incursão policial. (O quartel dos carabinieri⁶⁰ ficava a cerca de duas quadras do acampamento, fortificado em cima de uma colina em frente à estrada principal, à beira-mar e dando com os fundos para a estrada que passa em frente ao acampamento Albaro.) Duas pessoas ficariam de vigília toda a noite nas entradas dos fundos e da frente. Começou a chover, e todos que não tinham barracas foram dormir no centro de tênis, dentro do parque.

Quando saímos para ver se a reunião das dez da noite iria realmente acontecer, encontramos pessoas arrancando bancos, quebrando coisas para fazer mastros,

⁶⁰ Uma corporação policial italiana. (N.T.)

moldando longos mastros de bandeira, removendo barras de ferro do chão, prendendo bandeiras a suportes de madeira e catando tudo que pudesse ser útil no dia seguinte, e os armazenando. Decidimos juntar os materiais que nosso pequeno grupo de afinidade precisaria e pintar nossos capacetes de preto. À meia-noite retomamos à quadra de tênis para dormir.

As pessoas estavam rindo, faziam brincadeiras sacanas com bolas - em meio a um monte de bolas de tênis -, usavam os chuveiros, fumavam cigarro, bebiam cerveja e em geral relaxavam com ar de expectativa para o dia seguinte. Nem é preciso dizer que não dormi muito naquela noite, passando a maior parte dela conversando e rindo com um de meus companheiros, enrolado em um saco de dormir.

DIA 20 DE JULHO

A manhã veio e todos estavam se arrumando. Trocamos de roupa, arrumamos nossa mochila com os materiais necessários e então saímos para encontrar o nosso companheiro que faltava, que depois ficamos sabendo que havia dormido do lado de fora em uma barraca, e nem sequer havia se preocupado em olhar a quadra de tênis para nos encontrar. Pegamos então os materiais produzidos na noite anterior. Fomos até os fundos do parque, no local da concentração. O horário marcado, dez e meia da manhã, chegou e passou. Então vieram as notícias de que a passeata havia sido atrasada pela polícia e de que o Centro Social de Immensa estava sob ataque da polícia, o que significava que cerca de trezentos companheiros estavam confinados fora da cidade. Houve um pouco de discussão mas foi acordado que marcharíamos sozinhos como um bloco ao ponto de convergência para termos certeza de que nossos outros companheiros não ficariam isolados na cidade. Nós, cerca de quinhentas pessoas, subimos as escadas três a três e entramos na rua, formando um mar preto. Um grito de guerra começou. "No Justice, No Peace, Fuck the Police." Algumas pichações e redecorações ocorreram no caminho, mas parecia que havíamos nos concentrado na decisão tácita de chegar ao ponto de encontro e não sermos parados antes disso. Apesar de algumas pequenas confusões sobre o caminho a tomar, chegamos ao ponto

de encontro em meio a um mar de bandeiras vermelhas da COBAS e de outros companheiros mascarados.

Na medida que marchávamos, e catávamos coisas, alguns de nós atacavam certos alvos. Policiais vieram da direita quando nos concentramos em um banco. Houve a encenação de uma breve ofensiva, com alguns molotovs e pedras, quando os policiais prepararam e atiraram bombas de gás lacrimogêneo. O grupo no qual eu estava teve que recuar pela rua principal na direção do mar. A polícia pareceu ter parado brevemente sua perseguição, então aproveitamos a oportunidade para construir barricadas com lixeiras, madeira e qualquer outra coisa que pudéssemos juntar. Atearam fogo em algumas caçambas de lixo, enquanto outros nesse bloco menor - havíamos nos separado em um grupo de cerca de trezentas pessoas - continuaram a atacar os rostos do capitalismo, bancos e postos de gasolina. Mesas, cadeiras, computadores etc. foram retirados dos bancos e acrescentados às barricadas. Mas a polícia não descansou por muito tempo, eles vieram. Houve novamente um breve confronto, uma tentativa de ataque pelo bloco (cerca de cinco de nós na verdade), e então fomos forçados a recuar mais uma vez para mais perto do mar. Essa situação continuou por cerca de uma hora até sermos finalmente empurrados até a rua que fica em frente ao Centro de Convergência do FSG (um estacionamento na beira do mar, literalmente). Lá tivemos tempo, graças a algumas barricadas em chamas, para nos reagruparmos e atacarmos mais alguns bancos e uma revendedora de carros. Puseram fogo num banco importante.

Olhando a cidade da beira do mar, bem à direita há uma íngreme escadaria que leva aos bairros da cidade. Também à direita está a estrada principal na qual nos encontrávamos, que leva ao acampamento da COBAS, Albaro, próximo ao fortificado quartel de polícia. À frente estavam as barricadas e ao longe as linhas da tropa de choque. E à esquerda estava o acampamento da polícia, com caminhões, vans, carros blindados etc. Por cerca de meia hora conseguimos manter essa posição, tempo em que destruímos e atacamos a propriedade de bancos e outros alvos específicos do sistema capitalista. Foi quando então percebemos que a polícia se aproximava pela frente, pela direita e pela esquerda, usando gás lacrimogêneo para nos empurrar em direção ao

espaço de convergência do FSG. Então levantamos barricadas nas saídas e entradas da cerca de aproximadamente quatro metros que circunda o Centro de Convergência do FSG. a Centro, naquela altura, tinha cerca de duzentas pessoas a mais, a maioria membros da COBAS que tinham sido levadas para trás junto com o Black Block. Ficamos na cerca observando a tropa de choque que se mantinha em linha do outro lado da rua. Alguns companheiros passaram por baixo da cerca e atiraram pedras tentando nos defender e fazer os policiais recuarem, enquanto outros subiram em cima dos estandes no espaço de convergência e começaram a usar estilingues. Esse pequeno impasse durou cerca de trinta minutos, e começamos a nos dirigir ao fundo do estacionamento e adiante das pedras do mar, saindo pelos fundos do Centro de Convergência. Pegamos a estrada na direção do acampamento da COBAS, passamos a barricada da tropa de choque naquela altura. Cerca de quinhentos integrantes da COBAS e do Black Block foram deixados para trás e continuamos nossa marcha, que era na verdade a COBAS retornando ao seu acampamento. Quando passamos o quartel da polícia, pedras foram atiradas nas janelas que se quebraram, as câmeras de segurança foram destruídas e os muros foram pichados. Cerca de uma quadra após o quartel da polícia, uma certa facção da COBAS bloqueou a rua nos impedindo de continuarmos com eles, deixando-nos encurralados entre eles e o quartel da polícia. Isso gerou uma briga entre os dois grupos, na medida que certamente os membros da COBAS estavam violando todos os padrões e princípios de solidariedade por estarem basicamente nos deixando numa emboscada e nos impelindo em direção à tropa de choque. Após mais ou menos vinte minutos de briga, eles voltaram atrás e permitiram nossa passagem. Nessa altura meu companheiro (havíamos nos separado dos outros dois do nosso grupo de afinidade) e algumas outras pessoas se esconderam atrás de qualquer coisa para colocar roupas mais confortáveis. Mudamos de rumo, caminhamos pela cidade e demos uma grande volta para evitar a polícia e chegar no Centro de Mídia. Queríamos ir ao Centro de Mídia para saber o que havia ocorrido à outra e maior parte do Black Block.

Havia a notícia de luta mais para dentro da cidade, próximo às pontes. Então nós,

e alguns outros, nos dirigimos rapidamente àquela região da cidade. Chegamos em uma praça e vimos gás lacrimogêneo voando. Rapidamente nos abaixamos e nos reequipamos. Seguimos então na direção de onde o gás lacrimogêneo veio e encontramos um contingente bem pequeno de companheiros que eram forçados a recuar por uma linha de mais ou menos vinte policiais de choque. Então atravessamos a praça e pegamos uma rua lateral na direção das pontes. Passamos os três cegamente por um cruzamento, e numa olhada rápida para a esquerda vimos uma linha de policiais de choque nos encarando: fomos pegos os três com a guarda um pouco baixa. Vimos os policiais levantarem os lança dores de gás lacrimogêneo e atirarem em nós. Rapidamente corremos e fugimos pelo cruzamento, entrando na multidão que estava na estrada e subindo correndo o morro ao lado das pontes.

Agora nos encontrávamos no meio dos Ya Basta, forma de ação Tute Bianche. Eles já estavam recuando, subindo a rua quando a polícia os empurrou atirando gás lacrimogêneo. Note você que haviam centenas de Ya Basta e nem tantos policiais. Começamos a subir o morro, mas vendo o modo como estavam recuados decidimos atravessar uma das pontes antes que a linha da polícia chegasse lá em cima e liquidasse com tudo.

No outro lado da ponte corremos na direção de alguns do Black Block que estavam sem máscara e bebendo cerveja. Fomos então informados que após ser dividido de manhã cedo, um grupo de cerca de 3 mil anarquistas foram empurrados ainda mais para o meio da cidade. Nos disseram que eles destruíram vários bancos e outras instituições do capitalismo antes de serem empurrados pela polícia. Eles passaram por uma prisão e aparentemente abriram caminho pelos portões, quebraram janelas e levantaram o moral dos prisioneiros antes que fossem afastados pela tropa de choque. E por fim eles saquearam uma cadeia de supermercado. O Black Block parece agora estar disperso em pequenos grupos e se retirando por hoje.

Fomos aconselhados a tirarmos as nossas máscaras. Descemos os três as escadas da outra cabeceira da ponte, saímos por uma servidão, mudamos de rumo e voltamos à cidade na direção do supermercado saqueado, onde encontramos outros companheiros. Nosso retomo foi vagaroso pela ponte que havíamos atravessado. Na volta

encontramos outros integrantes do Black Block empatados com a polícia na ponte. Rapidamente subimos as escadas e corremos à linha de frente para ajudá-los. A polícia começou a atirar gás e esses projéteis enormes que quando batem no chão atiram latas de gás em diferentes direções. Meu companheiro e eu fomos forçados a abaixar atrás de um carro para evitar a chuva de latas de gás. O pequeno bloco (cerca de 150 pessoas mais ou menos eu diria, na ponte) foi forçado a descer da ponte, que se arqueia levemente e toca a rua. A polícia ficou exatamente onde as escadas terminam na ponte e onde a ponte se arqueia. Decidimos então construir barricadas ao longo da cabeceira da ponte e ao longo da rua, usando latas de lixo e materiais retirados de um posto de gasolina, algumas caixas de jornal e cercas de metal das proximidades. Assim que a barricada ficou pronta começamos a catar pedras e outras coisas para nos defendermos das latas de gás e daqueles enormes projéteis.

Começamos nosso confronto com a polícia e agüentamos por um tempo, até que dois grandes carros blindados foram postos no caminho para a ponte, na parte inferior da escada. Quando os carros blindados andaram, as linhas da tropa de choque começaram a avançar. Nos fragmentamos então e seguimos para a parte alta da cidade. Éramos um grupo de cerca de vinte pessoas quando subimos os morros. Levamos aproximadamente trinta minutos para subir. Paramos e as pessoas trocaram de roupa escondidas, uma vez que tínhamos visto um helicóptero nos seguindo. Subimos os morros e andamos para fora da cidade por mais ou menos uma hora, quando nossos companheiros italianos se separaram. Decidimos que era hora de voltarmos para a cidade, nós para o Centro de Mídia e nossos outros companheiros para o acampamento. Caminhamos bastante de volta à cidade e demos uma volta pela esquerda para evitar as áreas com forte concentração policial.

Chegamos ao Centro de Mídia por volta das sete da noite. (Para entrar no Centro de Mídia era necessário uma licença, e para entrar no piso da Mídia Independente uma outra credencial com foto era requisitada.) Meu companheiro e eu subimos ao terceiro piso (que era na verdade o quarto), onde a Mídia Independente se localizava. Aquele andar estava mais do que uma loucura, pessoas correndo para lá e para cá, histórias e relatos sendo verificados e reverificados etc. Fomos para a cozinha/sala de reunião,

onde encontramos um grupo de pessoas apinhadas em volta de uma TV portátil, assistindo às notícias locais italianas. Foi aí que ouvimos pela primeira vez dos tiros e da morte de Cado. Havia rumores de outras mortes circulando pelos escritórios da Mídia Independente. Localizamos então um computador vazio e nos conectamos. Encontramos fotos dos tiros e ficamos alguns minutos chocados, em silêncio. Eu pessoalmente não processei essa informação totalmente até alguns dias depois. Muitos de nós estavam bastante consumidos pelo ambiente em nossa volta e com a constante sensação de ter que se proteger para realmente ter tempo de se dar conta das implicações do que havia acontecido naquele dia.

Descobrimos que os protestos e ações do dia tinham basicamente sido dispersados e terminaram na medida que as pessoas se debatiam com essa notícia de assassinato e com a violência policial vista durante o dia. Começamos a cozinhar um pouco de massa com o queimador de propano na cozinha da Mídia Independente enquanto recebíamos informações das outras pessoas que vinham com as suas histórias do dia. Muitos de nossos companheiros mudaram para o acampamento Albaro prevendo uma

invasão policial à escola localizada em frente ao Centro de Mídia. Após comermos e termos contato com mais outras pessoas, alguns de meus companheiros e eu fomos ao Albaro pegar nossas coisas. Ao entrar no acampamento já se via os sinais de deserção. Metade das barracas não estavam mais lá, e muitos outros estavam no meio do processo de arrumação das coisas. Nos dirigimos à parte detrás do acampamento, onde o ginásio de tênis se localizava, para pegar nossos pertences. Dentro do ginásio estava tudo vazio, algumas pilhas de sacos de dormir e mantimentos deixados, mas nada além disso. Meu companheiro e eu tiramos um cochilo em nossos sacos de dormir antes de pegarmos as coisas e nos dirigirmos ao Centro de Convergência.

Havíamos estabelecido um ponto de encontro no Centro de Convergência às dez e meia da noite, caso nos separássemos de nossos companheiros. Outros dois companheiros nossos não chegaram, então partimos do acampamento com cerca de cem pessoas em direção ao Centro de Convergência. Helicópteros sobrevoavam nossas

cabeças a cada vinte minutos mais ou menos, usando holofotes para vasculhar as ruas. Após um par de cervejas conseguimos cair no sono em meio ao ruído das hélices dos helicópteros e à forte luz branca dos holofotes.

DIA 21 DE JULHO

Acordamos, enrolamos o saco de dormir e nos dirigimos de volta ao Centro de Mídia Independente. A reunião acabou não acontecendo na noite anterior, e tudo que sabíamos seria que hoje seria o dia da grande ofensiva e ataque à zona vermelha. Esperávamos cerca de 10 mil pessoas no Black Block, mas como iríamos descobrir agora como nos reuniríamos? Originalmente havíamos pensado em marchar todos juntos no meio da enorme passeata legal, e então nos separaríamos dela e nos aproximaríamos da zona vermelha e a atacaríamos. Chegando na Mídia Independente encontramos nossos dois companheiros desaparecidos e fomos informados que havia um pequeno Black Block se reunindo do outro lado da rua, em um pátio de concreto na frente da escola. Alguns de nós se sentaram, e devido à desorganização decidimos que a melhor idéia seria, ao invés de andar até o início da passeata legal, esperar no Centro de Convergência e nos juntar a ela lá pelas três da tarde, quando ela passaria com o resto do Black Block que já deveria ter se reunido.

Era cerca de uma da tarde quando meu pequeno grupo decidiu ir antes ao Centro de Convergência e pegar alguma comida. Atravessamos a escadaria, onde se encontravam uma van militar e policiais militares. Chegando ao Centro de Convergência tivemos mais ou menos uma hora para descansar nas pedras e nos divertir subindo no acampamento da polícia, o qual na noite do dia 18 havia sido bloqueado por dois enormes contêineres postos um sobre o outro, criando um muro de cerca de sete metros entre o Centro de Convergência e o temporário quartel de polícia. Lá pelas duas da tarde as primeiras partes da passeata começaram a passar pela cidade, virando na parte de baixo da escadaria. Nosso pequeno grupo de afinidade decidiu andar mais adiante para ver todos os grupos passarem. Andamos cerca de cinco quarteirões e meio do Centro de Convergência e ficamos na espera do resto dos nossos

companheiros. Esperamos cerca de vinte minutos quando alguns amigos do dia anterior se aproximaram e nos informaram que eles haviam andado até o final da longa passeata e não viram nenhum Black Block. Então voltamos ao Centro de Convergência e descobrimos que um grupo já estava em um embate com a polícia. Rapidamente nos juntamos a nossos amigos. Pessoas entraram novamente nos bancos que haviam sido atacados no primeiro dia para juntar material para barricadas. Outro grupo de pessoas levou um carro para o meio da rua, e virou o carro para bloquear a rua mais efetivamente. A linha de mais ou menos cem policiais lançava gás incessantemente, forçando para trás a maioria de nós devido à falta de equipamento. Mas então a barricada foi terminada e foi posto fogo no carro. Meu pequeno grupo se moveu para trás, já que estávamos levando material para as barricadas sem a adequada proteção contra o gás, e não éramos portanto os melhores membros para ficar na linha de frente.

A polícia avançava pouco a pouco, na medida que tínhamos que recuar cada vez mais para escapar das latas de gás que caíam. A polícia finalmente atacou, ou deve ter aberto caminho pelas barricadas já que as pessoas começaram a correr para longe delas, e outros se separaram na direção da passeata e da cidade. Nosso grupo foi para a cidade. Mais três bancos foram destruídos. Estávamos nos reunindo numa esquina em frente a um supermer

cado quando um agrupamento da tropa de choque veio atacando pela esquina. O gás novamente tomou conta do ar enquanto eles atacavam. Nos separamos e corremos para o fundo da passeata legal. Aqueles que não correram rápido suficiente, apesar de não estarmos fazendo nada ilegal quando a polícia atacou, foram duramente espancados. Fiquei separado do meu grupo quando corri para me juntar à passeata. Os peaceniks me barraram, assim como a outros, recusando a nossa entrada na passeata, basicamente nos encurralando e nos pondo à disposição da polícia que estava vindo. Após algumas ásperas palavras, passamos por uma rua lateral e entramos no meio da passeata. Subi num banco para procurar meu grupo de afinidade. Alguns companheiros vieram até mim e me mostraram onde meu grupo estava. Uma vez com meu grupo, continuamos a passeata. Quando passamos diante de uma rua lateral vimos

alguns homens gritando e empurrando alguns manifestantes mascarados para fora da passeata e na direção de uma rua lateral. Fomos até lá para ver o que acontecia. Quando nos aproximávamos, um homem e uma mulher avançaram na nossa direção e o homem se dirigiu ao meu companheiro berrando: "O movimento não precisa de você". A mulher também berrava. Meu companheiro deu um pronto empurrão no homem e eu afastei a mulher para longe. O homem continuou a berrar, e a certa altura cuspiu no meu companheiro (não tenho certeza se ele percebeu esse cuspe).

Nós, e outros companheiros, decidimos apenas atravessar e continuar o nosso caminho. A ironia da situação: um grupo que reivindica uma espécie de falsa moral elevada porque suas táticas se diferenciam das nossas, está disposto a nos agredir fisicamente e nos pôr nas mãos da polícia, que a maioria de nós julga ser o principal inimigo, porque somos "violentos". Continuarei nesse tema em outro artigo.

A passeata continuou, e um Black Block menor com cerca de trezentos de nós se formou no fundo, com um pouco de confronto, continuando contra as linhas policiais que avançavam por trás. A passeata passou então sob uma série de três pontes. No outro lado, o Black Block decidiu fazer uma barricada para tentar parar ou pelo menos retardar o avanço da polícia. Vidraças de um banco ao lado da rua foram quebradas e a camada de proteção de madeira da porta principal e das janelas foram arrancadas. A madeira e caçambas de lixo foram empurradas para bloquear todas as três saídas do túnel sob a ponte. Entramos então nos bancos e catamos caixas, caçambas, mesas etc. para acrescentarmos às barricadas. Houve um esforço para empurrar as barricadas mais para dentro do túnel. Quando as barricadas estavam sendo levadas, um grupo virou um carro e o colocou na saída do meio do túnel. Enquanto isso estava sendo feito, uma outra parte do Black Block estava juntando pedras frouxas do calçamento e tijolos de um pátio próximo ao banco, e os empilhavam logo atrás das barricadas. Uma vez que as barricadas estavam postas no lugar certo, foi atado fogo nelas. Papéis e papelão foram trazidos do banco para manter o fogo ardendo. Com essas barricadas feitas, retomamos à via principal. Meu grupo de afinidade decidiu continuar na direção da cidade na medida que relatos de confronto com a polícia mais na frente da passeata foram ouvidos. Um grupo de nós seguiu adiante, encontrando companheiros alvejando

todos os bancos e postos de gasolina pelos quais passavam. Ajudávamos como podíamos, e então seguíamos adiante. Mas depois de um tempinho decidimos voltar às pontes, já que as situações que havíamos encontrado não necessitavam da gente, e a maioria delas era bastante pequena e terminava em poucos minutos.

Quando estávamos indo para as pontes, nuvens de gás surgiram. Nos aproximamos o máximo que podíamos e descobrimos que a polícia dera uma volta ou abrira caminho pelas barricadas. Mais uma vez o Black Block foi forçado a debandar e recuar pelo gás lacrimogêneo. Acabamos em uma praça onde a passeata foi concluída e alguém dava um discurso.

Era agora início da noite e o dia havia se constituído em maior parte por pequenas situações de equilíbrio seguidas de recuo forçado. A polícia italiana tinha sido esperta nos dois dias de ação, dividindo rapidamente o Black Block e continuando a dividi-lo até ele se tomar pequenos grupos de cerca de cem pessoas espalhados pela cidade.

Meu grupo de afinidade decidiu mudar de rumo e retomar ao Centro de Mídia Independente. No caminho passamos sobre a ponte onde tínhamos tido o confronto do dia anterior. Descemos uma rua lateral que dava para uma pequena praça, onde passamos pela carcaça de um carro de polícia queimado. Enquanto passávamos pela rua ouvimos tiros altos e sentimos o forte cheiro de gás lacrimogêneo. Continuamos andando mas não podíamos localizar realmente de onde vinham os tiros e o gás. Acabamos finalmente de volta à região do Centro de Mídia. Demos uma olhada na rua principal, a partir de uma visão panorâmica de cima de uma escada alta do Centro de Convergência. A rua inteira estava cheia de vidro quebrado. Todos pareciam ter lutado um pouco.

Parando na escola em frente ao Centro de Mídia descobrimos que o dia havia basicamente terminado. Também descobrimos que nossos companheiros gregos foram cercados pela polícia no seu acampamento naquela manhã, e lutaram contra ela durante todo o dia, saindo aparentemente vitoriosos. Meu grupo e eu decidimos encerrar o assunto também, e assim voltamos ao Centro de Convergência para dar um tempo, comer alguma coisa, descansar e definir nossos planos para deixar a cidade.

O clima no Centro de Convergência era festivo, com música alta enquanto as pessoas conversavam, comiam, e bebiam. Grupos de pessoas estavam se dirigindo para os ônibus e guardando suas coisas para deixarem Gênova. Duas fogueiras feitas de caixas de madeira de comida e de água foram acesas. As pessoas se reuniam em volta delas, dançando ou sentando em círculos.

Por volta das dez da noite decidimos voltar ao Centro de Mídia para guardar nossas coisas, irmos à escola para dormir e sairmos da cidade na manhã seguinte. Subimos aquela escada alta e trombamos com outra garota americana. Ela começou a nos falar sobre os rumores de que uma incursão policial ao Centro de Mídia ocorreria naquela noite. Não ficamos muito preocupados. Meus companheiros e eu achávamos que a polícia italiana não era tão estúpida ou ignorante para tomar uma atitude política tão perigosa, invadindo um centro dado ao FSG pela cidade, além do Centro de Mídia ser composto também pela mídia corporativa, não somente pela Mídia Independente e pelo departamento médico. Portanto, taticamente, não parecia ser muito inteligente invadir qualquer lugar, já que as ações já haviam acabado e não havia agora uma distinção entre as facções políticas etc.

Chegamos no Centro de Mídia. Antes de entrar, nos dirigimos até outro companheiro, também dos Estados Unidos, que tinha um grande curativo na cabeça. Ele explicou que de tarde, quando nos separamos em direção à cidade, uma parte do Black Block continuou a defender as posições e manter a polícia para trás. Mas então os carros blindados vieram e o bloco remanescente foi forçado a recuar e ficou encurralado entre a passeata legal e a tropa de choque que vinha. Ele disse que ao invés das pessoas deixarem esse pequeno bloco que recuava entrar na passeata, elas se deram os braços formando um cordão para não deixá-los entrar e usaram paus de bandeira para afastá-los. Isso os deixou num beco sem saída. Quando a polícia chegou perto, começou a atirar gás lacrimogêneo com ódio explícito. Uma lata de gás acertou nosso companheiro na testa. Ele caiu no chão inconsciente e foi levado por amigos para dentro da passeata legal, depois que os manifestantes "dentro da lei" perceberam que a polícia estava atirando e pretendendo bater em todo mundo, e não apenas naquele pequeno bloco de pessoas.

Nessa altura alguns outros companheiros redskins se aproximaram de nós. Um deles veio contar como eles haviam sido simplesmente parados pela polícia e estavam sendo espancados quando um repórter calhou de passar; aí eles gritaram e logo o repórter foi até eles. Em seguida mais repórteres apareceram, daí a polícia os liberou. Eu decididamente vou lembrar desse momento, quando um desses grandes e fortes redskins comentou: "Eu realmente achei que ia morrer": Eles entraram na escola, pegaram lá algumas coisas e saíram de Gênova o mais rápido que puderam.

Já era onze da noite. Finalmente entramos no prédio e subimos ao quarto andar, onde ficava a Mídia Independente, passado o ponto de checagem. Dois dos meus companheiros procuraram um computador livre enquanto eu guardava nossos sacos de dormir para irmos à escola. Fui ver onde eles estavam e os encontrei ocupados, olhando as fotos do dia. Disse a eles que os encontraria lá fora. Saí e sentei na rua em cima dos sacos de dormir para esperar. Uma amiga veio ficar comigo e, após conversarmos, ela me pediu o endereço de um amigo nosso. Corri de volta para dentro para copiá-lo da minha agenda e dar uma olhada nos meus dois amigos. Eles ainda estavam vendo fotos na internet. Eu fiz um rápido comentário de condenação e eles disseram que logo desceriam. Voltei e fiquei com minha amiga na rua. Começamos a conversar novamente, era perto de meia-noite. Duas pessoas vieram correndo pela rua gritando: "Polícia I Polícia!" Ficamos de pé nos dirigimos à escola, cujos portões estavam terminando de serem barricados. Lembrando dos meus companheiros eu soltei um "Merdal", e eu e minha amiga viramos rapidamente. A polícia estava demolindo a rua e se projetando contra o Centro de Mídia bem na hora que as portas foram fechadas. Corremos para o quarto andar, onde as pessoas estavam desesperadamente protegendo e escondendo fitas e outros materiais que documentavam a brutalidade policial e a conduta inapropriada dela nos últimos dois dias. Outros estavam rapidamente retirando capacetes, máscaras e outras coisas das suas mochilas para colocá-las no chão. Mas a maioria estava em volta das janelas assistindo ao assalto da polícia à escola. Apressadamente removi certos materiais de nossas mochilas, enquanto chamava todo o tempo por meus companheiros. Quando um deles me encontrou nos abraçamos rapidamente. Ele havia assistido a toda invasão e visto a polícia bater

duramente em alguns garotos que estavam sentados na rua onde minha amiga e eu estávamos, e estava convencido de que era eu. Corremos para as janelas, onde observamos a polícia: a maioria estava vestida de "Black Block", ainda mascarada, usando apenas coletes e capacetes escritos Polícia. Os policiais atacavam a escola, arrastando e agarrando as pessoas. Podíamos vê-los abaixando e balançando seus cassetetes. Na mesma hora alguns policiais começaram a atirar garrafas nas pessoas que estavam nas janelas do Centro de Mídia. Virei para trás e me afastei da janela para me livrar da minha jaqueta quando ouvimos a polícia abrindo caminho pela porta do Centro de Mídia e gritos de pessoas no piso.

Eles entraram e berraram e nos ordenaram que ficássemos no corredor. Meu companheiro rapidamente se livrou da câmera que estávamos usando colocando-a atrás de uma mesa virada, enquanto éramos forçados a sentar no corredor com a cara contra a parede. Três dos policiais permaneceram mascarados enquanto saíam e entravam nos cômodos. Dois estavam vestidos normalmente, com suas máscaras e lenços removidos e amarrados no pescoço. Eles batiam os cassetetes nas mãos enquanto andavam de um lado para o outro do corredor. Cerca de dez minutos mais tarde, um policial descobriu uma câmera de vídeo ainda filmando no corredor. Depois de alguns gritos em italiano, levaram a câmera para um dos cômodos, que eu e alguns outros podiam ver, e começaram a destruí-la. Também testemunhei a destruição de vários computadores, disquetes, câmeras e vídeos. Cerca de quinze minutos mais tarde um homem, usando uma credencial de mídia corporativa seguido por um homem com uma câmera de vídeo, entrou no andar. Trocou alguns comentários amistosos com a polícia e seguiu para o fundo do corredor. Filmaram todos que estavam sentados no chão voltados para a parede. Enquanto isso, gritos, berros, choros, vindos da escola Diaz, podiam ser ouvidos.

Cerca de trinta minutos depois da polícia chegar no andar da Mídia Independente, uma mulher vestida com roupa laranja apareceu e trocou algumas palavras nervosas com o policial que parecia estar no comando. Cerca de cinco minutos depois disso a polícia deixou o andar. Descobriríamos mais tarde que a mulher era uma senadora italiana que por acaso estava dando uma entrevista no andar

da mídia corporativa quando a polícia invadiu, e se não fosse por essa coincidência provavelmente teríamos acabado em uma situação parecida com aquela dos nossos companheiros do outro lado da rua.

Meu companheiro e eu apanhamos a câmera, a qual a polícia não havia encontrado, e a escondemos em uma de nossas mochilas. Uma de minhas sacolas tinha desaparecido e algumas fotos que havia trazido de amigos e familiares dos Estados Unidos foram levadas, assim como outras miudezas. Escondendo a câmera, fomos no encalço de dois outros companheiros, um deles com uma câmera, e seguimos para frente do Centro de Mídia. Todas as pessoas no prédio do Centro de Mídia se amontoaram na cerca da frente enquanto começávamos a assistir ao horror desfraldado na nossa frente.

Mais ou menos cinqüenta policiais da tropa de choque se posicionaram na rua em frente dos portões da escola, e vans, caminhões e reforços aguardavam nas duas esquinas da rua. Foi quando a primeira ambulância chegou, e pelas próximas duas horas assistimos nossos companheiros serem trazidos em macas um a um, alguns conscientes outros não. A cada pessoa berrávamos e gritávamos cada vez mais alto: "ASSASSINI!" O policial que parecia estar no comando se exibiu vestindo uma jaqueta que tinha a bandeira da Itália nas costas. Após cerca de uma hora nesse processo de retirada das pessoas em macas, três policiais deixaram o prédio carregando um saco plástico verde-escuro. Mais tarde verificou-se que se tratava de "evidências", mas o tipo do saco e o modo como os três policiais o carregavam fazia parecer um saco para pôr cadáveres. Isso fez com que as pessoas gritassem e se desesperassem, e um pequeno grupo de pessoas correu para a rua, em frente da cerca, gritando para a polícia que se mantinha em "guarda". Nesse momento, algumas pessoas do FSG formaram um cordão entre a tropa de choque e a gente. Um dos nossos companheiros poloneses que testemunhara alguns de seus amigos sendo transportados na maca berrou: "Eu preferia estar na cadeia com meus companheiros do que me esconder aqui como um covarde". Ele começou a tentar passar pelos cordões da tropa de choque. Aparentemente, conversando com ele mais tarde, o pessoal do FSG amarrou as mãos dele com uma corda e o levou para dentro do prédio.

Eu voltei à cerca e subi em um muro de cimento para ter uma visão melhor. Durante uma hora, mais ou menos, nem sequer uma pessoa saiu andando sobre os seus pés da escola. Eles saíam de maca, apoiando-se com todo o peso em companheiros ou mancando vagarosamente até as vans da polícia e ambulâncias. Por volta das duas e meia da manhã a polícia foi embora, de forma tão rápida quanto haviam chegado. Grupos de pessoas entre nós atravessaram a rua para inferir o que podiam do local.

Ao entrar na escola passei do lado de algumas poças de sangue e vidro quebrado. Aquela minha amiga estava juntando objetos de higiene pessoal das pessoas e colocando tudo sobre uma mesa. Juntei-me a ela nessa tarefa. Apanhamos diários e revistas das pessoas e os empilhamos no canto da mesa. Na medida que juntávamos algumas outras coisas, notamos um homem usando um emblema de mídia corporativa lendo uma das revistas. Minha amiga e eu fomos para cima dele e tiramos a revista das suas mãos, sentindo nojo. Ele fez um comentário escroto que eu respondi prontamente empurrando-o pela porta, dizendo, na verdade gritando, para que saísse. Comecei então a dobrar algumas roupas. Peguei uma bermuda preta imunda e me dei conta de que minhas mãos haviam ficado cobertas de sangue. Terminei de dobrá-la, então decidi subir as escadas enquanto mais pessoas entravam no primeiro piso. Cada andar estava pior que o anterior. Nacos de carne, sacos de dormir ensopados de sangue, poças de sangue tão fundas que haviam coagulado, formando grossas crostas de centímetros de altura. Pelo quarto andar já tinha visto o suficiente, portas que haviam sido chutadas e destruídas, mais sangue, cabelo, pele. Voltei para sentar no parapeito do Centro de Mídia. Um companheiro nosso veio até mim, e choramos e nos abraçamos. Ele me informou que parecia que 56 pessoas foram levadas ao hospital e 46 foram direto para a prisão. Meu companheiro voltou e sentou perto de mim. Concordamos, da mesma forma que as outras cem pessoas que sobreviveram a essas invasões por sorte, que seria melhor dormir no Centro de Mídia. Um outro companheiro se aproximou de nós nessa altura para nos informar que cerca de vinte pessoas tinham escapado escalando os andaimes na escola, e alguns não estavam no local já que haviam saído para pegar comida.

Aparentemente nosso companheiro americano e cerca de outros vinte estavam

em uma pizzaria próxima. Quando a polícia invadiu, alguns conseguiram escapar pelos fundos, mas ele foi pego pela polícia, e os espancamentos foram brutais como aqueles na escola.

Meu companheiro e eu voltamos ao Centro de Mídia, lá as pessoas se abraçavam, se acariciavam, choravam e se beijavam. As pessoas tentavam parecer fortes e manter um ambiente positivo após o repugnante uso da força que havíamos presenciado.

Comecei a cozinhar um pouco de massa para as pessoas no andar da Mídia Independente. Meu companheiro veio até mim e subimos ao andar de cima, arrumamos nossos sacos de dormir e caímos no sono de pura exaustão.

DIA 22 DE JULHO

Acordamos lá pelas onze da manhã e encontramos o quarto vazio. Aproveitamos mais ou menos uma hora de privacidade antes de descermos a escada. No andar da Mídia Independente nos disseram que a polícia estava pegando pequenos grupos que tentavam deixar a cidade, principalmente pessoas vestidas de preto, os espancava e os levava à prisão. Aqueles de nós que estavam no Centro de Mídia (mais ou menos cem) convocaram uma reunião. Representantes do FSG relataram que haviam reservado dois ônibus e um trem para Milão para todos nós, uma vez que concordávamos que viajar juntos seria melhor. Também disseram que advogados estariam esperando por nós na estação de trem para acompanhar nossa partida, e se necessário viajariam conosco, e em Milão centros sociais locais tinham organizado grupos de pessoas para irem nos encontrar.

Todos começaram a guardar suas coisas e ajudar a carregar os pertences da escola até a sala principal do Centro de Mídia, uma vez que ele estaria aberto e seguro para que as pessoas que saíssem da prisão retomassem e reavissem seus pertences. Enquanto estávamos sentados nessa sala principal lendo jornais, um companheiro alemão que estava na escola no momento da invasão entrou. Felizes por vê-lo, ele nos contou o que lhe havia acontecido.

Ele e alguns outros conseguiram fugir da escola minutos antes da polícia entrar, e passaram a noite se escondendo atrás de carros e correndo pelas ruas para evitar os holofotes dos helicópteros. Ele havia chegado ao Centro de Mídia pela manhã.

Às três da tarde todos nós pegamos nossas coisas, rindo e sorrindo, descemos a ladeira para pegar o ônibus para a estação de trem. Talvez esse nosso alto astral fosse pelo fato de que não tínhamos idéia se conseguiríamos sair de Gênova, portanto deveríamos aproveitar o que poderia ser nossos últimos momentos "livres". Lotamos os dois ônibus públicos. Passamos por um posto de checagem policial sem sequer sermos parados. Os ônibus nos levaram para fora do centro de Gênova, e para uma estação de trem num lugar menor e mais rural, onde descemos e lotamos o trem para Milão. Água e uísque rolaram em comemoração, havíamos completado a primeira parte da "fuga de Gênova". A viagem de trem foi tranqüila. Quando chegamos na estação maior para trocar de trem, a polícia se alinhou no caminho. Descemos conversando e rindo e passamos pela polícia sem problemas. Corremos para arrumar alguma comida e subir no próximo trem.

Chegamos em Milão pelas sete e meia da noite. Quinhentos ou mais companheiros nos recepcionaram, aplaudindo e saudando. Nossas bagagens foram levadas ao centro social local e nos juntamos à passeata de solidariedade que ia até o prédio da polícia. Nos três dias seguintes em Milão, enormes manifestações de solidariedade foram organizadas todos os dias. Não houve no entanto luta com a polícia, por causa da "polícia da paz", do pequeno número de policiais da tropa de choque e porque, quando os blocos de anarquistas, marxistas e comunistas mais radicais passavam, a polícia corria para dentro dos prédios. Companheiros libertados da prisão chegavam em Milão e traziam mais informações. A invasão da escola foi tão brutal quanto o sangue, os nacos de carne e cabelo indicaram. A maioria das pessoas na escola, senão todas, estavam dormindo, portanto nenhuma resistiu à prisão, mas foram espancadas continuamente, algumas até que cantassem canções fascistas. Uma companheira me disse que seu amigo ficou no chão vomitando sangue e a polícia apenas ficou olhando, e ameaçando estuprá-la com seus cassetetes e insígnias. Outro companheiro disse que alguns policiais urinaram em prisio neiros espancados e

machucados enquanto esperavam dentro da escola. Vários nos disseram que podiam jurar que os policiais estavam drogados, seus olhos estavam enlouquecidos, e simplesmente não tinham qualquer tipo de comportamento humano. A prisão foi igualmente ruim, de acordo com alguns companheiros. Havia símbolos fascistas pendurados nas prisões e eles eram forçados a ficar de pé com braços e pernas esticadas, alguns nus, por várias horas. Sem permissão para irem ao banheiro muitos foram forçados a se sujarem e, é claro, a apanharem mais.

Essas histórias continuaram chegando... fomos sortudos todos nós que por acaso estávamos no Centro de Midia. E a senadora estar no prédio foi pura sorte também. Qualquer um de nós poderia ter sido qualquer um de nossos companheiros que foram brutalizados e violentados por esse horror sancionado pelo Estado.

GÊNOVA, 21 DE JULHO... IMPRESSÕES APÓS OS DISTÚRBIOS

Meus olhos estão cansados. Eles arderam em várias ocasiões durante o dia. Ao caminhar até o centro se pode imediatamente sentir o aroma do gás lacrimogêneo. Nada de surpreendente eu suponho. Caminhar no centro após a batalha ter se acalmado foi um experiência surreal. Ao descer a escadaria até a Corso Italia deparava-se com um monte de entulho, vidros quebrados, carros virados e queimados, e dois blocos de bancos e agências de viagem totalmente destruídos e queimados.

Vimos devido ao rumor de que estariam distribuindo comida no centro de convergência [após um dia sem comer e com todas as lojas fechadas], mas nossos pensamentos foram imediatamente desviados. Todos pareciam estar caminhando estupidificados e recolhendo tudo, a maioria sem saber que os conflitos e passeatas ainda aconteciam em outras regiões.

Muitos moradores locais estavam nas ruas checando as ruínas queimadas.

Pessoas pegavam um caixa eletrônico derretido e destruído, curiosos para verem como ele se parece por dentro. Arquivos de bancos e gavetas estavam espalhados com as cinzas, fotocopiadoras estavam derretidas, carros anteriormente polidos e lustrosos estavam foscos e cinzas, destruídos em meio a bandeiras de diferentes tipos e ao entulho formado pela sua destruição.

Estranhamente, era como se todos estivessem completamente fascinados e incapazes de falar. Ninguém estava condenando o que via ou balançando a cabeça negativamente. Tratava-se mais de um espanto e de curiosidade. Não é sempre que se pode ver o que está por trás das belas máquinas e muros que conduzem nossas vidas. Era como se algo - que fora ensinado a respeitar e temer - se tomasse nada mais do que um trivial entulho. Não havia nenhum guarda, policial ou bombeiro por perto para manter as pessoas distantes. Soa muito metafórico ou algo assim dizer isso, mas era como se um animal enjaulado tivesse sua jaula destruída, sem saber ao certo o que fazer a seguir. Difícil de descrever eu acho.

Eu vi uma família andando por uma das ruas catando coisas do chão e pondo em sacolas. A menina estava catando latas de bomba de gás. O garoto pegava vários pedaços de armaduras de manifestantes e partes de uma bandeira. Alguns carros e motos começavam a retomar às ruas, coincidentemente andando entre entulhos de carros e carros destruídos. Depois de mais algumas horas, motores a combustão e equipes de limpeza começaram a aparecer e a pôr de volta a cidade à "normalidade".

Enquanto isso, logo do outro lado da cerca, no centro de convergência
(...)

Brian s

DE UM IRLÂNDES NO BLACK BLOCK

(...)

O saque do supermercado marcou uma virada na atitude geral da marcha. Até então, a única destruição de propriedade que havia visto tinha sido de bancos, mas daqui para frente a destruição era mais generalizada. Latões de lixo foram virados ou queimados sem motivo (diferentemente de antes, quando havia sido uma medida de defesa), cercas foram derrubadas, alguns carros, semáforos e até pontos de ônibus foram destruídos. Provavelmente isso foi devido em parte à elevada frustração de ser levado para longe de onde queríamos ir, e à sensação geral de desorganização que veio da incerteza de onde se estava indo. O supermercado foi também importante psicologicamente, quebrando um tabu, e em termos da sociedade capitalista ele próprio se tornou um alvo mais legítimo, ao invés apenas do encontro de líderes. O álcool pode ter tido o seu papel, já que a maioria das pessoas estava com vinho ou cerveja pegos no supermercado, e é claro deveria muito bem haver alguns provocadores em nosso meio, mas a influência deles é impossível de medir, eles talvez tenham acelerado um processo que já estava em curso.

(...)

Retomamos à praça onde havíamos encontrado os pacifistas, e haviam ainda centenas deles lá. Quando nosso pequeno grupo (menos de uma dúzia de pessoas, desarmadas e sem máscaras) começou a atravessar a praça, fomos claramente reconhecidos como integrantes do Black Block, já que a massa partiu para a nossa frente e começou a nos aplaudir, sarcasticamente é claro. Um cara até mesmo correu para trás de mim e começou a me seguir, batendo palmas bem do lado da minha orelha.

Era uma reação estranha, mas não era a primeira vez que eu a via - quando a polícia aparecia (você sabe o que quero dizer, as pessoas que realmente estavam atacando manifestantes e usando gás lacrimogêneo para proteger a reunião do G-8), alguns pacifistas sentavam no chão, balançavam suas mãos no ar, e em geral agiam "amavelmente". Mas essas mesmas pessoas guardariam sua raiva, esperando para liberá-las nos membros do Black Block civis, como elas, que estavam tentando parar o encontro, e estavam recebendo gás e sendo espancadas ao lado delas. Isso vai além de



Depois de Gênova

uma simples divergência tática, simplesmente é ausência total de discernimento. (Nem todos os pacifistas agiram assim, é claro. Muitos podem expressar verbalmente sua discordância, mas são capazes de dizer a diferença entre um policial de choque armado, vestido em uma armadura, e um manifestante, e sabe de que lado eles estão.)

Andrew Flow

Workers Solidarity Movement - Irlanda

NÃO NOS SALVEMOS À CUSTA DO BLACK BLOCK

Como se constrói um inimigo público? Como implodir um movimento? Como estragá-lo uma vez mais?

"Eu tampouco quero me salvar à custa do Black Block."

Estão pegando pesado com o famoso Black Block. Poderíamos levar na brincadeira (a técnica usada para distorcer é a mesma que se emprega nas caricaturas) se não fosse os policiais, quando quase assassinaram Sky - o inglês da .Mídia Independente - diante da escola, gritando: "matem o Black Block!!!" E com tudo isso

arriscamos uma divisão fratricida de um movimento que, embora sendo uma salada, até agora tem chegado unido aos encontros.

Os Tute Bianche de Bolonha sacaram muito bem qual é a jogada. Mas as vozes cantantes do Fórum Social de Gênova, que organizou os protestos de Gênova, não pensam o mesmo. Seu porta-voz, Agnolett, acusa Berlusconi de difamação, por ter afirmado que o FSG colaborou com o Black Block. As más amizades mancham a boa reputação...

Em linhas gerais a equação é:

Black Block = violência = terrorismo versus FSG = não-violência = legitimidade

O plano: que os civilizados se separem dos irremediáveis. Vamos domesticar os civilizados e, paralelamente, todos juntos contra os irremediáveis. Os civilizados receberão em troca um pouco de ar, menos repressão e mais canais de diálogo com o poder. A mitológica ameaça do Black Block dará argumentos aos tutores para controlar os travessos, e a luta, por fim (!), se processará por caminhos "construtivos".

Mas Berlusconi quer ir mais além, por isso se mete com todos (já prometeu que em seu governo acabaria com o comunismo na Europa). Trata-se de fazer pressão para forçar a divisão? Ou realmente querem criminalizar o movimento inteiro? Porque nesse caso, parece que estariam cometendo um grave erro de cálculo (também se deve contar com isso, o poder sempre tem sido perversamente inteligente, mas também sempre tem sido estupidamente prepotente).

Antes de entrar em qualquer debate sobre as virtudes e defeitos do Black Block é necessário entender essa estratégia. E a partir disso podemos livrar o debate da pressão midiática e argumentar com base nos acontecimentos, não com base na construção midiática destes: a valorização unilateral do consenso imposto. Isso também é pensamento único!

Eu também fui "Black Block", também atirei pedras em momentos de raiva e desespero. Fizeram o mesmo os Tute Bianche e de outras cores quando se fartaram de receber pedras. E mais além da utilidade dessas ações (que creio ser muito pouca),

deve-se entender o contexto sem exaltar um pacifismo puritano e excludente que, apesar de ser totalmente válido, apóia-se demasiadamente na sede de reconhecimento dentro do marco da legitimidade que eles nos determinaram.

A primeira estratégia de criminalização em Gênova foi a transmissão de uma imagem de caos generalizado que cobre com uma cortina de fumaça o que na verdade está em jogo. A segunda é pôr toda a ação de destruição de propriedade no mesmo saco. A terceira é pôr toda ação de confrontação debaixo da marca "Black Block". Assim se constrói um mito, o inimigo público.

Os "bons ativistas" terão que escolher entre salvar-se à custa de participar na caça a "anarquistas" ou, pelo contrário, aceitar a diversidade de posições e tratar de criticar dentro desse marco, não deixando como "estranhos ao movimento" aqueles que, na verdade, em grande parte o começaram.

Muitos já escolheram. Depois não é de se estranhar o receio dos grupos "anti-sistema" em relação à esquerda semi-institucional ou diretamente institucional.

Tudo isso sem desprezar que, objetivamente, o Black Block foi instrumentalizado pela polícia. Grosseiramente, com a infiltração de policiais e fascistas. Com sofisticação, aproveitando a falta de coordenação entre as correntes anarquistas e o FSG para atacar o Black Block somente quando este passava diante de concentrações pacíficas.

Muitos problemas, senão a maioria, serão evitados adotando a estratégia de Praga, tão simples assim. Outros, se os próprios Black Blocks impedirem a destruição de propriedade generalizada por parte de infiltrados, hooligans e jovens legitimamente niilistas.

É pena que em Gênova alguns infiltrados com a colaboração de não-infiltrados tenham feito desta vez as coisas de um modo que pouco tem a ver com a própria teoria do Black Block. Quer dizer, destruindo sem selecionar. E com uma atitude "macho" bastante repulsiva. Ainda que... NEM TODOS! Muitos amigos nossos, participantes do Black Block, estão igualmente frustrados com essas atitudes.

(...)

facilillo@hotmail.com

01/08/2001

CARTA DE DENTRO DO BLACK BLOCK

(...)

A maioria das pessoas que conheço que já tenha usado as táticas do Black Block fazem trabalhos diários que não visam lucros. Alguns são professores em escolas, sindicalistas ou estudantes. Alguns não possuem um emprego de tempo integral, e ao invés passam a maior parte do seu tempo trabalhando por mudanças em suas comunidades. Eles dão início a projetos de jardins urbanos e bicicletários⁶¹, fazem comida para o Food Not Bombs e outros grupos. São pessoas que pensam e que se importam com as coisas. Se eles não tivessem uma agenda política e social, seriam comparados a freiras, monges, e outros que vivem suas vidas dando assistência e servindo.

Existe uma considerável diversidade em termos de quem somos e do que acreditamos. Eu conheci pessoas no Black Block que vinham de tão longe ao sul, como da Cidade do México, e de tão longe ao norte, como de Montreal. Acho que o estereótipo de que somos majoritariamente jovens e brancos é correto, embora eu não concorde que sejamos principalmente homens. Quando me visto da cabeça à ponta do pé com roupas pretas largas, e meu rosto está coberto, a maioria das pessoas pensa que sou um homem também. O comportamento dos manifestantes do Black Block não é associado a mulheres, conseqüentemente os repórteres muitas vezes assumem que somos todos rapazes.

(...)

Algumas das críticas que a esquerda faz ao Black Block se referem à nossa própria aceitação dos valores da nossa sociedade pervertida. Há um clamor de desaprovação quando alguns garotos levam uma caçamba de lixo ao meio da rua e

⁶¹ No original *bike libraries*, locais onde se pode pegar emprestada gratuitamente uma bicicleta. Esses projetos normalmente têm como objetivo, entre outras coisas, desestimular o uso de veículos motorizados. (N.T.)

ateiam fogo. A maioria das pessoas conclui que os manifestantes fazem esse tipo de coisa para ter um pouco de emoção e excitação. Não posso negar que há uma excitante descarga de adrenalina cada vez que me arrisco desse modo. Mas quantos de nós se perdoam por de vez em quando comprarem uma camisa da Gap, apesar de sabermos que nosso dinheiro está indo diretamente para uma corporação que explora violentamente seus trabalhadores? Por que uma eventual "terapia de compras" é mais aceitável do que se ter prazer em um ato de protesto radical que talvez seja limitado em utilidade? Eu argumentaria que mesmo se os protestos do Black Block somente servissem para enriquecer as vidas daqueles que dele participam, eles ainda seriam melhores para o mundo do que gastar dinheiro em cineminha, encher a cara ou outra forma de entretenimento e diversão culturalmente sancionada.

(...)

Mary Black
25/07/2001

UMA ENTREVISTA COM USUÁRIOS DA TÁTICA BLACK BLOCK

Identificam-se como Thomas, Andreas e Ralph, e foram usuários da estratégia Black Block, que lutou contra a polícia e o Estado em Gênova, os quais garantem que Carlo Giuliani também era adepto desta tática. Por motivos de segurança, não deixam que tirem fotografias suas, porque advertem que a repressão está generalizada. Os três usuários do Black Block explicam os objetivos dos métodos que utilizam, e valorizam as experiências de Gênova.

P: De onde surgiu o nome Black Block? Podemos falar de uma organização ou é um movimento autônomo?

BB: É verdade que o Block se originou de uma experiência ocorrida na Alemanha, nos anos 80, quando uma boa parte da esquerda radical

autônoma alemã se vestia desta forma... de preto, e levavam capuzes e máscaras pretas para os enfrentamentos com a polícia. Era o desejo de participar de uma cultura política, ou talvez uma subcultura. Nunca existiu o Black Block como organização. Ali convergiram pessoas de diversos países que se uniram com a idéia de atacar a Zona Vermelha como repúdio à globalização do capitalismo e ao próprio capitalismo.

P: O verdadeiro debate está sendo transferido para o âmbito da violência/não-violência. Ele está sendo desvirtuado?

BB: É importante ver que é uma maneira de dividir a luta: alguns grupos antiglobalização partem da premissa que houve infiltração policial, e não querem admitir que existe gente disposta a este tipo de luta contra a globalização. É provável que o fundamento deste debate seja que nós queremos DESTRUIR o sistema capitalista por completo, e muitos dos grupos que fazem estas críticas não queiram mais do que reformas. É certo que há uma polêmica sobre a discussão em torno da ação direta "roubar a cena" dos debates sobre globalização, mas em Gênova houve um contracongresso e a mídia não mencionou nada sobre isso, tal e qual fazem habitualmente. Só através da ação direta podemos romper com o bloqueio da mídia. Fica claro para nós que a questão principal é lutar para convencer as consciências, para criar várias consciências anticapitalistas. Portanto, qual é o resultado da ação direta? As classes dominantes já não sabem nem onde fazer a sua próxima cúpula, e vão ter que ir até as Montanhas Rochosas do Canadá. A classe dominante tem que se esconder da população e está sendo, por fim, "dominada". No fim das contas, tem que se esconder num lugar isolado do mundo porque sempre haverá manifestações.

EXPLICAÇÃO DA MOTIVAÇÃO

DO BLOCO NEGRO / ANARQUISTA

(...)

Primeiramente, sou um anarquista, e este texto foi escrito porque boa parte do posicionamento anarquista sobre táticas de enfrentamento de rua precisa ser explicada, principalmente após o assassinato do bravo combatente de rua Carlo Giuliani.

Ninguém deveria nutrir a expectativa de que uma transformação radical é um processo fácil e cômodo. Muitas pessoas estão furiosas, e perplexas diante dos acontecimentos em Gênova. Este artigo tem a intenção de ajudar a transformar parte dessa raiva e perplexidade em algo construtivo.

Uma vez que o movimento anarquista é um movimento antiautoritário constituído por livres pensadores, eu, é claro, somente falo por mim mesmo, mas acredito que muitos pensam a mesma coisa.

GÊNOVA

Não se trata simplesmente de uma defesa dogmática do Black Block de Gênova. O Black Block cometeu erros, estou certo disso, e existem controvérsias sobre como o Black Block pode eliminar seus problemas, porém ainda acredito no Black Block e na sua tática por muitos e bons motivos, que são:

(...)

3. Acredito que exibir pessoas revidando os ataques das forças de segurança não é sempre negativo ou leve as pessoas a se afastarem. Ao contrário da leve abordagem não-confrontacional de muitos outros ativistas, creio que a única maneira de manter a credibilidade é ser tão confrontacional quanto for apropriado em relação ao nosso oponente (nesse caso os líderes do G-8).

A confrontação efetiva, não a simbólica, é o que REALMENTE demonstra que estamos falando sério, e atrai mais pessoas ao movimento (diferentemente de contra-

encontros, manifestos, passeatas etc., embora tudo isso também desempenhe um papel muito importante).

4. Acho que esse movimento foi assim tão longe por causa da sua diversidade. Os grupos aos quais apontei discordâncias com relação a certos aspectos, ainda os considero bem-vindos ao movimento, ainda quero cooperar e chegar a um entendimento para não interferir nas suas atividades (uma demonstração de respeito que muitos anarquistas não recebem de volta).

(...)

CONFRONTAÇÃO

O debate sobre o uso da força ou da não-violência deveria ser realmente descartado. No seu lugar seria muito mais útil debater qual seria a melhor tática confrontacional em determinada situação. Não é nem o enfrentamento de rua nem a não-violência que atrai as pessoas para o movimento, e sim o nível de confrontação.

Pegue Seattle como exemplo ilustrativo. Lá ocorreram principalmente ações não-violentas, e a maior parte das ações nãoviolentas foram centrais para o sucesso do bloqueio. A efetividade do bloqueio por sua vez demonstrou a confrontação aos nossos opressores que precisávamos para darmos o pontapé inicial do movimento. Após Seattle as pessoas foram atraídas para o movimento devido à efetiva obstrução da OMC, e não porque manifestantes pacíficos foram espancados, como alguns gostam de achar.

Quando se olha todos os eventos antiglobalização pode-se observar que todos eles têm em comum uma fórmula simples: eles são bem-sucedidos porque não são uma simples manifestação, mas sim uma confrontação ativa.

Agora observe como as táticas se desdobraram, de Seattle a Praga, de Melbourne a Quebec. Em todas essas manifestações a não-violência e o enfrentamento de rua foram efetivos no fomento de uma estimulante confrontação.

Porém, cada vez mais, o papel dos ativistas comprometidos com a não-violência em alcançar uma confrontação com aqueles que nos opomos tem diminuído, em favor

do modelo de "protesto carnaval" que é, em uma escala de confrontação, na melhor das hipóteses apenas uma resistência simbólica.

São os anarquistas e o Black Block em particular, e cada vez mais grupos como o Ya Basta, que têm feito as táticas se manterem vigorosas e relevantes, por planejarem um modo de desafiar as cidades cercadas que agora são usadas pelos que estão no poder para proteger seus encontros.

MAS A VIOLÊNCIA É UM PROBLEMA

Não descarto os comentários feitos por pessoas que discordam do uso da violência. Na verdade eu encorajaria um diálogo entre as diferentes tendências um diálogo que, quem sabe, levaria à concepção de táticas melhores.

Um exemplo da interação de táticas de que necessitamos entre essas tendências seria a estratégia de separar as diferentes tendências (enfrentamento de rua/não-violência) em setores próprios, de modo' que as pessoas pudessem escolher como querem se envolver. Reconhecidamente esta estratégia às vezes falha, já que ela não leva em conta o fato de que a polícia nem sempre respeita a diferença, mas esse é o tipo de coisa sobre a qual devemos refletir e aperfeiçoar.

PARE A VIOLÊNCIA SENDO EFICAZ

A questão mais importante que precisa ser levada em conta diz respeito aos próprios ativistas comprometidos com a não-violência. Desde Seattle eles não têm conseguido, a maioria das vezes, criar novas táticas de ação direta não-violenta que mantivessem a confrontação entre nós e nossos opressores e adaptá-las ao modo de organização dos encontros.

Esses ativistas comprometidos com a ação direta não-violenta precisam imediatamente abandonar o modelo de bloqueio, e descartar a fórmula festa de rua/passeata como sua única reação, na medida que ambos são inefetivos para impedir esses encontros.

Em Gênova, os que estavam preparados para o enfrentamento de rua receberiam muito bem táticas não-violentas praticáveis para se entrar na zona vermelha e impedir a reunião do G-8.

Em retribuição às táticas não-violentas novas e efetivas, creio que o Black Block se absteria de usar a força enquanto essas táticas ainda funcionassem. Mas, como todos sabem, os que estão comprometidos com a ação direta não-violenta não aparecem com esses planos, eles se contentam com uma resistência simbólica, algo que sempre será intolerável para os que demandam uma transformação radical.

O QUE GANDHI TERIA FEITO?

Pense no que Gandhi teria feito. Teria ele sentado do lado de fora do portão de uma conferência, ou marchado em torno do centro de conferência, sabendo que isso não impediria nada, ou teria ele (talvez) escalado a cerca, ou feito outra coisa qualquer (isto é, encorajar uma greve geral)?

Eu pessoalmente, e muitos outros, não agüentamos assistir às pessoas serem passivamente espancadas, e nos defenderemos se atacados, mas respeitaremos os outros com suas próprias táticas. Se os teóricos da ação direta não-violenta aparecessem com alguma coisa eficaz, então eles receberiam o nosso apoio.

“A NÃO VIOLÊNCIA NOS ENSINA...”

Um dos problemas de fóruns como o Indymedia é a interminável retórica ostentada como argumento que aparece neles, tais como "violência gera violência" etc. etc. Essas pessoas precisam ser menos elitistas, descer do seu pedestal e perceber que as pessoas que lutam nas ruas refletiram sobre todas essas questões também, e simplesmente discordam.

Portanto, se queremos uma mudança de tática, se queremos acabar com o enfrentamento de rua, será preciso aparecermos com uma alternativa que continue a ser confrontacional. Uma das piores coisas do movimento, atualmente, é o modo como

as pessoas se contentam em culpar os outros pelos erros no dia, esquivando-se assim da sua própria responsabilidade de se adaptar às diversas situações.

UM APELO

Por fim, eu gostaria de fazer um apelo àqueles que se engajam em enfrentamentos de rua e igualmente àqueles que acreditam na ação não-violenta:

1. Devemos permanecer unidos. Separados somos a insípida força isolada que o Estado e o capital têm manipulado continuamente durante a maior parte dos últimos cinquenta anos. Cada facção precisa evitar ativamente uma cisão, influenciando os integrantes dentro de cada uma a não criarem uma divisão com base em interpretações dogmáticas de uma ideologia.

2. Nós, que agimos com uso da força e não-violentamente, precisamos trabalhar juntos para pensarmos como iremos confrontar nossos opressores durante o planejamento da nossa opressão, com o objetivo de impedir/paralisar não-violentamente, idealmente e primeiramente, mas com o uso da força se necessário.

3. Precisamos alargar nossas ações, em quantidade de participantes e em estratégia, incluindo ações que não sejam anti-encontros. A transformação radical muito dificilmente virá apenas paralisando essas reuniões (mas é um bom começo).

Podemos ganhar, estamos ganhando... solidariedade!

James Anon
26/07/2001

GÊNOVA: INDO ALÉM DO

DEBATE SOBRE A VIOLÊNCIA⁶²

O contra-encontro do G-8 amplificou as fraturas que existiam entre as diferentes correntes “anticapitalistas” ou as ditas “antiglobalização”... Passado Gênova, uma violenta campanha política de desinformação foi conduzida contra os "Black Blocks", pelas organizações de uma certa esquerda na qual a ATTAC⁶³ é o representante mais significativo⁶⁴. A nós, da rede *No Passaran*, parecidos certamente importante abrir o debate sobre a violência, mas também e sobretudo sobre as apostas que estão por trás desse debate.

Segue aqui uma contribuição sobre a violência em Gênova, cuja única pretensão é sintetizar alguns caminhos de reflexão. Antes do próximo encontro da União Europeia, que ocorrerá em Bruxelas em dezembro de 2001, e do muito provável aumento em vários níveis da repressão policial, nos parece urgente refletir sobre nossas práticas e nossas estratégias.

Sem esquecer que em relação aos manifestantes presentes em Gênova, existem e subsistem profundas fraturas quanto às finalidades políticas: tendo de um lado as organizações em busca de respeitabilidade, e que não possuem outros objetivos além de servir de *lobby* a fim de instituir um capitalismo "suportável"; e do outro os grupos que procuram se auto-organizar sobre bases realmente anticapitalistas, isto é, que não têm por finalidade uma reorganização humanista do sistema de globalização do capitalismo, mas sim a erradicação deste último.

OS “BLACK BLOCKS”. UMA CONSTRUÇÃO MUDIÁTICA

Desde a preparação de Gênova, seja em relação ao FSG (Fórum Social de Gênova, organizador da manifestação "pacífica") ou às suas instâncias locais, o

⁶² Artigo originalmente publicado em *No Passaran* n. 1, setembro de 2001, *Novo Formato*, publicação da rede francesa de mesmo nome.

⁶³ Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos, uma organização surgida na França que luta pela tributação do capital financeiro. (N.T.)

⁶⁴ Ao menos na França, onde se encontra o público ao qual este artigo foi dirigido. (N.T.)

cuidado foi evitar a violência - quer ela viesse da polícia ou dos Blacks, sabendo que esses últimos são frequentemente diabolizados ou mistificados como sendo "psicopatas", porras-loucas incapazes de refletir ou de conduzir uma ação política. Nessa altura, deve-se lembrar duas coisas. Primeiramente, não existia "um" Black Block, mas Black Blocks: os grupos estavam pouco organizados entre si e cada um possuía sua própria estratégia, seus próprios modos de ação. Além disso, a terminologia Black Block, importada dos EUA, dificilmente é transponível aos grupos europeus (voltaremos a esse assunto em outros números). Em segundo lugar, de acordo com os contextos históricos ligados a cada país europeu, os grupos denominados Black Block designam entidades políticas muito distantes: anarquistas, marxistas-leninistas, maoístas etc., e as implicações políticas e sindicais ou associativas de seus membros variam enormemente.

O DESPREZO FÁCIL DOS NÃO-VIOLENTOS

Para as centenas de associações européias signatárias, tratava-se portanto, antes de tudo, que o contra-encontro se passasse nas melhores condições possíveis, sem que os "detestáveis destruidores" viessem estragar a festa. Um percurso foi assim definido em acordo com as autoridades italianas, a fim de evitar atritos com o exército e a polícia. Equipes, que com muita infelicidade foram constituídas do lado dos "não-violentos", deveriam também impedir que os elementos perturbadores trouxessem a polícia na sua cola.

Peguemos o Pink Block como exemplo de não-violentos sinceros. Associados em tomo dos ingleses do Globalize Resistance, eram parte integrante do FSG. Presente sob múltiplas formas e reivindicações no interior dessas grandes mobilizações, ele é na maior parte constituído por militantes que enaltecem e utilizam a não-violência. A força motriz dessas formas de organização são múltiplas:

1. evitar um enfrentamento que se sinta incapaz de gerir, seja por motivos físicos ou organizacionais,

2. um resto de confiança nas instituições ("não nos acontecerá nada se não formos violentos"),
3. a convicção profunda de que a violência continua a ser a pior das soluções etc.

Quer estejamos politicamente de acordo ou não, devemos por isso nos fechar numa forma de contestação? Certamente que não. Com razão que uma parte dos manifestantes libertários e comunistas, vindos de todos os países europeus, não estavam ao lado dos "Blacks" mas sim no cortejo "White" dos Tute Bianche. Com razão que os grupos que constituíam os "Pinks" não defenderam uma posição anti-Black Blocks, mas antes convocaram o apoio incondicional de todos os militantes feridos e/ou encarcerados.

Além disso, um detestável machismo militante tende a desprezar toda forma de contestação que exclui *ipso facto* a violência, qualquer que seja a situação. Os grupos libertários europeus se deram ao trabalho de discutir, de se encontrar suficientemente com os grupos que se reclamam partidários desta não-violência absoluta?⁶⁵

Uma incompreensão mútua persiste, baseada num não-conhecimento de suas redes, que são na maior parte constituídas por "jovens militantes" nem sempre muito politizados. Desprezá-los ou ignorá-los não é muito conveniente. Tentar trabalhar com eles sobre bases claras talvez possa, em compensação, "abrir os espíritos" de ambas as partes. Não é todo mundo que tem a capacidade física e moral, antes de tudo por não estar acostumado, para praticar formas de intervenção política radicais.

Basear-se unicamente no discurso político "violento", que realça às vezes um machismo militante na sua proposição essencial (e frequentemente deslocada das práticas reais!), não é necessariamente a coisa certa, tampouco garante que os grupos libertários sejam capazes de criar um movimento cultural e político de amplitude.

Por falar nisso, essas pessoas passam seu tempo praticando guerrilha urbana? Sabe-se a resposta...

⁶⁵ Entre as organizações francesas presentes no "Pink Block" estava principalmente a AARRG 11 (Aprendizes de Agitadores por uma Rede de Resistência Global), uma jovem rede política (mais ou menos) informal, presente principalmente em Paris, Montpellier e Toulouse.

UMA PROFUNDA VONTADE POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO

Mas que não se enganem. Para a maior parte das centenas de associações integrantes do FSG, a vontade era acima de tudo de buscar uma institucionalização e uma respeitabilidade, sob o pretexto de que a “sociedade civil não comporta a violência”:

Passado Gênova, as declarações anti-Black Blocks fundiram-se nas mídias do poder - se elas foram acertadas ou não, não vem ao caso. De acordo com uma mistura de declarações de vários nomes da esquerda crítica (Christophe Aguiton⁶⁶, José Bové⁶⁷, Susan George⁶⁸), aqueles que são aliás representantes do mesmo campo político aglutinado em torno do *Le Monde Diplomatique*, os Black Blocks haviam "colaborado com os carabinieri", levavam os contra-encontros a um impasse, faziam mal aos militantes não-violentos etc.⁶⁹ Com uma extraordinária agilidade política, que deixará sem dúvida profundas marcas nas lutas que virão, os "líderes" franceses do antiliberalismo quiseram assim endossar a repressão policial sobre aqueles que talvez tenham sido as primeiras vítimas - os Black Blocks! Aproveitamos para cumprimentar Berlusconi e seu governo por sua habilidade política, que orquestrou uma repressão a fim de desacreditar e dividir o movimento social presente em Gênova. As manobras policiais, embora grosseiras, conseguiram desta forma semear a discórdia entre os inúmeros militantes pacifistas.

UMA FRATURA POLÍTICA DETERMINANTE

Seguramente, essa fratura política já existia. Mas depois de Gênova, ela tende a se tornar mais premente e a impor que cada um tome uma posição, principalmente os militantes de grupos como ATIAC ou CCCOMC⁷⁰. Os responsáveis políticos dessas

⁶⁶ Membro da ATTAC francesa. (N.T.)

⁶⁷ José Bové é um dos dirigentes da Confédération Paysanne, um sindicato de agricultores francês. Ficou conhecido mundialmente pela luta contra os alimentos transgênicos e por ações "antiglobalização". (N.T.)

⁶⁸ Vice-presidente da ATTAC. (N.T.)

⁶⁹ No Brasil, esse tipo de crítica, vinda do mesmo campo político, apareceu na revista *Caros Amigos*. (N.T.)

⁷⁰ Coordenação para o Controle Cidadão da OMC. (N.T.)

respeitáveis máquinas apostam na institucionalização da luta contra os encontros do G-8, um meio como outro qualquer para ampliar sua própria influência política. A fim de alcançar uma legibilidade política, eles precisam mais de militantes que cuidadosamente se enquadrem, do que de anarquistas que recusam seguir as premissas de um encontro político o qual eles se contrapõem. Esse desejo de enquadramento esconde também profundas diferenças políticas, que me parecem irreconciliáveis. As associações supracitadas buscam mais aparar as arestas do "ultraliberalismo", enquanto as organizações claramente anticapitalistas associam, cada uma a seu modo, as lutas locais a esses contra-encontros, que não são mais do que uma “grande cereja sobre o bolo”, um símbolo forte, e não um fim em si mesmo. Se o G-8 tivesse sido abolido, seria certamente uma vitória simbólica... Todavia, todos nós estaríamos na segunda-feira seguinte novamente com o rabo entre as pernas dentro das nossas respectivas parcelas do mundo-capital. Tentemos definir mais precisamente as linhas de fratura entre esses dois campos políticos.

Abaixo segue aquilo que reclama o campo do "controle cidadão do liberalismo":

1. A representação: para poder existir, o movimento antiglobalização teria necessidade de representantes claramente definidos, seja sob forma de conselhos científicos ou de ONGs. Esse conselho de cidadãos esclarecidos deveria reunir pesquisadores e universitários versados na arte da dissecação das instituições de regulação do capitalismo: o FMI, o Banco Mundial, a OCDE etc. O conhecimento dos mecanismos econômicos induzidos por esses organismos, e as competências reais em economia desses "especialistas" os colocam no topo da sua organização política. O peão de base sendo ele convidado a ter direito de agitar as bandeirinhas. Esta forma de organização piramidal, tendo no topo as "grandes cabeças", e com uma democracia digamos muito burocrática e autoritária, é típica dessas organizações⁷¹. Quanto tempo os militantes de base suportarão essa forma de menosprezo? As apostas estão abertas, mas, que eu saiba, Gênova criou um novo foco de crise... Muitos dos coletivos locais da ATTAC emitiram comunicados convocando o apoio a todos os militantes acusados.

2. Um desejo de hegemonia: uma espécie de contrapensamento único está

⁷¹ Desse modo, a ATIAC não hesita em excluir militantes ou marginalizar grupos locais que não seguem direito a linha do partido.

também em vias de se formar, cuja tocha é carregada na França pelo jornal *Le Monde Diplomatique*. Segundo seus representantes, é preciso se opor ao mordaz capitalismo americano com o gentil liberalismo europeu, que seria reformável, caso se empreenda a tarefa de orientar a comissão e o parlamento europeus. José Bové em agosto, antes da sua briga com Pascal Lamy (relator da comissão européia), tinha objetivos parecidos. Mas esse desejo de hegemonia se manifesta também através de um certo menosprezo. Menosprezo das formas de resistência locais (sindicatos, desempregados/precarizados, imigrantes sem visto, squats...). Menosprezo do passado: quantas vezes temos lido que as "coisas pra valer" começaram em Seattle com o contra-encontro de Seattle, em 1999⁷²? Esta negação da memória revolucionária, das lutas de centenas de milhões de explorados há dois séculos, e também daquelas que se desenrolam atualmente longe das câmeras ou das altas esferas intelectuais, é uma verdadeira forma de violência, de profundo desprezo e de um egocentrismo sem limite.

E que se venha depois nos falar de bancos que queimam!

DE QUE TIPO DE VIOLÊNCIA SE FALA?

Examinemos, justamente falamos disso, os bancos em chamas. Só para pegar o exemplo de Gênova, é difícil pôr no mesmo nível todas as formas de violência. Algumas se assemelham certamente mais a um gesto de raiva ou de violência gratuita. Queimar um Lada (ou equivalente...) não me parece nem muito claro, nem muito capaz de criar vínculos. Ao contrário, pilhar um banco é uma mensagem política clara. Para infelicidade dos pacifistas extremados, que crêem que o resto da população civil não compreende este tipo de atitude, eu consigo imaginar sem dificuldade muitos RMistas⁷³ e desempregados de longa data não chorarem ao verem um organismo financeiro virar fumaça... Talvez seja necessário ter vivido com menos de 3 mil francos por mês para melhor compreender. Essa violência, em todo o caso, é apenas

⁷² No Brasil, quantas vezes temos lido no discurso desse mesmo campo político que as "coisas pra valer" começaram no Fórum Social Mundial de Porto Alegre (organizado por eles e com alto investimento político), desprezando pelo esquecimento os Encontros pela Humanidade impulsionados pelos zapatistas, as conferências da AGP e todos os demais encontros que articularam a resistência popular global? (N.T.)

⁷³ O RMI (Revenu Minimum d'Insertion) é um programa francês de auxílio-desemprego e reinserção no mercado de trabalho. (N.T.)

uma irrisória resposta àquelas a que são submetidas as multidões de excluídos, de pobres, e grande parte da população mundial. Creio que não é necessário apresentar aqui os números e os fatos. Basta consultar o *Le Monde Diplomatique*...

Sendo assim, os movimentos sociais da Europa apenas muito raramente são violentos de maneira espetacular. Trata-se geralmente de ocupações, de "resistências", ou disso que se denomina "a autodefesa social". No caso das classes delinqüentes, dentro de seu aspecto não político, trata-se geralmente de agressões ou de roubo, com o objetivo de recuperar uns trocados. Contrariamente ao que é veiculado pelos políticos e pela mídia, a Europa, fora dos Bálcãs, nunca viveu também um período longo de tranqüilidade social. As causas são muito claramente políticas: classes inteiras submetidas à precariedade e vivendo situações de pobreza não vêm a hora de aparecerem outras alternativas que se mostrem compatíveis com o "sistema", a fim de se integrarem e de receberem novamente as migalhas. Mas as causas são também culturais: vivemos em meio a relações sociais cada vez mais delicadas e complexas. Se um dia as rixas, em todos os meios, eram moeda corrente no início do século passado, mostrar-se hoje em dia violento na sua vida cotidiana (seja fisicamente, psicologicamente, e também verbalmente) é o meio mais seguro de ser banido dos grupos dentro dos quais se vive!

Nesse sentido, as formas de violência que podemos exercer devem sempre corresponder em intensidade a uma realidade dada e serem motivadas politicamente (essas mesmas violências não consistem, quero insistir, em cometer atentados cegos: um dos seus paroxismos atuais sendo antes trancar o patrão no seu escritório, o que é muito prazeroso diga-se de passagem). Foi o que fizeram, por exemplo, os FTP⁷⁴ de Marseille...

UMA VIOLÊNCIA EM CORRESPONDÊNCIA COM A REALIDADE DOS FATOS

Mas por que se manifestar de forma violenta? Não podemos trazer abaixo este

⁷⁴ Francs Tireurs Partisans, grupo que realizava ações de sabotagem contra as estruturas da Frente Nacional (frente de cunho fascista) entre 1991 e 1998 na França. (N.T.)

sistema permanecendo ,zen, em uma espécie de viagem mística coletiva? Creio que as pessoas que estão na nossa frente não gostariam de perder seus privilégios, e estão determinadas a fazer realmente tudo para conservá-los. As violências policiais e os tiros de balas de verdade não assustam os proprietários, nem os Estados que latem a seus pés. A violência usada, seja nos encontros ou nas lutas locais, será sempre apenas um fraco pretexto para uma desforra.

Vivemos num país rico. Apesar dos trabalhos estafantes, dos finais de mês difíceis, uma parte de nós consegue viver dignamente, com o mínimo necessário e até mais. Muito bem. Isso é uma razão para se suportar esses mesmos finais de mês difíceis, as humilhações, os trabalhos forçados? Não se deve esquecer também que na imensa maioria do país, para a maioria da população, levantar-se contra um Estado policial, lutar sindicalmente para defender seus direitos, é arriscar bastante, pelo menos sua liberdade e freqüentemente sua vida! Na França e na Europa, com as políticas de reforma social e com o crescimento do controle social (através da videovigilância, o mapeamento das classes delinqüentes, a criminalização dos militantes...), que estranhamente vão caminhando junto com os "rumores persistentes" de uma nova recessão econômica, podemos nos encontrar, amanhã, obrigados a sermos violentos para sobreviver. Não somos nós que somos "violentos", são as situações vividas que exigem uma resposta apropriada. Resposta que diz respeito à gravidade dos fatos, assim como às pessoas contra quem e por quem lutamos. Iremos impedir uma expulsão de imigrantes sem visto soltando balões coloridos? Nunca! Pode ser que nesse caso a força física também não adiantasse, certamente, mas é também uma questão de adequação às idéias pelas quais lutamos: a não utilização de métodos infantis e bem comportados, totalmente desconectados da realidade de vida desses mesmos extraditados. Da realidade de vida dos milhões de desempregados, dos sem-direito, dos sem-teto, sem-visto, trabalhadores precários ou pobres, jovens criminalizados ou empurrados ao crime... dos quais freqüentemente fazemos parte. Colocando nossos corpos, tendo contato com as situações, arranhamos a sociedade do espetáculo, que possui a tendência de diminuir a gravidade de tudo e de adormecer as consciências. E que não se enganem, numa situação real e vivida, apelar à violência é

freqüentemente um fator mais de mobilização do que de rejeição! Ela nos mobiliza claramente, uma vez que nos faz assumir riscos pessoais, de um ponto de vista jurídico, físico e financeiro. Portanto ela produz um envolvimento mais profundo, que supera o engajamento distanciado e o "completamente lúdico". Mobiliza também à nossa volta porque ela corresponde a uma raiva carregada por aqueles e aquelas que não se resignam à miséria e à precariedade.

ENRAIZANDO NOSSA RESISTÊNCIA NA SOCIEDADE CIVIL

Essa mesma violência política pode marginalizar e criminalizar os militantes anticapitalistas e revolucionários. Devemos refletir sobre sua utilização, e mais uma vez adaptar os meios aos fins, sem assumir riscos inúteis. Mas que fique claro, mesmo as manifestações sindicais e políticas não-violentas são criminalizadas, por pouco que elas toquem nos interesses das classes dominantes. Para que se intervém politicamente? Para testemunhar? Para construir relações de força? Para viver de forma diferente, aqui e agora? Nesses dois últimos casos, por pouco que nossas idéias estejam em compasso com nossas práticas, nos arriscamos cada vez mais. A fim de não cairmos de novo no chão, devemos urgentemente desenvolver relações de força políticas que se apoiem sobre a maior quantidade possível de terrenos culturais e associativos. Se nos reforçamos sobre essa base, se dia após dia nos constituímos de comitês de resistência a essas situações vividas (precariedade, PARE⁷⁵, sem vistos...), reforçamos os movimentos culturais, no sentido amplo do termo, e recusamos a separação entre nossa vida política e não-política. Não somente fazemos progredir nossas idéias, mas o Estado, só com muita dificuldade, conseguirá nos separar do resto da sociedade civil. Fácil falar, você pode ter pensado consigo mesmo etc. Certamente. Por que não se faz então? Por que em uma determinada luta não chamamos associações de consumidores, grupos culturais, pessoas do nosso bairro etc.? Eles não são "politicamente corretos" o bastante? Talvez eles começassem a sê-lo em uma

⁷⁵ o PARE (pland'Aide au Retour à l'Emploi) é um sistema francês de auxílio ao desempregado. (N.T.)

situação real e vivida. Talvez fosse preciso raciocinar em coletivos verticais, reagrupando as pessoas e associações que acrescentam suas competências políticas, jurídicas, culturais etc., e não mais horizontais (os libertários são cômicos)... Talvez seja preciso baixar sua guarda, parar de alimentar seu orgulho anarquista, arregaçar suas mangas e assumir os riscos ao invés de se decorar com um estandarte preto... Se temes perder tua alma íntegra e pura, talvez seja porque não tenhas suficiente confiança na força de nossas convicções e em nossa determinação de destruir o capitalismo, dia após dia, resistência após resistência.

Raphaël scalp / reflex

UM TRABALHO ITALIANO

(...)

De certa forma, a mídia ganhou sua batalha, impondo uma representação do protesto com base em cores, uniformes e facções. O fato dos Tute Bianche jogarem o jogo da mídia facilitou isso. A mutação de nossas táticas é o único instrumento que temos para não cairmos nessa armadilha, a armadilha de senos os atores em uma trama que não escrevemos. No teatro de Gênova, as táticas foram os únicos elementos que identificavam os grupos, ao mesmo tempo em que as diferentes vozes não eram ouvidas. Certamente, as verdadeiras vozes dos indivíduos no Black Block não foram ouvidas. Eles eram os "inúteis bademeiros". A maioria dos companheiros que expressam sua feroz crítica do Black Block não tinham a mínima ideia do que na verdade significava Black Block, ou da complexa composição política formada pelos indivíduos que escolhem a destruição de propriedade como uma forma de protesto político. A crítica deles é construída apenas com base na "tática" do Black Block.

Os Tute Bianche confundiram a simulação da luta com a própria luta e ficaram perdidos quando o Estado decidiu não jogar o jogo deles. O que era novo e inovador a princípio, tomou-se um ritual, e conseqüentemente comodista. Alguns atores não foram sequer mencionados uma vez que não possuíam uma identidade midiática, como

a FIOM⁷⁶ e até mesmo a COBAS.

Enquanto continuamos a identificar a nós mesmos e aos outros pelas táticas e não pelos objetivos ou idéias, corremos o risco de nos fixarmos tão rigidamente a essas táticas a ponto de transformá-las na coisa mais importante na nossa luta. Nossa luta não é uma luta por identidade, e a defesa de papéis e táticas a todo custo só faz sentido no interior do movimento e não fora dele.

Uma vez que um movimento de protesto constrói seu caminho em todo o tecido social, ele começa a fazer completo sentido às pessoas e se conecta com suas vidas cotidianas e lutas pessoais contra o capitalismo, e as táticas de protesto e identidades de grupo encontrarão seu legítimo lugar como instrumentos para chegarmos aos nossos principais objetivos políticos.

Becky

Em meio ao frenesi fascistoide alimentado pela mídia, que emergiu logo após os "atentados" de 11 de setembro ao Pentágono e ao World Trade Center nos EUA, as ONGs que participariam dos protestos em Washington D.C. durante a reunião do Banco Mundial e FMI, no dia 29 de setembro, suspenderam suas manifestações antes mesmo do Banco Mundial e FMI suspenderem suas reuniões. Organizações, como a Rukus Society, suspenderam seus cursos de ação direta não-violenta (aquelas mesmas que costumam excomungar os Black Blocks). O Sierra Club, maior ONG ambientalista dos EUA, chegou a suspender até mesmo suas críticas à política ambiental do governo Bush. Em suma, quando uma forte onda de racismo, de nacionalismo fascistoide (um pleonasmo), e de um consenso tirânico fabricado pela mídia que abria espaço para a perseguição de qualquer dissidência, as ONGs e grupos mais institucionalizados de "esquerda" se calaram, consentiram, apoiaram o setor mais conservador da ordem estabelecida com seu silêncio. E isso exatamente na hora que a voz da dissidência se faz mais necessária, isto é, quando o consenso quer parecer mais

⁷⁶ Federazione Impiegati Operai Metallurgici (Organização Sindical Italiana). (N.T.)

inquestionável.

Mas sobram os anticapitalistas, além de outros que não desistiram, que saíram às ruas em Washington D.C. no dia 29 de setembro. Os que formariam o Black Block foram cerca de 2 mil, usaram táticas menos agressivas que as usuais, para protestar contra a guerra que espreitava e o capitalismo que a criava. A polícia bateu e prendeu, embora esses manifestantes quisessem fazer apenas uma passeata.

Em São Paulo, cerca de mil anticapitalistas e antiautoritários participaram de uma manifestação contra o capitalismo, o terrorismo, a guerra e os fundamentalismos econômico e religioso no mesmo dia. Muita criatividade foi usada, dando forma a um teatro de rua encenado por centenas de pessoas... Em outras cidades do Brasil, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Rio Grande, entre outras, ocorreram atos de mesmo conteúdo, autogeridos e com caráter libertário, apesar do Banco Mundial e FMI terem cancelado suas reuniões nessa data.

Em mais de oitenta cidades do mundo aconteceram manifestações contra a guerra e o capitalismo nos dias que ocorreriam as reuniões do Banco Mundial e FMI em setembro de 2001. Em Roma, 100 mil pessoas participaram, em Nápoles 30 mil, em Washington D.C. foram 25 mil ao todo.

N.L.

NOVA CHAMADA À AÇÃO DE CONVERGÊNCIA ANTICAPITALISTA⁷⁷

A Convergência Anticapitalista (ACC) está dando continuidade à nossa mobilização em Washington D.C. de 24 de setembro a 12 de outubro. Estamos chamando uma passeata contra a guerra capitalista que cresce, no sábado pela manhã, 29 de setembro, e convidamos todos aqueles interessados em criar um mundo livre de terror, ódio, racismo, pobreza e guerra a manifestarem nossa unidade e visão de um mundo melhor.

⁷⁷ Emitido dia 20 de setembro de 2001.

(...)

Assim como a maioria das pessoas, ficamos chocados com os eventos do dia 11 de setembro. (...) A grandiosidade desta crise afetou todos nós. O Banco Mundial e o FMI cancelaram seus encontros e muitos grupos cancelaram suas manifestações e eventos.

(....)

O governo dos EUA não consegue reconhecer a interligação de todas as formas de violência. Explosão de bombas, o apoio a ditaduras, trabalhos semi-escravos que trazem lucro para as corporações dos EUA, a dívida do terceiro mundo, a fome no mundo e a falta de abrigo e de assistência médica são elas todas formas de violência. O medo e o desespero que crescem da pobreza e da opressão são fundamentais para se compreender a violência no mundo. Trinta e cinco mil pessoas morrem de fome por dia embora exista comida suficiente para alimentar todas. O terror é sempre terror, quer ele venha da morte pela fome, do medo da escravidão pelas corporações ou do medo de bombas e aviões que caem. Enquanto não compreendermos a violência das nossas políticas exteriores, econômicas e militares, continuaremos a alimentar as condições que tomam este tipo de terrorismo possível.

No sábado de manhã faremos uma Passeata Anticapitalista Contra o Ódio. De tarde organizaremos nossa Zona Autônoma Temporária. (...) Será uma zona sem ódio, uma zona sem guerra, e uma zona sem capitalismo. Encorajamos a todos que contribuam, seja com uma aula para a escola livre, oferecendo assistência médica básica, tocando percussão, trocando roupas, compartilhando conhecimentos e habilidades, fazendo uma performance, discutindo estratégias, preparando comida e muito mais!

(...)

A reunião da OTAN que ocorreria em Nápoles no dia 26 de setembro foi cancelada, as manifestações de rua que ocorreriam estiveram no centro do motivo. Segunda vitória sobre a OTAN por W.O.

Após Seattle, a reunião ministerial da OMC foi marcada para o Qatar. Aqueles

que mais gostam de evocar a democracia e a liberdade para empurrar goela abaixo dos outros o tal "livre comércio", escolheram um país no qual manifestações e protestos são proibidos. A Rodada do Milênio tinha que sair de qualquer jeito dessa vez. Dia 9 de novembro, data do início da reunião, ocorreram manifestações descentralizadas em mais de cinquenta cidades no mundo, incluindo algumas cidades brasileiras, sendo que as maiores ocorreram na Índia, onde 50 mil pessoas se manifestaram através de ações de desobediência civil.

Na semana seguinte, dia 16 de novembro, o Banco Mundial e o FMI fariam a reunião que havia sido adiada devido aos acontecimentos de 11 de setembro. A cidade era Ottawa e, apesar do pouco tempo para se organizarem, as manifestações de protesto reuniram cerca de 5 mil pessoas, incluindo o Black Block. Lá, Black Block e o resto dos manifestantes se apoiaram mutuamente.

Em Ottawa ficou claro que o "movimento" estava retomando o fôlego, após a reação fascistóide pós-11 de setembro. As coisas voltariam ao "normal"... as ruas seriam reclamadas, seriam novamente palco de dança, teatro, festa, de transformação de fachadas, revolta... e um lugar não muito confortável para os gestores do capitalismo global. De qualquer forma, ruas sem confrontos e cúpulas sem grades de proteção talvez apenas signifiquem que algo de novo está por vir, e que os "inimigos" se esquivaram da previsibilidade; recolhidos temporariamente, reinventando-se, permanecendo em *movimento*...

a ser continuado...

ERA ASSIM ANTES...

(...)

Veio a manhã de sexta - tensão, excitação e medo enchiam o ar. Esse era o dia do ajuste de contas, o dia do nosso ódio contra aqueles merdas que estão atrás da sua Zona Vermelha. Hora de um pouco de vingança, hora de retirar as caras gordas deles da mídia e substituí-las por manifestações da nossa raiva. Eu fui com o Black Block - aquele nome tão temido! Após a batalha de Gênova, a estratégia do Estado era clara: atacar brutalmente e dividir politicamente o movimento, e parte dessa divisão era baseada na demonização do Black Block. No âmago dessa demonização há um ataque à idéia de confrontação ao Estado - e um ataque à idéia de que não precisamos de líderes, de que podemos agir autonomamente, por nós mesmos e à margem da ordem estabelecida.

(...)

Adam Porter

APÊNDICE⁷⁸

IMAGENS ACRESCENTADAS PELO COLETIVO SABOTAGEM

Todas as imagens exibidas em forma de mosaicos no início de cada capítulo têm como fonte a internet. Existem amplos bancos de imagens sobre cada uma das manifestações, assim como conjuntos de fotos de excelente qualidade tiradas por muitos dos manifestantes em seus próprios sites. Os principais sites onde as fotos foram coletadas são:

www.indymedia.org

www.resistance.org.au

www.ainfos.ca

www.infoshop.org

www.reclaimthestreets.net

A idéia de disponibilizar as imagens junto com os textos têm como intenção aproximar o leitor de acontecimentos que são constantemente negados as grandes multidões, tornar mais palpável ação política desses movimentos sociais antiglobalização, que permanentemente são ocultados pela mídia corporativa.

⁷⁸ Espera-se que esta lista esteja completa. Mas de qualquer forma o importante é incentivar as pessoas a apoiarem e entrarem em contato com os diversos presos políticos espalhados pelo mundo. Listas deles circulam, desde ecologistas que praticam ação direta até indígenas que resistem à opressão e ao genocídio capitalistas.

LISTA DAS PESSOAS AINDA PRESAS NOS PROTESTOS ANTICAPITALISTAS CONTIDOS NESTE LIVRO

LONDRES, JANEIRO DE 1999 (J18)

ROBERT THAXTON, endereço: #12112716, 777 Stanton Street, Ontario, OR 97914 EUA.

AÇÃO GLOBAL, MAIO DE 2000 (MAYDAY2000)

MICHAEL COLLINS, endereço: FR6303, HMP Elmley, Church Road, Eastchurch, Sheerness, Kent, ME.12 4AY, Inglaterra. Condenado a dois anos. Atualmente não lhe é permitido receber qualquer tipo de literatura política, portanto não tente enviar. Cartas são sempre bem-vindas.

QUEBEC, MAIO DE 2001

VAUGHN BARNNET, endereço: Centre de détention de Québec, 500, rue de la Faune, c.P. 7130, Charlesbourg, Québec, G1G 5E4 Canadá. Vaughn originalmente enfrentava uma acusação de "obstrução do trabalho da polícia", mas mais tarde teve a acusação adicional de "ataque a um policial".

JEAN PIERRE BÉLANGER, endereço: Centre de détention de Québec, 500, rue de la Faune, C.P. 7130, Charlesbourg, Québec, G1G 5E4 Canadá. Pegou seis meses por "ameaça de morte a um policial".

MARIO BERTONCINI, 04.2.78, endereço: Centre de détention de Québec, 500, rue de la Faune, C.P. 7130, Charlesbourg, Québec, G1G 5E4 Canadá.

ALEX BOISSONNEAULT, 14.4.79, endereço: Centre de détention de Québec, 500, rue de la Faune, C.P. 7130, Charlesbourg, Québec, G 1 G 5E4 Canadá.

STÉPHANE PAQUET, 15.2.80, endereço: Centre de détention de Québec, 500, rue de la Faune, C.P. 7130, Charlesbourg, Québec, G 1 G 5E4 Canadá. Pegou nove meses por "prejuízos de mais de 5 mil dólares" (destruindo vidraças incluindo um ponto de ônibus) e "participação em distúrbios”:

ROMAN POKORSKI, 09.11.78, endereço: Centre de détention de Québec, 500, rue de la Faune, C.P. 7130, Charlesbourg, Québec, G1G 5E4 Canadá.

VICTOR QUENTIN, 23;2.80, endereço: Centre de détention de Québec, 500, rue de la Faune, C.P. 7130, Charlesbourg, Québec, G1G 5E4 Canadá.

Observação: as cartas devem ser enviadas com as datas de nascimento dos destinatários no envelope. Os que não têm suas penas especificadas ainda aguardam julgamento.